

DICIONÁRIO DO Lustosa

de algumas lembranças, indiscrições confessadas
e fatais omissões, composto pelo jornalista
Lustosa da Costa dos seus guardados de amizade
e conhecimentos acumulados



Lustosa da Costa



ABC
EDITORA

Ex-repórter político da sucursal de *O Estado de S. Paulo* e do *Correio Braziliense* em Brasília, Lustosa da Costa é atualmente, colunista político do *Diário do Nordeste* em seu Ceará em cujas páginas, aos sábados, publica crônicas. Em 2000 Lustosa foi eleito membro da *Academia Brasileira de Letras* no lugar de Bernardo Elis e ganhou o *Prêmio Ideal Clube de Literatura*, com o livro de crônicas "Rache o Procópio!".

Lançou, em maio de 2002, na Embaixada do Brasil em Lisboa, a edição portuguesa de seu romance "Vida, paixão e morte de Etelvino Soares", versão romaneada da tragédia do jornalista sobralense Deolindo Barreto, trucidado em junho de 1920, em plena luz do dia, na Câmara Municipal da cidade. É autor ainda de "Foi na seca do 1919" livro de contos, ambientados em sua cidade, Sobral. Bem como de livros de crônicas históricas "Sobral do meu tempo", e "Clero, povo e nobreza de Sobral", Edições do Senado Federal, "Louvação de Fortaleza", "No aprês-midi de nossas vidas", "Rache o Procópio" e "Como me tornei sexagenário", estes publicados pelas Edições Alagadiço Novo, da Universidade Federal do Ceará.

Em seu "Dicionário" fala da família, dos amigos, das cidades que ama, Sobral, Fortaleza, Brasília, Lisboa, Paris, do uísque, dos vinhos, consumidos em quantidades industriais, de enfermidades que o levaram a se render à pregação dos catequistas da sobriedade e da temperança que sempre o assediaram.

Paulo José Cunha



...Mais j'ai vivement goûté les savoureuses évocations de la vie à Fortaleza, et j'ai suivi avec plaisir un Cearense dans ses promenades parisiennes. Quand l'occasion s'en présentera, aurez-vous là bonté de fair part à Mr. Lustosa da Costa de mon estime e et de ma sympathie?

(Claude Lévi-Strauss)

Gostei também do livro. É algo diferente do anterior. Lendo os dois de seguida voltei a encontrar histórias e afirmações que estão repetidas no outro, no entanto voltei a gostar muito da sua muito bem cozinhada prosa, mas com sabor natural. Há lá, por exemplo, tiradas muito giras sobre o casamento e a amizade, mas são sobretudo as Cartas do Beco, na minha opinião, o melhor do livro. Uma prosa bellissima, fluente e gostosa, humana e rica. Uma frase pelo menos retirei para passar a citar: "Sabe-se bem mais quando não se convive com os factos." Conheço outras à volta da mesma idéia, mas a sua frase é deveras lapidar. De mestre. Mas o livro tem outras frases de grande conseqüimento.

Obrigado por me ter retirado da ignorância de existir um tal Lustosa da Costa cronista.

(Onésimo Almeida)

Lustosa é igualzinho àqueles mágicos de circos que tiram da cartola pombas e fitas de toda as cores e fazem com que pedaços de jornais se transformem em rosas vermelhas aos olhos da platéia. Por tudo isso, resolvi concluir este bilhete com estas justas palavras do sempre correto Edmilson Caminha Júnior, no início do prefácio que escreveu para o livro de Lustosa da Costa: "...o texto de Lustosa permanece como literatura e literatura de muito boa qualidade - sobrevivendo aos que se produzem para durar apenas 24 horas".

(Francisco Carvalho)

Recebi o livro de Sobral e o livro do Beco. O do Beco li todo e é aquilo mesmo que lhe relatei no e-mail de logo mais cedo. Achei o livrinho simplesmente ótimo, no que deve ter influído a minha ligação - saudades de lá da terrinha e da maioria daquelas pessoas. A página 137 - "no mínimo um marido e um vestido branco..." e por aí, achei ótima de poeticidade e escrito verdadeiro. Que as histórias podem ser banais, não tem nenhuma importância, mas se forem poéticas - assim penso - ficam; enquanto que histórias complexas se não tiverem o toque poético desaparecem na primeira curva do esquecimento histórico".

(Soares Feitosa)

Lustosa da Costa novamente em livro. Festa para quem gosta de boa leitura. Lustosa é saboroso. Pelo estilo suave, sem sinuosidades, dizendo com exatidão o que deseja dizer. A palavra na sua essencialidade. Nem pra mais. Nem pra menos. No lugar certo. No tempo preciso. Musical. Lustosa, escrevendo, tem muito de Milton. Escreve como se estivesse num banco da Praça do Ferreira, despreocupado, num papo descontraído. Simples, sem afetação.

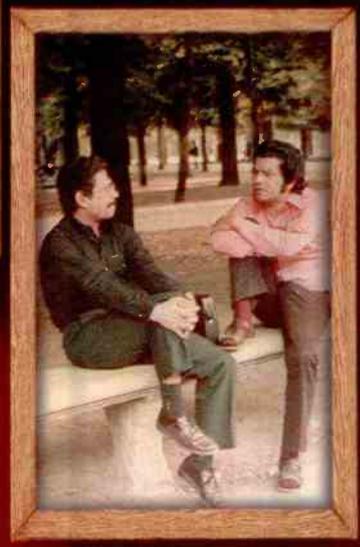
(Blanchard Girão)

UM MESTRE DA

Edmilson Caminha

Lustosa da Costa chega aos 40 anos de carreira jornalística e literária como um dos maiores talentos da sua geração. A elegância do estilo, a correção da forma, a leveza do humor são virtudes que, no seu trabalho, sobrepõem a obra do escritor ao fazer do jornalista, salvando-a da efemeridade a que se condenam as matérias de jornal. Por isso, o texto de Lustosa permanece como literatura - e literatura de muito boa qualidade -, sobrevivendo aos que produzem para durar apenas 24 horas.

É a certeza a que nos leva *No après-midi de* as, a nova coletânea do cronista. Nele, as que, lidas antes sob o apelo da publicação dos anúncios, talvez não se dêem à fruição do leitor. Co...



ISBN 85-7536-119-8



Para o grande
M. Maciel
o Leitor / Contador
e o Senhor, Sr. / Sr.
/ /

LUSTOSA DA COSTA

DICIONÁRIO DO LUSTOSA
INDISCRICÕES CONFESSADAS E FATAIS OMISSÕES

Composto pelo jornalista Lustosa da Costa dos seus
guardados de amizade e conhecimentos acumulados



Rio – São Paulo – Fortaleza
2003

Capa:
Heron Cruz

Editoração Eletrônica:
Egberto Nogueira

Revisão:
Francisco J. Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837d Costa, Lustosa da.
Dicionário do Lustosa / Lustosa da Costa.
Rio - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2003.

216 p.

1. Crônica brasileira. 2. Crônica cearense. 3. Costa,
Lustosa da. I. Título.

CDD: B869.8
928.699

Maria Clélia Lustosa Costa. Não é Lustosa da Costa como os outros decerto porque "seu" Costa, cansado de tanto ir ao cartório registrar filho, mandou algum portador descuidado com os dados ao referido local.

Desde cedo, Clélia mostrou ser uma pessoa responsável. Foi, por isso, que a escolhi madrinha de apresentar no batismo de meu filho, Francisco José. Ela levou a sério o papel e tem sido, para ele, apoio, força, consolo e conforto.

Quando chegou aos 15 anos, pedi ao Mino bolar o convite para a festa de seu aniversário. Festinha mais que modesta, na área de nossa casa no beco da Piedade que contou com a presença solidária, sempre amiga de Lúcio Brasileiro.

Pensei em lhe dar o carro que pertencia a uma família amiga que o vendeu sem me avisar. Ficou no pensamento. Pensei em lhe dar um terreno que comprei, ainda como funcionário do Náutico, ao lado de outros compradores, como o funcionário do Banco do Brasil, Evandro Aires Moura. Na voragem do tempo, o terreno esvaiu-se, sumiu, desapareceu. Só o meu. Outro presente ficou na intenção.

Pensei em coordenar livro pelos seus cinqüenta anos. Deus me dê vida e forças para tal. Para não ficar só no pensamento, só na intenção. Que pelo menos fique esta dedicatória.

Clélia, a solidária

Clélia Lustosa é autoritária, lá isto é. É sempre a pecha que se aplica aos que tomam iniciativas, buscam soluções. O pior, ou o melhor, é que os fatos sempre lhe dão razão. Ela está sempre certa.

Em Paris, contam-me, que Clélia era a Irmã Paula de todo estudante recém-chegado. Estava sempre disposta a ajudar, a fornecer dicas, informações, levar o recém-vindo aos locais que precisava visitar, em suma, tinha o defeito que os irmãos lhe apontam. Ainda não concluiu o doutorado porque cuida mais dos outros, da mãe, dos irmãos, dos sobrinhos que dela mesma.

L.C.

SUMÁRIO

O PORQUÊ DESTE LIVRO	11
APRESENTAÇÃO	13

A

A AUSENTE DA FESTA	25
A CAMINHO DA PÁTRIA-MÃE	25
ACHO QUE FOI MAMÃE	26
A DETERMINAÇÃO DE SER FELIZ	27
AGRADAR OS AMIGOS	28
A FELICIDADE ENTRE LIVROS	28
A FESTA DA GUERREIRA	29
A FESTA DOS QUARENTA	29
A FESTA DOS QUARENTA	29
A GOTA	29
A GRANDE RUA	30
A IDADE DOS HOSPITAIS	30
A MÃOZINHA DO DESTINO	32
A JUVENTUDE NO ALCOOL	33
ALARMES ABORRECIDOS	33
AS LIÇÕES DE TANCREDO	34
AMIGOS DE INFÂNCIA	35
AMOR E POLÍTICA	36
ANISTIA SÓ ANTE O CÂNCER	37
AMNÉSIA	37
ANDAR SEM RUMO	38
A NOVA COLUNA DA HORA	38
A PARTIDA DE PARSIFAL	39
APRENDI O VERNÁCULO	40
À PRESTAÇÃO, SIM	40
À QUEM O MENTIROSO ENGANA?	41
ÁRABES	42
A TENTAÇÃO DA MARCA	43
A VIDA É MAIS CRIATIVA	43
AVÓS	44

B

BATENDO PERNAS EM PARIS	45
BOA COMPANHIA PERDIDA	49
BRILHO FULL TIME	49

C

CABO VERDE	53
CAMINHO A SEGUIR	54
CAPITALISMO RELIGIOSO	54
CARRO DE MULHER	55
CARRO NOVO	55

CATEDRÁTICO DE GENTILEZAS	56
CEARENSIDADE	56
CHARLES MORGAN	57
CINEMA	58
COISA DE POBRE	59
COM CHAPÉU ALHEIO	59
“COMO ESTÁ, ESTÁ TÃO BONZIN...”	60
COMO NO CREDIÁRIO	60
COMPANHIA	61
COMPANHIA? PARA QUÊ?	61
COMPARANDO	61
COMPRA DE COVA NO CEMITÉRIO	62
CONFISSÃO ESCRITA	62
CONHECER O PRÓXIMO	63
COQUETEL NA ÉTOILE	64
CRIME E CASTIGO	66
CURTINDO SAUDADES	67

D

DANDO O CANO NA FRANÇA	68
DECADÊNCIA DA CLASSE MÉDIA	70
DE GRAÇA TUDO	72
DE NOVO NOS MEUS CANTOS	72
DENTE NO DEDO DO MÉDICO	75
DESCONFIANÇAS	75
DESGOSTO	76
DISCURSO LONGO	78
DORIAN PARTIU	78
DO TAXISTA	80

E

EM BUSCA DAS ORIGENS	81
ENTRE O CÉU E O INFERNO	82
ESTOU FAZENDO VESTIBULAR PARA CHATO	83
EM BUSCA DO PASSADO	85
EMIGROU	86
EMPRÉSTIMO	87
EM VIDA	87
ENCANTOS	88
ENCOMENDA88	
ENCONTRO COM SARAMAGO	89
ENCONTRO COM UM OLIMPIANO	90
ENCONTROS NOS VELÓRIOS	90
ENTRE TAPAS E BEIJOS	91
ERA BEM CASADO	91
ERREI, SIM	91
É SÓ JANTAR	92
ESTUDAR ÁFRICA	92

ESTUPEFAÇÃO	93
É TANTO PIGMALIÃO!	93
ETHEL	95
EUROCENTRISMO	96
EVANDRO	96
EXCESSO DE VELOCIDADE	97
ÊXODO	97

F

FARMÁCIAS PUDICAS	98
FESTA SOBRALENSE EM LISBOA	98
FIM DE UMA ÉPOCA	99
FLANANDO	100
FRANQUIA	100
FOTÓGRAFO ESCRITOR	101
FUGINDO DOS CHIATOS	101
FUTURO OITENTÃO	103

G

GABOLICE DA ORADORA	104
GEORGE	104
GRANDES DESCULPAS	105

H

HOTEL	107
HUMILDADE	107

I

IDA A SOBRAL	108
IMERSÃO NA CIDADE	108
IMPLICÂNCIA	109
INDISSOLÚVEL NOS ABORRECIMENTOS	110
INVESTIMENTO	110

J

JUAREZ LEITÃO	111
JK	111

K

KARL MAY	112
----------	-----

L

LIVROS	113
LIVROS QUE NÃO LEREI	113

M

MAIS UM. MENOS UM	115
MÁ REPUTAÇÃO	116

MARILDES	116
MATEL PARA TODOS	117
MEDICINA DEGRADADA	117
MÉDICO BRASILEIRO	118
MÉDICO E O GUSTO BENEFÍCIO	121
MERECIA MAIS	121
MEU ANJO DA GUARDA	121
MICRO É BICHIO CAPRICIOSO	122
MINHA PROFISSÃO	122
MORAR DEBAIXO DA PONTE	124
MORDOMIA, UMA TRADIÇÃO FRANCESA	125
MUDANÇA DE CRITÉRIOS	128
MUDAR O CENÁRIO NÃO RESOLVE	129
MUITOS QUEREM ME SALVAR	130
MUDANÇA É COM ELA	131
MUITOS ATAQUES	132
MULHERES CORREM ATRÁS DE MIM	132

N

NADA MAIS DE CEMBERT, DE GRUYÈRE, DOS BRIES	134
NÃO CONSULTOU ANTES	134
NÃO DERAM AS CARAS	134
NÃO ESCREVO SOBRE LIVROS	135
NÃO ESTÃO COM NADA	136
NÃO GOSTAM DO ASSUNTO	136
NÃO QUER MAIS	137
NEGÓCIOS	17
NINGUÉM VAI	139
NO TEMPO EM QUE AS VACAS IAM A PARIS	139
NOVIDADES	140

O

O BARÃO	141
O FÃ MAIS FIEL	142
O FAZEDOR DE MANCHETES	143
O IDEAL	143
O MEDO DOS PAIS	144
O MEU MEDICAMENTO	145
OS POBRES DE PARIS	146
OPÇÃO FRATERNA	148
O PONTO DE VISTA DA FILHA	148
O QUE É UM BOM PAPO	149
O RATO QUE MALHA	151
OS MALES DA ALOPATIA	151
OS MEIOS	151
OS MERCADOS	152
O POUCO AMOR À PALAVRA EMPENHADA	152
O QUE MATA	154

O SOM DOS SINOS	154
OUÇA-SE A GUARNIÇÃO DO ACRE	155
O VÍCIO DO COMPUTADOR	155

P

PABE	157
PÁLACE	157
PÁREO DURÍSSIMO	157
PASSANDO FOME	158
PASSEIOS LUSITANOS	158
PASSEIOS NO SEMINÁRIO	160
PENA DE MORTE	160
PENSANDO ALTO	160
PIONEIRISMO	161
PARA QUÊ MANICURE	161
POUCA PRODUÇÃO	161
PRECEDÊNCIA	162
PRAIA DE IRACEMA	163
PRAZO DE VIVER	164
PRESENTE ACIMA DE MINHAS POSSIBILIDADES	168
PRESENTE E AJUDA	168
PRESENTE GREGO	168
PRESSA DOS JOVENS	169
PRIMEIRO ANO	169
PROBLEMA EDIPIANO	170
PROTESTO	170
PROVINCIANO VOCACIONAL	171
PSICANALISTA	171

Q

QUANDO O CRIME COMPENSA	172
40 ANOS	172
QUEIXAS E RECLAMAÇÕES	174
QUERO BEBER O SENA	175
QUESTÃO DE MEDO	178
QUESTÃO DE SEXO E ATRASO	179

R

RECEIO	180
RETORNO	180
RETRATOS, O SENHOR "LE MONDE" E A VISÃO ALHEIA	180
RESISTIR, QUEM HÁ-DE?	184

S

SABEM DESAGRADAR	186
SARAMAGO NA TORA DO NOBEL	186
SAUDADES	188
SAÚDE	188

SEM AMOR-PRÓPRIO	189
SEM CTI	190
SEM MÁGOA	190
SEMPR DE BEM COM A VIDA	191
SEM QUEIXAS	193
SEM RÁDIO NEM SOM	194
SENADO, HÁBITO DE FAMÍLIA	194
SIRENE	196
SHOWMÍCIOS	196
SOLIDÃO	196
SONOPLASTIA	197
SOU MÚLTIPLO	197
SOU UM BLEFE	197

T

TELEFONES DIFÍCEIS	199
TEMOR	199
TEMPOS DE EMANCIPAÇÃO	199
TENTAR, TENTAMOS	200
UM MICRO CICLOTÍMICO	200
TOALHAS MOLHADAS	201
TODOS IGUAIS	201
TRÂMITE	202
TROCOU-ME PELO GEORGE STEINER	202
TUDO PROIBIDO	202

U

UMA LÂMPADA	204
UM ARROZ-DOCE	204
UMA VELHA BOTICA	204
UM DEFUNTO SEM FUTURO	205
UM GORDO PRA LÁ DE BOM	206
UM SSESSENTÃO DE BEM COM A VIDA	207
URGÊNCIAS SEXUAIS	207

V

VAIDADE MUITA	208
VALORIZAÇÃO DO BANDIDO	208
VESTIBULAR PARA CILATO	209
VIAJAR E FAZER TURISMO	210
VIVENDO DESPREOCUPADAMENTE	212
VÓO DE DIA	213
VOU MORRER DO TRATAMENTO	214

X

XUXA	215
------	-----

O PORQUÊ DESTE LIVRO

Bem que a Parca bateu à porta. Como não abri, não insisti, foi embora. Porque não podia eu dizer como Jorge Luis Borges: “Mon siège est fait”. Não queria repetir como Manuel Bandeira que “o meu dia foi bom, pode a noite descer”. Ainda não era tempo.

Foi mais um susto que me levou a apressar a publicação de dois livros. O primeiro, “Sobral cidade das cenas fortes”, que logo enviei para o Maurício Xerez, na **ABC Editora**. O outro é este.

Depois de mais uma hospitalização, reuni, aflito, um punhado de crônicas e pedi ao ex-reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto, que tomasse conta delas. Que as reunisse, lhes desse ordenamento e melhor qualidade literária. Era favor que só se pede a amigo de fé que estava (estou) certo de que viabilizaria a edição da obra, se eu fosse embora inesperadamente.

Como verão os leitores continuo a plantar as alfes das próxima salada e não os carvalhos da posteridade. Mais do que isto está acima de minhas possibilidades. Daí porque entrego ao público mais um livro de crônicas que buscam escapar à fugacidade do momento. Ia denominá-lo “Conversas de jornalista”, um título pra lá de banal. Paulo Elpídio sugeriu “Dicionário do Lustosa” ou, mais precisamente, de que gostei e do qual espero os leitores gostem também:

“Dicionário do Lustosa: Indiscrições confessadas e fatais omissões, composto pelo jornalista L.C., dos seus guardados de amizades e conhecimentos acumulados...”

Brasília, agosto de 2003

L.C.

Em um banco, em uma praça, há muitos anos...

*“Defender a la amistad contra celos, envidias, temores.
Y estar de acuerdo em no estar de acuerdo – agree to disagree”.*

Carlos Fuentes, “En esto creo”

Vai para mais de quarenta anos – parece que foi ontem – desde que nos vimos pela primeira vez.

Passado tanto tempo, ao sabor das vicissitudes que nos acompanham pela vida, no exercício da difícil arte de conviver, conciliar os contrários, buscar convergências e guardar aquelas afinidades eletivas que fazem os amigos verdadeiramente amigos – não deixo de louvar a longevidade destes laços cordiais e da afeição que nos aproximaram.

Construímos relações fecundas, ao longo da vida; algumas outras, de expressão menor, são igualmente gratas por evocar quadras distintas da experiência a que nos entregamos no exercício desta complexa arte de viver. Amigos, entes afeiçoados que irrompem em nossas vidas, tomam assento, ocupam o território reservado da convivência – não são numerosos. E poucos resistem ao tempo, à separação, à distância, ao bafejo do sucesso, aos dias aziagos, aos infortúnios da sorte.

Ocorre-me o diálogo travado entre Malraux e Genet, lembrado por Fuentes, desafio que poucos de nós pôde aceitar, sem recear pôr em risco amizade longamente cultivada:

“*Que pensez-vous, vraiment de moi. Genet?*”
“*Je ne vous aime assez pour vous le dire*”.

Poucas vezes fomos tão longe nesta relação de amigos, a ponto de revelar íntimos julgamentos e pespegar conselhos e discretas reprimendas, de todas as fórmulas, a mais ameaçadora à convivência entre amigos. Em circunstâncias cruciais, menos freqüentes do que se poderia crer, em todos estes anos, aceitamos os perigos da palavra franca e nos enfrentamos, temerosos, ambos, de que pudéssemos desencadear a exaltação sagrada, que se esconde por baixo dos temperamentos mais contidos.

Desde quando jovens, até aos primeiros anúncios da velhice anunciada, aceitos com relutância e um certo desdém de quem confia ainda nas imunidades da juventude, resistimos Lustosa e eu – e mais alguns achegados, cooptados pela amizade e, às vezes, pelo parentesco –, com firme determinação, aos ameaçadores prenúncios da senectude. Entrados na faixa dos sessent´anos, portadores de prontuários clínicos recheados de premonições, revelações e avisos, envolvendo sintomatologia da idade propecta, parece natural que algumas certezas devessem ser revistas e questionadas. Afinal quem não o faz, em plena consciência dos seus pecados, em face da remissão das faltas e de uma vaga promessa da Salvação?

Este *Dicionário* reflete, nos achados expostos por Lustosa da Costa, experiências de vida longamente apascentadas, o rol extenso de amizades aceitas, e reflexões alegres e bem-humoradas sobre pessoas, coisas e acontecimentos. Não entra-

ram neste elenco os atores com quem conviveu em quarenta anos de jornalismo político, no Ceará e em Brasília, sem dúvida os melhores personagens que a sua pena haverá de retratar, em livro que nos está devendo.

Neste balanço parcial que nos dá Lustosa da Costa, em verbetes, figuram, sobretudo, os amigos, as lembranças de viagens, ditos esparsamente cometidos, inconfiências sobre aventuras menores, que não expõem, nem denunciam fatos comprometedores.

Valendo-me das imunidades que o prefácio concede ao prefaciador, por imprudente delegação do autor, neste caso, e, tida como improvável a suspensão do mandato, concedo-me a liberdade de prestar depoimento, dispensado de acareação, sobre parte do que consta nestes “guardados” e o que, por omissão ou simples esquecimento, deixou de ser aqui relatado. Serei breve neste mister e, tanto quanto possível, conveniente, que a todos bastam as atribuições e incertezas que a vida reserva aos cidadãos acima de qualquer suspeita e aos homens de boa-fé.

Saído do Seminário, no qual iniciou a arregimentação da fé católica, pelas mãos de desvelados franciscanos, e de onde trouxe ensinamentos valiosos de latim, e leituras recolhidas, na maior parte das vezes de textos proibidos pelas regras estritas da Ordem, o jovem Francisco José, devolvido à vida secular, não perdeu o hábito de ler. A vocação para escrever desabrocharia inevitavelmente, por artes do leitor impenitente, e o acompanharia por toda

a vida. Ainda hoje, como tantas vezes, nestes anos de grata parceria afetiva, faz-me revelações de autores novos e me induz a recuperar textos já lidos. Nos começos, foram Joyce, Huxley, Gide. Traz-me agora, com assiduidade, notícias de novos escritores cabo-verdianos, cubanos, como Cabrera Infante. Iniciou-me pelos caminhos de Saramago, crédito-lhe Fuentes e, juntos, andamos a descobrir Borges. Hemingway, Faulkner, Dos Passos – o que mais lhe devo? Eça de Queirós já a esse tempo, fora descoberta anterior, cada um já as fizera, sob influências familiares, como eu, por livre arbítrio, ele. O culto a Eça foi enriquecido, ao longo dos anos, pelos comentários freqüentes que trocávamos, e animado pela inclinação que nos dominou, até hoje, de enquadrar figuras vivas de gente conhecida na galeria de personagens do autor d’“Os Maias”. É exercício persistente que nos leva a reavivar fatos e circunstâncias, falas e intenções, divertidas e atuais, através de leituras repetidas. Desta condenação poucas personalidades públicas escaparam.

Forrado de leituras correntes, a que não faltava tempo, mesmo quando se dividia como repórter político, entre a Assembléia Legislativa do Ceará e a redação do *Correio do Ceará e Unitário*, Lustosa tornou-se, muito jovem ainda, senhor do que se passou a chamar de “um bom texto”. Manejando estilo que se afirmava, com características acentuadas pela sua personalidade e por um senso de humor raro, trouxe para o jornalismo a elegância e o apuro literário que não se encontrava, com freqüência, mesmo entre os jornalistas mais velhos e experientes. O respeito pelos fatos, a precisão no registro e no

relato, a maneira irônica de encarar os fatos e as glórias transitórias são qualidades que o acompanharam sempre.

Ler e escrever são práticas essenciais no cotidiano do estudante, do jornalista e do escritor, desde os tempos da adolescência. Esta inclinação é fruto de apelo intelectual, porém, assemelha-se a função fisiológica, impositiva, a que não se pode furtar. É um devorador de textos, lesto, noctívago, capaz de encarar a madrugada, com as leituras preferidas ou em cumprimento aos rigores da disciplina de leitor compulsivo. A capacidade invulgar para digerir romances, dos clássicos aos de criação mais recente, transitando da ficção para o ensaio, da crítica às obras políticas, aliada a uma memória poderosa, instiga, ainda agora, a nossa inveja.

Repórter e, depois, editor do *Correio do Ceará* e do *Unitário*, em Fortaleza, colaborou com a *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro, e foi redator de *O Estado de São Paulo*, do *Correio Braziliense*, do *Jornal da Tarde* e do *Jornal de Brasília*. Sem jamais ter perdido as suas raízes cearenses, manteve, até hoje, coluna diária no *Diário do Nordeste*, em Fortaleza.

Iniciou-se com alguns contos publicados na *Imprensa do Sul do País*, reuniu prêmios literários com os livros que compõem amplo acervo de romances e narrativas, alguns deles de inspiração histórica, fruto do trabalho de escritor que conhece bem o seu ofício e valoriza os temas de que se serve.

Dentre os títulos que compõem a sua bibliografia alinho algumas preferências a que me mante-

nho fiel, antecipando o prazer do que virá, em breve. “Vida, paixão e morte de Etelvino Soares” nos traz o narrador, romanceando a história e dando vida a um personagem marcante. Vêm os registros, as estórias que se confundem com as memórias de pessoas, coisas e lugares, neste “No *après-midi* de nossas vidas”, entregue ao público pelo mais diligente dos seus editores, o ex-Reitor Martins Filho, no Programa Editorial Alagadiço Novo, da Casa José de Alencar. “Racha o Procópio” e “Clero, nobreza e povo de Sobral” compõem a ampla galeria na qual se enquadram personagens marcantes de Sobral, ao lado da análise cuidadosa da sociedade sobralense, a que emprestou sua acuidade de observador e de intérprete sociológico.

Vi-o, pela primeira vez, às vésperas do vestibular para a Faculdade de Direito, envolvidos que estávamos com a tradução laboriosa de textos latinos, sob a orientação segura do Mestre Eleazar, do *De bellum galico*, um dos textos freqüentemente incluídos na prova de Latim, exigida dos candidatos a bacharel. Português e uma língua estrangeira fechavam, se não me falha a memória, o elenco de dificuldades que se opunham aos intentos dos jovens pretendentes aos estudos jurídicos.

Livres das declinações e dos exercícios exaustivos com os textos de Júlio César, era na Praça do Ferreira que consolidávamos a nossa vocação de romanistas, naqueles bancos, tomados de freqüentadores assíduos, àquela hora da noite. Discorríamos sobre tudo, sobre banalidades juvenis, leituras recentes, acontecimentos políticos locais, sobre pes-

soas, boatos, maledicências, impregnados pelo espírito boêmio que habitou, por muito tempo, a velha Praça. Sentados naqueles bancos de madeira, compridos, apinhados de gente conhecida e de outros que se achegavam pela primeira vez, iniciamos o nosso aprendizado sobre a vida, acumulando lições que a experiência confirmaria, e verdades que muitas vezes haveríamos de rever no itinerário seguinte àquela quadra.

Nas escadarias da velha Faculdade de Direito, em substituição a algumas aulas indesejáveis (ou apenas suportáveis), retemperamos convicções e foram despertados interesses intelectuais. Hélio Barros veio juntar-se a nós, por esta época, tão logo chegado à Faculdade, formando, conosco, um círculo estreito de amizade que se estendeu, tempo afora, até hoje. Quando deixamos de morar na mesma cidade, em Fortaleza ou em Brasília, onde nos encontramos por longas estadas, o telefone servia de ligação. Ou o Correio, de saudosa lembrança guttenberguiana. Aderimos, por último, à Internet, por onde fluem textos improvisados, recados, ou produção mais cuidadosa. Com a adesão incondicional de Maria Dulce, incorporada à corte de Lustosa, desde que tomou, em momento de sugestiva inspiração, Hélio Barros como marido.

Por este tempo, Lustosa já era jornalista conhecido, apontado entre os colegas, distinguido pelos mestres. Consciente de que devemos nos dedicar com mais afinco aos estudos do Direito, confidenciou-me, certa vez, graves preocupações:

– “Diz o “*seu*” Costa (como se referia ao pai, figura central em sua vida, ao lado de D. Dolores) que estamos quase formados, os clientes chegando – e não sabemos nada de Direito”...

Nunca fomos advogados, graças aos caprichos do Destino e à nossa negligência, no estudo das leis. Lustosa chegou a ser unguido procurador da Previdência Social, deu lá seus pareceres que, a bem da jurisprudência, jamais chegaram a ser publicados. Bacharel em Direito, aspiração maior dos brasileiros, naqueles tempos, distanciei-me da advocacia, virgem da primeira petição inicial. Fiz-me professor em Ciência Política, para o que me valeiram, de início, alguns rudimentos de Direito Constitucional e de Teoria Geral do Estado, absorvidos graças ao estímulo de alguns mestres e à indiferença de outros. Depois, cursos e estudos em tom maior me puseram no caminho do Saber. Temíamos, entretanto, os seus amigos, que Lustosa tomasse gosto pelos estudos jurídicos, aprofundasse o seu descortino sobre as leis e a heurística – e terminasse desembargador, longe da literatura vocação com a qual se comprometera, por hábito adquirido e talento reconhecido. As leis, o duro labor da prática jurídica foram intenção passageira, em breve trocada pelo cotidiano das redações, de onde nunca se afastou, mesmo no seu breve noviciado de procurador. Perderam as letras jurídicas, ganhámos nós, seus leitores contumazes, o jornalismo e a literatura.

O magistério entrou como uma variante da sua trajetória intelectual, mas não com a força suficien-

te para recrutá-lo para sempre. Teria sido bom professor e, por certo, completaria carreira. Cedeu, entretanto, o passo à vocação jornalística, ao pendurar para a política e aos apelos da literatura, no que fez bem, já que o ensino perdeu, no Brasil, o pouco da distinção que lhe restava e o distinguia, social e financeiramente, de atividades subalternas, na escala dos merecimentos intelectuais, porém muito mais rentáveis.

Em plena quadra *revolucionária*, aí pelos anos 71, após o AI-5, por esta Fortaleza – à época mais revolucionária do quanto fora em toda a sua vida, da Colônia à República, passando pelo Império, de vila à cidade e Capital de Província e de Estado –, Lustosa, preocupado com os problemas que a nova ordem não se dispunha a resolver, ao preço amargo da suspensão das nossas liberdades, já no terceiro governo militar, admitiu, em uma de suas colunas:

“– Já que não podemos trocar de governo, troquemos de povo”.

Outros sentimentos anticastrenses foram declinados, com elegância, dissimulados com engenho e propriedade. Por esta razão, não lhe terão valido cadeia, desterro, interrogatórios inquisitoriais, as perseguições que a segurança nacional impunha aos impatriotas. Não consta que tenha se referido, alguma vez, de público ou à discrição, aos seus dias de “cárcere”, a que tantas vezes aludira, recordando os seus padecimentos cívicos, destacada personalidade da vida política cearense, detido, por algumas horas, em cela especial.

Viajantes reincidentes, ambos, encontramos-nos várias vezes em Paris, onde morei, em cumprimento, ou por ocasião de estada demorada de Lustosa com a família, projeto antigo que realizou com os filhos ainda adolescentes. Outras razões e circunstâncias nos levaram a encontrar-nos por lá, com Zuleide e Verônica. Revivendo as lembranças da Praça do Ferreira, deixamo-nos fotografar nas Tulherias, em um banco, cercado de árvores e pássaros. E das esperanças que levávamos conosco.

Pois por este tempo, nos recuados anos 70, saímos, certa manhã, com o propósito de cumprir projeto longamente acalentado por ele – comprar meia dúzia de camisas sociais, que fossem da marca *Christian Dior*. Os francos reservados para o empreendimento estavam intactos: as camisas sociais importadas desfrutavam de grande prestígio, por esta época, em Fortaleza, era símbolo de elegância e de bom gosto. Íamos nós, dominados por esta missão, quando, ao passar em frente a uma antiga brasserie de Montparnasse, a *Maison du Maître Kanter*, de tradição alsaciana, nos deparamos com ostras gigantescas, numeradas, postas, com as honras merecidas, em exposição sobre balcão forrado de camadas espessas de gelo. Foi amor à primeira vista, um “coup de foudre”, como diríamos, naquele momento, não fôssemos dois cearenses, siderados pela visão encantadora. Os francos e as camisas foram consumidos, com ímpeto cartesiano, meticulosamente, como convinha ao momento, na presença daqueles exemplares únicos de crustáceos bretões, e regados por duas garrafas de *Veuve-Clicquot*, sem frustrações ou arrependimentos, que não conhecemos até hoje –

ele com o sacrifício das camisas e a dissipação dos francos amealhados, eu, como seu convidado, solidário nas perdas e nos ganhos do dia.

Numa destas estadas parisienses, participamos do lançamento formal da primeira edição do *Anuário do Ceará*, editado em colaboração com Dorian Sampaio, em Paris. O evento ocorreu a bordo de um *bâteau-mouche*, no Sena, em cujas águas foi atirado, lançado, melhor diria, pelo próprio editor da obra.

Paris o atraiu, sempre. Juntou-se, algumas vezes, a Jorge Amado e Zélia Gattai nas suas desobrigas pelos restaurantes do Quartier Latin. O casal Alice e Georges Raillard, tradutores de escritores brasileiros, velhos amigos nossos. Muitos brasileiros privaram da sua companhia na École Pratique des Hautes Études, no boulevard Raspail. Circulava, como sempre o fez, pelo Marais e pelo boulevard Saint-Germain, com a frequência e a desenvoltura dos autóctones. Em seu apartamento, os cearenses em trânsito faziam parada obrigatória para o almoço ou para um *rouge*.

Em uma de suas crônicas recentes, não incluída neste *Dicionário*, Lustosa refere-se, apenas saído de pequeno susto que o levou a hospitalizar-se, aos trâmites a que não podemos nos furtar, fruto desta humana condição, demasiadamente humana, da passagem desta para a melhor, como a muitos parece. Preocupa-o, revela em e-mail de convalescente, a viagem definitiva, o desembarque no Destino reservado aos mortais (do Outro lado, no Céu, imagino eu, nas instâncias Eternas), ao deixarem este vale de lágrimas. Embora convencido das suas razões e respeitando os sentimentos que sustentam

a sua fé, não pude refrear impulso ímpio, confessando-lhe que a mim preocupavam-me mais os trâmites da partida que os da chegada.

A verdade é que, a ambos, nos inquieta todo o percurso, e por esta razão atrasaremos, o quanto pudermos este compromisso indesejável. Afinal, não temos pressa, Editor, não é Editor?

Como se vê, na breve apresentação que abre este *Dicionário*, o título e a organização dos verbetes que seguem ordem alfabética foram idéia aceita, de bom grado, pelo autor. Parecia original, até o lançamento deste belo inventário de vida, “*En esto creo*”, de Carlos Fuentes, que nos veio ter às mãos quando concluíramos a tarefa de sua editoração. Não seria, entretanto, este motivo suficiente para a alteração do formato que enfeixa estes registros, leves e verdadeiros, carregados de afeto, que Lustosa da Costa oferece aos amigos.

Eis aqui o *Dicionário*, a indicar o itinerário percorrido e que haverá de completar-se com outros volumes anunciados, espécie de carta náutica, rosados-ventos, astrolábio e sextante para perfeito conhecimento do périplo empreendido por Lustosa da Costa em torno das amizadas reunidas e estocadas com a lealdade e o amor que sempre lhes reservou.

Rio de Janeiro, agosto de 2003

Paulo Elpídio de Menezes Neto

A

A ausente da festa

Dona Dolores, na boquinha dos 88, não se atreveu a ir a Lisboa, para o lançamento da edição portuguesa de meu romance, porque não quer se arriscar a longas caminhadas que cumpriu no verão de 1995, em Paris. Ainda assim está presente. É ela que se encontra, sempre, por trás dos filhos que publicam livros. Foi dela a contribuição substancial para o deslocamento do filho mais velho que, nos seus 63 lá vai pedra, nunca soube administrar suas finanças. Aproveitou o apurado da venda da casa da Barão de Aracati, onde viveu e morreu “seu” Costa, para me dar esta preciosa ajuda. Morro de vergonha de estar fazendo tal confissão, de revelar ser assim tão incompetente, em matéria de dinheiro.

A caminho da pátria-mãe

Ao pé da escada do avião da TAP, que me levará de Fortaleza a Lisboa, duas cidades que amo tanto. Vou lançar a edição portuguesa de “Vida, paixão e morte de Etelvino Soares”. O livrinho brasileiro demorou demais a sair. Só a paciência de Lúcio Alcântara que o encaminhou à *Maltese* me fizeram suportar a espera. Ele telefonava, toda a semana,

para o editor, ouvindo sempre a mesma desculpa. A sorte foi a intervenção do Cláudio Castelo, que reside em S. Paulo, e levou ao editor, a caminho da falência, argumentos irresistíveis para a edição do livro. A carreira desse romance é um tecido de equívocos. De início, minha mãe gostou. Depois foi o Pádua Barroso. Começou a ler com receio de que não desse certo seu estilo fascicular. É que produzi capítulos fechados, segundo meu temperamento e sugestão de Bete Mendes. Cada capítulo pode ser lido isoladamente. Também aprovou. Aí recebi carta de elogios de nada mais, nada menos de Claude Lévi-Strauss. Depois de Alice Raillard, diretora da Gallimard. De Malcolm Silverman, da Universidade da Califórnia. De Germano Almeida, o consagrado autor de “O testamento do senhor Nepomuceno”, que sai de Cabo Verde e vai à minha festa em Lisboa. De José Sarney, Ivan Junqueira e Rachel de Queiroz. O embaixador Dário de Castro Alves elogiou tanto o livro que decidiu patrocinar sua edição em Portugal. Jogou o peso de seu prestígio, sim. Mas também sua amizade porque sei eu, sabe quem editou livro o que é a romaria às oficinas em que eles são confeccionados. Mas quem me deixou babando de vaidade foi Ascendino Leite que comprou meu livro num “sebo” de João Pessoa e me disse: “Você escreveu um livro completo, concreto, definitivo, quase emblemático, renovando a prosa ficcional brasileira”.

Acho que foi Mamãe

Amiga, a quem, há muito, não tinha o prazer de ver, aparece e sem ver para quê desanda a contar

memórias. Recordações muito íntimas. Tão íntimas que me atrevi a lhe indagar se foi com ela que fracassara figura notória da cidade. Rezam as lendas que ele bem que tentou, batalhou, se esforçou, depois se conformou e terminou por apontar o calor como responsável porque lhe fraquejasse a energia. A franqueza era tal que insisti na pergunta. Ele negou, com convicção, abrindo, porém, as portas para informação importante:

“Eu, não. Acho que foi mamãe, – porque os via num corruchiado danado”. Fiquei, pobre homem do Interior, sem ter o que dizer à interlocutora tão cosmopolita. Quase lhe louvei a mãe por tão dadivosa, lembrando, compreensivo, que tal fato acontece às melhores famílias de Londres. Terminei, porém, por optar pelo silêncio e, depois, passar a outro tema igualmente edificante.

A determinação de ser feliz

Quando Hélio Barros me apresentou Maria Dulce, senti, no ato, que ele estava encerrando, ali, invejável e bem-sucedida carreira de traquinagens, iniciada à sombra da casa do tio ou no ninho que, logo depois, instalaria à Avenida Beira-Mar, de generosa hospitalidade para mulheres bonitas da terra ou de fora. Dulce, diplomata com carreira brilhante pela frente, era e é aquela pessoa razoável, disposta a ver a vida com bonomia, o sorriso permanente nos lábios e a alma sempre em festa. Começou conquistando o solteirão, depois seus amigos, as mulheres de seus amigos. Ao lado disso, nunca uma pessoa

se definiu, tão claramente, pela felicidade. Ela foi a pessoa que colocou a busca da felicidade acima de tudo, o mundo acolheu sua proposta, marido e filhos também. Ela quis ser feliz e não há quem desminta tal evidência.

Agradar os amigos

Temos de bajular os amigos, enquanto vivos. Escrever-lhes tocantes necrológios, elogiá-los à beira do tumulo ou da ansiedade do crematório, não está com nada. No meu caso, que só tenho amigos de futuro, tenho de agradá-los já. Antes que virem Presidente da Republica, governador de Estado, Reitor da UFC, Prêmio Nobel de Literatura, porque aí vão me acusar de bajulador barato. Não vou esperar para escrever algo em suas lápides, oportunidade que não desejo tão cedo acontecer.

A felicidade entre livros

Quase cego, como seu antecessor Groussac, ao ser nomeado para a Biblioteca Nacional da Argentina, Jorge Luis Borges disse, em tristíssimo poema, que a biblioteca sempre lhe pareceu o paraíso. Para mim, monoglota que sou, uma das paisagens que mais se assemelha ao Éden é a Livraria Bertrand, no Chiado, em Lisboa. Uma de minhas fantasias é ficar, voluntariamente, trancado ali num sábado para domingo, entre seus milhares de livros. Lendo alguns deles. Folheando outros. Apenas vendo, sentindo uns terceiros. Aquilo, sim, é o que de mais próximo existe ao Paraíso.

A festa da guerreira

Conheci Lêda Maria quando fui nomeado Editor-Chefe de “Unitário” e “Correio do Ceará”. E ela me foi de muita utilidade. Não recuava de nenhum desafio, ia à luta, alegre, confiante, bem-humorada, com uma correção de conduta que jamais abandonou, ao longo dos anos. Veio de longe a menina para chegar aonde chegou. Hoje comanda respeitadíssima coluna, multiplica benquerenças e exporta as filhas para o Japão e para a Espanha. Crê na persistência do milagre amarelo e na consolidação do Mercosul. Muitos amigos se reúnem em torno da guerreira. Plantou. Colhe.

A festa dos quarenta

Andei querendo saber da data da festa de comemoração dos quarenta anos de formatura pela Faculdade de Direito. Experimentei a surpresa de saber que parte da ala feminina dos bacharéis de 1962 não está disposta a comemorar a data, que seria registro, denúncia de idade. A mim, que, a toda hora, estou falando da soma dos meus anos, as efemérides de quarenta ou de cinco anos, estão longe de me molestar. Sempre penso na alternativa que é letal. Por isso, digo e repito: pior que envelhecer, é morrer.

A gota

Como vocês devem de ter notado, andava meio capiongo com a gota e as limitações que ela me

importância. Fui, porém, ao maior reumatologista de Brasília, o Aires, Francisco Aires Correia Lima e ele me devolveu o otimismo. Foi, logo, dizendo: “A gota é doença dos inteligentes, ricos e irresponsáveis. Nunca vi gotoso pobre e burro. Agora, todos são irresponsáveis porque nenhum se trata direito”. Vocês hão de dizer que fui atrás de outro médico cearense. Fui, não. Inclusive ele nem chega a ser cearense, pois filho de Amarante, no Piauí, embora se haja formado em nossa Faculdade de Medicina. Procurei-o pela excelente reputação de que desfrutava. Só por isso. E não me arrependi. Porque a primeira cura que me assegurou foi da alma, devolvendo-me o otimismo. O prazer de viver.

A grande rua

Já me disseram que a Dom Manuel é a maior rua do mundo. Porque todos já moraram, moram ou vão morar ali. Lá para o Wilson Ibiapina, todo o mundo já habitou a Praça de S. Sebastião e suas imediações. É tal seu exagero que dele falei, um dia desses, ao Mário Mamede. Sabem leitores o que me disse o renomado médico: “Eu morei na Praça de S. Sebastião. Na Rua Padre Ibiapina onde o Wilson tem casa.” Quebrei a cara. Não podia encontrar interlocutor menos adequado para sustentação de minha tese.

A idade dos hospitais

Pois é, a cada idade, sua vicissitude, dizia o Eclesiastes. Costumo registrar que, quando jovens

chegamos a uma cidade desconhecida, queremos logo saber das mulheres, onde ficam as que estão disponíveis. Maduros, perguntamos por bons restaurantes. Por fim, desejamos o endereço e o telefone de bons cardiologistas, de hospitais de qualidade. Ando nessa fase: conhecendo hospitais. Em Fortaleza, foi o Monte Klinikum onde encontrei uma turma muito bem-humorada. Quando a fisioterapeuta me perguntou se podia fazer exercícios, exclamei galante: “Diga uma só palavra e me lançarei em seus braços”. Ela me atalhou o entusiasmo, de olho no meu volume físico: “O que pode acontecer é um de nós sair machucado”.

Percebi a permanência de meus encantos, todas as manhãs, quando duas belas jovens me pediam: “Tire a roupa!” E iam mais longe: “Todinha”. Este prefácio erótico antecedia à assepsia que aplicavam no velhote.

No Monte Klinikum, o diagnóstico foi dengue. E eu que atribuí minha enfermidade a Baco! Não ia responsabilizar mais o Pedro Henrique nem o José Telles por me haverem compelido a ingerir bebidas, em quantidades industriais. Nem ao Moacir Maia com quem tive o último almoço avinhado (e bota avinhado nisso). Os culpados, sim, foram os tucanos que não investiram em saneamento. O médico quis saber onde peguei tal doença. Como podia responder se o País inteiro foi transformado numa imensa fossa?

Em Brasília, escondi-me no Hospital Santa Lúcia, aquele em que a goiana Vilma vinha arrega-

dar filhos, certo de que minha idade e meu peso não a estimulariam ao seqüestro, ela não faria a mim o que fez ao Pedrinho.

Nos hospitais, nas filas para exame, vejo-me devolvido à minha identidade básica. Como na infância, sou chamado “seu” Francisco ou “seu” Francisco José. Mais: traço a indumentária do hospital que a todos iguala. Nessas horas extremas, ficamos como que nus, tal qual nascemos. Não valem títulos, pose nem condecorações. Somos o homem básico diante de sua adversidade.

A mãozinha do destino

Um dia desses relendo “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, como faço, todos os anos, encontrei a passagem em que ele relata o que sentiu após a partida da amante, Virgília, para o então longínquo norte: alívio e saudade, tudo misturado em doses iguais. É que o amor acabara, mas eles não sabiam, por preguiça, comodismo, sei lá porquê, como lhe dar um fecho, um final. Esperaram que o destino, com suas secretas leis, agisse por eles. É sempre muito cômodo quando o Acaso decide por nós. Daí o velho bruxo do Cosme Velho falar na sensação de alívio. Nem sempre, porém, o destino vem ao encontro de nossos desejos. Na infância, diante de dificuldades que, depois pareceram insignificantes, a gente, às vezes, apela para a desgraça universal para levar, de roldão, o problema que nos aflige que nos inquieta. É quando queremos que o mundo acabe antes que chegue a hora da aula e o professor nos cobre o trabalho que, tivemos tempo para fazer, e não fizemos. Mais tarde, rezamos pela destruição

do mundo para escapar ao trote como calouros na Faculdade ou no CPOR. Para não perder o emprego. Ou pelo receio póstumo de deixar a viúva sem pensão, tão voraz está o governo. Se viesse o fim do mundo, este problema seria resolvido.

A juventude no álcool

Tenho um amigo para quem o álcool encerra retornos aos encantos do passado. Depois da bebida, imagina o que passou, preservado dos assaltos do tempo. Assim, dana-se a telefonar para contemporâneas desejadas, paqueras mal resolvidas e antigas namoradas. A bebida faz as moças enverdecerem, rejuvenescerem, recuperarem o brilho da mocidade. Ele, no seu entusiasmo etílico, pergunta, carinhoso:

“Você ainda tem aquelas pernas maravilhosas?”
Decepcionado me conta, depois, que estas moças não são sensíveis a seu romantismo retrospectivo e o convocam a cair na real:

“Que nada. Lembre-se de que estou marchando para os setenta e me preparando para a festa de formatura de minha última neta.” É a idade de ambos que ele esquece, sob influência do bom uísque que restaura as ilusões dantanho, o encanto da juventude das moças daquele tempo. É o *scotch* ressuscitando, na memória, encantos idos, há muito idos.

Alarmes aborrecidos

Se há algo que me irrita é alarme de carro. Descobri que vêm com o automóvel e não podem ser tirados. Para que servem? Até hoje, jamais ouvi

falar que o disparo de alarme haja limitado a ação dos ladrões de carro. Tenho absoluta certeza de que muitos leitores já acordaram, de madrugada, com o alarme do carro de alguém, tocando, desesperadamente. Como a gente sempre supõe que o desastre se deve ao carro do outro, não se habilita a descer à garagem para silenciar o importuno. Assim ninguém consegue dormir. No meu caso, ele, às vezes, emburra, implica comigo. Penso que o acalmei, amansei, domei. Qual nada! Quando me viro, esperançoso de que esteja sob controle, ele recrudesce. Histerico. Volto. Faço o possível para silenciá-lo. Não o consigo. A não ser com ajuda de terceiros.

As lições de Tancredo

Tancredo Neves ensinava que não se deve nomear quem não se pode demitir. Um genro, por exemplo, nunca pode ser demitido, a não ser que o governante lhe reserve destino semelhante aos de Saddam Hussein, de Mussolini. Ele também deixou lição para o governante eleito se livrar da pressão de amigos e correligionários por cargos. Um deles, seu fiel amigo, desde a malograda candidatura ao governo de Minas de 1960, estava a seu lado na campanha vitoriosa de 1982. Sempre junto ao eleito, tentou, de todas as maneiras, obter dele nomeação para alto posto. Nada. Um dia, jogou a cartada decisiva. Chegou junto ao velho líder pessedista e lhe expôs seu drama: “Conhecendo a nossa amizade, todo o mundo quer saber se fui convidado para algum cargo, em seu governo. Já não sei mais o que fazer, o que dizer. Tancredo recomendou-lhe não se

apoquentar quando interpelado a respeito: “Basta dizer que foi convidado e não aceitou”. Tancredo costumava dizer que o período mais feliz da vida de um governante é o que vai da eleição à posse quando não tem de desgostar ninguém, fazendo opções por pessoas e políticas. Lula não seguiu tal regra. Embalou-se na potoca da transição pacífica, pretexto achado pela grande mídia para bajular FHC e está dividindo o prejuízo. Tem o ônus de herdar o abacaxi, cuidadosamente preparado pelo antecessor, sem o bônus de nomear. Antes de assumir, caiu na cilada e tem de dar voto em aumento de salários, de preços, em liberação de verbas para Minas, de seu eleitor, Itamar Franco, enfim, tudo o que é impopular e que marcou os tempos do tucanato. Não assistiu a esta aula de Tancredo. Há quem diga que Tancredo Neves, tão sabido, não conseguiu enganar a morte. Não sei. Tenho, para mim, que ele prorrogou o quanto possível o período entre a eleição e a posse. Como esta não veio, esperou, no leito do hospital, a canonização da tevê, sem o ônus do governo que transferiu, por inteiro, a José Sarney.

Amigos de infância

Um dia desses, registrava com Wilson Ibiapina que não tenho amigos de infância. As verdadeiras e, principalmente, as duradouras afeições, a gente as conquista na Faculdade. É quando, nela ou fora dela, se define o destino profissional. Quem tem muitos amigos de infância é quem foi criado em orfanato. A vida, os estudos, o emprego dos pais fazem-nos mudar de colégio, de cidade, de convivências.

O Duque de Caxias nem sempre se moveu por tais escrúpulos.

Durante um octênio, relata Taunay, foi colega do velho regente seu pai que, uma vez, o admoestou: “Vosmecê parece que às vezes se esquece de que é meu filho”. Beijando a mão do pai no recinto do Senado, respondeu sorrindo:

“Seu filho, mas também seu colega, meu pai”. O velho, já apaziguado, orgulhoso das glórias do herdeiro, observou para os colegas:

“É isto. Meu colega, um menino desses! Colega de seu velho pai! Nosso colega, meus senhores, onde iremos parar? Um menino destes, colega de nossas velhices”.

Amor e política

O velho cacique sente, mesmo que não o queira a proximidade da morte. E o distanciamento cada vez maior. Nunca mais recolherá em bocas jovens o beijo apaixonado, o abraço arfante de desejo. Pode até conquistar tais graças, mas por via do dinheiro que avilta e degrada tais manifestações. O poder encerra, entre outras virtudes, a de disfarçar a crueza de tal relação. Pode alimentar as mesmas ilusões sem as conspurcar, abrindo a carteira para deixar escorrer as verdinhas. Como se encontra no governo, acha mil maneiras de mimosear, de tentar cativar a amada, por via indireta graças, é certo, ao dinheiro, mas ao dinheiro publico que é de todos, não é de ninguém, e lhe permite extrair o mercenarismo da relação. Quando, porém, ela, indiferente às gra-

ças e aos favores oficiais, o deixa, é a morte que faz a primeira aparição, é a sensação irresgatável da velhice, do estar passado, haver passado. É isto aperta o coração do poderoso septuagenário.

Anistia só ante o câncer

O marido não era nenhum touro premiado. Magrelo, tinha, porém, saúde de ferro. O certo é que apareceu com câncer. E desses brabos, fatais, que concedem, no máximo, três a quatro meses de sobrevida. A mulher lhe dispensou a mais carinhosa assistência. O que o levou a uma confissão. Dessas que se fazem, na despedida, *in articulo mortis*. Quando a mentira não tem mais utilidade prática. Traíra-a, fora uma fraqueza da carne, com uma menor. A mulher, diante da proximidade da morte, foi generosa, magnânima. Afinal, estava na iminência da visita majestática da Parca. Perdoou-o. Pois não é que houve engano? O cônjuge não sofria de nenhuma doença letal, dessas que têm, por trás de si, a autoridade e a severidade da morte. Simples incômodo, uma macacoa que se curava com chás e resguardo. A mulher, então, ao disto saber, refluíu da generosidade. Anistia só diante do câncer. Passou a atucaná-lo, a cobrá-lo pelo pecado, até levá-lo ao desespero. A fugir de casa justamente para ir atrás da lolita, sua paixão outonal.

Amnésia

Vivo falando em gratidão, mas nessa matéria, não sou lá esses balaios, não. Vi isto outra noite no

Piantella quando se aproximou de mim um adolescente, perguntando, em francês, se eu o conhecia. Não recordava. É que o interlocutor quanto mais famoso fica, até internacionalmente, mais jovem parece. Tive de lhe pedir desculpas pela falha da memória. Que indica ingratidão. Pois o cara era, nada mais nada menos que o cirurgião cardiovascular, Leonardo Esteves Lima que jantava com a família, o patriarca, André à frente e que foi meu anjo da guarda no Hospital Pitié-Salpêtrière onde diminuí a aorta torácica e ganhei prótese. Devo-lhe muito e jamais poderei esquecer o que fez por mim naquele já distante 1995 em Paris. Como pude não o reconhecer? Caduquice ou ingratidão?

Andar sem rumo

Vou ter de caminhar muito, sem destino nem motivo, porque me convenceram de que andar é bom e eu só o fazia com objetivos determinados e precisos.

A nova coluna da hora

Vão reconstruir a coluna da hora de Sobral, destruída há quase trinta anos. Conseguirão reconstituir também seus freqüentadores? A mim, por exemplo, que ia ali, todos os domingos adquirir cerveja gelada para refresco do almoço do “seu” Costa e que, já vivia no mundo da lua, tanto que, certa vez, tropecei, caí, cortei o lábio um tiquinho de nada e quebrei a garrafa do precioso líquido? Ressuscitarão também aquele adolescente tímido

que ficava à beira da calçada do passeio, olhando o desfile das moçoilas em flor? Retornarão aquela noite e o encanto daquela noite em que, na Radio Iracema, puseram a tocar “Minha linda suburbana” e, depois, “Valsa velha, valsa minha” todas, acredito, na voz de Sílvio Caldas? Quem me restituirá aquele tempo, aquela idade, aquelas emoções?

A partida de Parsifal

Se existe algo que se não pode partilhar é a fortuna, a felicidade, a sorte. Em certos casos, a frustração se torna tão aguda que você se questiona sobre como uma pessoa de sua origem, de seu sangue, com as mesmas virtudes e deficiências, pode viver roteiro tão diverso, antípoda ao seu? E quando nos aflige o remorso como se nos tivéssemos apoderado indevidamente do melhor quinhão, fraudado o outro. No entanto, passada a emoção, a gente tende a se convencer de que o outro foi uma carta que se não abriu, uma garrafa de naufrago que, lançada ao mar, não chegou a destino algum, um enigma lançado à nossa inteligência que não soubemos ou não nos obstinamos em decifrar. Ou então é que cada um é autor das páginas do livro da própria vida, escreve as linhas de seu destino, define sempre a que lhe parece a melhor ou apenas o possível, sem que possamos interferir em suas escolhas e opções. É oportunidade ainda para lamentar, como Jorge Luís Borges, quando morre uma pessoa querida, que não partilhamos sua convivência, não estivemos tão próximos dela. Dian-

te do que partiu, lembro ainda um verso de Borges se recriminando: “Só cometi um crime: não fui feliz”.

Aprendi o vernáculo

Quando, aos onze para doze anos, fui mandado para o seminário dos franciscanos alemães em Tianguá, pensava saber Português, tal a desenvoltura com que lia livros didáticos de classes superiores àquela em que estudava. Lá sofri rude decepção. Frei Fulgêncio registrou, apontou minha ignorância e tratou de removê-la. Foi ele, não frei Cândido Schmidt como já escrevi, ele leu quando estive pela última vez no Brasil e ficou todo feliz, felizmente não vai ver que lhe retirei o agradecimento e o elogio que a outro cabe. A este frei Fulgêncio, um frade enérgico sem exageros, alto, elegante devo o meu *efe* que é alto, magro, gótico diferente do *efe* arredondado, barrigudo, gordo dos cadernos de caligrafia vertical.

À prestação, sim

Acho temerário aquiescer ao apelo de Edmo Linhares para nos encontrarmos aos oitenta anos. Sou mais aquele jipe velho dum amigo do médico João Batista Marinho, que se o proprietário anunciasse disposição de ir a Fortaleza, não chegava à Cruz das Almas. Caso, porém, falasse em ir até o Forquilha, tudo bem. Chegando lá, podia cogitar de viajar até Irauçuba que o bicho não negava fogo. Em Irauçuba, se lhe propusessem ir a Fortaleza,

iria. Não queria era assumir compromissos longos. Era pelo parcelamento.

A quem o mentiroso engana?

Um amigo, que cresceu pros lados, além da conta e tem pressão arterial alta, recebeu instruções do cardiologista para dar boas caminhadas, todas as manhãs. Sensível às ordens do médico, mal amanhece o dia, se paramenta de desportista, põe boné na cabeça e ruma pro Parque do Cocó. Lá, tira a camisa e dá uma voltinha a pé. Uma só, interrompida, por muitos papos, muita conversa fiada. Depois disso, dá a obrigação por cumprida e, de consciência tranqüila, retorna para casa, como se tivesse feito algum esforço, cumprido a recomendação do esculápio.

É que nem aquele clássico exemplo do funcionário de antigamente. Chegava à repartição, assinava o ponto e depositava o paletó sobre o espaldar da cadeira, de frente ao birô para comprovar a presença ao trabalho. Atendida tal exigência, saía para flautear, flandar pelaí, conversar fiado no café, no bar, no biliar, até o fim do expediente. Quanto, então, retornava o paletó e, cansado do esforço despendido, voltava para casa. Pro merecido repouso.

Parecido com o cara que se matriculava, antigamente, nesses colégios pp (pagou, passou) para conquistar o diploma sem necessidade de aprender, sequer, de comparecer à aulas. Para que serve este Cooper? De que vale o expediente do “barnabé”? Que utilidade tem curso assim porcamente feito?

Isto me traz de volta a velha questão: a quem quer enganar o mentiroso? Para mim, mentiroso é um cara a quem a realidade não agrada. Como não aceita o mundo real, cria um irreal só pra ele. Refugia-se na fantasia que engendra, nas fábulas que cria e ali vive feliz. Muitos de nós pregamos tais mentiras, sem que saibamos, ao certo, se elas são proferidas para auto-ludibrio, para nos enganar a nós mesmos ou se para enrolar a terceiros. É o caso do sujeito que nega a idade, que a diminui, contra toda a evidência. Como ficam seus colegas de infância, de curso primário, os que viveram com ela, várias etapas da existência? Também encurtam o número de anos, imitam a mentira ou desmascaram o falso jovem?

Tem ainda o que pinta o cabelo de negro para dar aos outros e a si mesmo a ilusão do rejuvenescimento.

A quem engana? Às mulheres? Aos contemporâneos? Aos velhos? Aos moços? Vai-se ver: a ninguém. Estes milagres da tinta não diminuem a idade de ninguém. No entanto, muitos a eles recorrem e se sentem bem com a desapareição das cãs, com a subtração de décadas que lhes pareciam excessivas. A gente mente, nesse caso, para autocontentamento, para satisfação interior.

Árabes

Devíamos, sim, estudar também mais os árabes e sua influência entre nós, como o mostrou Gilberto Freyre. Nem falo só dos Simon, dos Maluf, dos Abdalla que chegaram no século passado. Refi-

ro-me à presença árabe, na Península Ibérica, por sete séculos, mais do que os da existência do Brasil, como integrado ao mundo ocidental, presença civilizadora, tolerante, cordial, ao contrário do que a pintou a propaganda européia e católica.

A tentação da marca

Pessoa amiga me pede comprar-lhe bolsa Louis Vuitton, em Lisboa. Fi-lo sem maior boa vontade porque sei que possui necessidades maiores a que não pode atender. No entanto, sacrifica-se por uma bolsa de marca. É uma das perversões do capitalismo. A bolsa, a roupa, ao carro de marca de prestígio. É apenas uma ilusão, gerada pela publicidade, pelo estímulo ao consumismo, pela necessidade de afirmação. Há quem por ela, por esta necessidade artificial, morra ou mate, se prostitua. Nem adianta contar-lhes que tentei dissuadir a jovem amiga de que era mais em conta adquirir bolsa, de contrabando, na Feira do Paraguai, por preço dez vezes menor. Faria o mesmo efeito. Seria infração legal, feita, por sinal, às claras, contornando a perversão do consumismo. Não quis. Preciso era ter a convicção do produto, mesmo de custo, muito acima de suas posses. Por uma roupa de marca, bolsa de marca, carro de marca, muitos se prostituem, vendem a alma ao Diabo.

A vida é mais criativa

Há quem diga que a arte imita a vida. Em verdade, em verdade vos digo: a vida é muito mais criati-

va. Mais engenhosa. O maior romancista do mundo é o Destino. Havia alguma Gloria Magadam, Janete Clair, Gloria Perez capaz de engendrar golpe como este da goiana que rouba e registra como seus, filhos alheios? Não podendo mais fazê-los, arrecada-os tranqüilamente, ainda frescos, recém-fabricados, pelas maternidades. É enredo para dramalhão de filme mexicano antigo.

Avós

Edmilson Caminha contou, no lançamento de seu livro, estorinha que bem fala do desapareço de nossa cultura por quem escreve. Na sala de aulas, o professor indagava das crianças o que faziam seus avós.

“O meu faz casas, é engenheiro”.

“O meu faz operações, é médico”.

“O meu faz tecidos, é dono de indústria”.

Quando foi a vez do neto do dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, ele respondeu:

“O vovô não faz nada. Passa o dia, em casa, escrevendo”.

B

Batendo pernas em Paris

Os leitores hão-de estar frustrados. Esperavam, do cronista, estórias de suas *promenades* francesas, dos *crus* sorvidos, das ostras consumidas e ele não pára de falar de Sobral. Reconheço: cumpre mudar. Voltar os olhos para Paris, coitada, que, igual a Sobral, tem Arco do Triunfo. *Boulevards*. E o Sena que pode não possuir os encantos do Acaraú, mas tem lá o seu valor.

Comecemos pela boca. Como falam e como falam rápido os parisienses! Todos eles têm muita, muita coisa a dizer. Cada um deles quando dispara é que nem metralhadora verbal. Não param nem pra tomar fôlego. Ou água. Um dia desses, na Escola (École Pratique, em Paris), sentou-se à mesa do café uma funcionária. De repente, desandou a falar do desemprego na França, na Espanha, na Europa, no Brasil, da falta de oportunidade de trabalho do filho, contrastando com as facilidades com que seu pai contou, quando jovem. Falou tanto que nos deixou cansados. E foi só durante o tempo em que fumou seu cigarro.

Quando aluguei meu apartamento, na Rue de Vouillé, vim vê-lo com Fred e Elzinha. A proprietária, senhora simpaticíssima, topou com nossa cara e fechou o negócio no ato. Não exigiu fiador. Aceitou cheque pré-datado. Não pôs dificuldades nem burocracia. Tudo em menos de dez minutos. As outras duas horas foram gastas por ela, contando, a Elzinha, sua época de filha de “*piéd noir*” no Marrocos, onde o pai foi grande empresário, sua vida de casada, a da filha que morou no Brasil e que hoje, desquitada, reside no mesmo prédio dela, a dos netos. Enfim, sabemos tudo dela e dos seus.

É engraçado, aqui, em Paris, ver a sem-cerimônia com que as pessoas se alimentam na rua. (E não são *clochards*, não. É gente de boa aparência, bem vestida). Com que entram no ônibus ou no metrô, estraçalhando seu *croque-monsieur*. Lembro, a propósito, estória do Jesus Pinheiro com um seu parente de Jaguaribe a quem flagrou, em plena Guilherme Rocha, encarando um sanduíche.

Quando o recriminou, ouviu esta resposta:

“É tu querias que alugasse um quarto de hotel só pra comer um sanduíche?”

Se há uma coisa positiva, em Paris, é o hábito da leitura. O parisiense lê em pé, lê, sentado, lê no metrô, lê enquanto espera o metrô. Inclusive as crianças. Até o mendigo que faz ponto na feirinha da Rue de La Convention, aos domingos, sentado na

soleira de um edifício, lê enquanto espera caíam *petites piéces*, no pires ao lado.

Uma coisa ruim é o vício do fumo. Como os jovens fumam. Dá tristeza passar à porta dos colégios e ver a meninada tirando suas baforadas.

Pra falar a verdade, não travei maior conhecimento com a decantada grosseria, com a impaciência dos parisienses.

Praticamente, consegui passar longe de seus acessos de impaciência, irritação e mau humor. Agora, tem pior. Se há algo que me deixa descontente, aqui, são alguns hábitos de higiene a começar pelo fato de que eles costumam assoar o nariz, com naturalidade, à mesa de refeições. *É dégueulasse*.

Os jornais de Paris parecem os brasileiros. Todo o dia, trazem denúncia de corrupção. O Chefe do Governo embolsa propina de cem mil francos, todo o mês, duma empresa interessada em negócios com o poder público. O novo Presidente, quando prefeito de Paris, pagava de aluguel à SHIS daqui menos que eu e morava num bruto apartamento com enormes jardins. Consegui de um corretor comprar e vender, no mesmo dia, enorme terreno da família de sua mulher, à Prefeitura. Ou melhor, a uma empresa pública controlada pela *mairie*. Ora é um ministro que ganhou uma casa de praia de um empreiteiro. Ou o deputado que obteve empréstimo favorecido do banco estatal. O *maire* que deu, de

mão beijada, a exploração do serviço d'água a um empresário amigo.

Fala-se, também, muito da doação de dinheiro para as campanhas eleitorais. De uma coisa, porém, podemos-nos orgulhar. Da quantidade. Aqui, um ex-primeiro-ministro se suicidou após ter sido denunciado que um amigo lhe emprestara cem mil dólares pra comprar o apartamento onde morava. Ninguém chegou jamais às culminâncias do P.C. Farias nem de seu bem-aventurado sócio.

A mídia, aqui, adora desenterrar o passado, exercício sadomasoquista pra quem sabe quão lastimável é a verdadeira história da ocupação alemã. Um dia destes o crucificado foi o próprio ex-presidente por haver trabalhado pra Vichy. Depois, o dono da L'Oreal. É culpa que a França não acaba nunca de expiar.

Colegas de Escola se surpreendem, às vezes, com o saldo bancário elevado. Quando vão ver, com atenção, percebem que não está sobrando nada. É apenas o dono do apartamento que ainda não depositou o cheque, relativo ao pagamento do aluguel. Quando perguntei à minha locatária se podia pagar o aluguel, adiantadamente, ela aquiesceu com indiferença tal, como se fosse ela quem me estivesse fazendo favor. Estranhei. É que a gente, vinda da cultura inflacionária, se acostumou a não demorar com o dinheiro no bolso nem no Banco com medo

de que ele se derreta que nem banha em chapa quente. Saí (saía) correndo pra investir. Aplicar. O que não acontece ao europeu que não sabe o que é inflação. Pelo menos, a inflação frondosa que conhecemos.

Boa companhia perdida

Certa feita, tive oportunidade de jantar com um cara de Sobral, mais ou menos de minha geração, que nunca falara comigo. Interpelei-o: “Por que nunca falaste comigo?” Ele bodejou uma explicação ou nada disse. Quando foi ao banheiro, um dos companheiros indagou: “Tens uma situação muito melhor do que a dele, por que te rebaixasse a isso?” Não considerei nenhuma autoflagelação. Nada de rebaixamento. Não se tratava de cotejar *status* e prestígio. Lamentava, mesmo, que, ao longo da vida, não tivesse convivido com ele. Ainda hoje lamento porque acho que era (pois já partiu) boa-praça. Não estava em cogitação discutir quem era mais importante, se eu ou ele. Apenas uma questão de ser humano.

Brilho full time

Numa de suas inúmeras *boutades* famosas, Néelson Rodrigues dizia que seu amigo Otto Lara Rezende devia andar sempre acompanhado de alguém que fosse apanhando os ditos espirituosos que espalhava em suas caminhadas, em suas conversas. Chegava a propor que o jornalista mineiro se estabelecesse com uma loja de frases. Aqui, pra

nós. Nem devia dizer, mas ousei fazê-lo. Tenho opinião muito diferente. Não creio em ninguém inteligente vinte e quatro horas por dia. Brillante em tempo integral. Ou talvez tudo decorra de falha minha. Quando encontro gênios, sou incapaz de captar seus lampejos, seus surtos de genialidade. Falta-me compreensão para seu brilho.

O certo é que já convivi com Oscar Niemeyer, Jorge Amado e José Saramago e sou incapaz de lembrar o que recolhi de frases daquelas para guardar para sempre. Lembro almoço ajantarado que o ministro Luciano Brandão ofereceu a seu amigo, Oscar Niemeyer. Apesar de tantas horas de boa conversa, não recorro haver escutado uma frase, daquelas para nos acompanhar a vida inteira, do gênio da arquitetura que, perto de atingir um século de existência, continua a inundar o mundo de monumentos de beleza.

Levou-me Jorge Amado a almoçar em restaurante da Rue du Sommerard, em Paris, o mesmo que freqüentava quando exilado no final da década de quarenta. Gostei (como gostei!) das fofocas envolvendo Ciro dos Anjos e Guimarães Rosa, em parte já contadas em “Navegação de cabotagem”. Das reminiscências dos comunistas cearenses de seu tempo de militância. Ficamos nisso.

Quando li “Memorial do Convento”, em fins de 1985, deslumbrei-me. Fiquei macaco de auditório de José Saramago. Não sosseguei enquanto não o conheci. Numa ida a Lisboa, em julho de 1986, acorri ao restaurante Varina da Madragoa onde sa-

bia que o grande romancista almoçava. Pedi ao garçom me avisasse de sua chegada. Fiquei esperando.

Nada. Até que interpelei o serviçal:

“Cadê o homem?”

Ele me apontou cavalheiro alto, magro, elegante que comia, sozinho, em sua mesa:

“É aquele gajo acolá”.

Vejam leitores, um dos maiores escritores do mundo, o futuro Nobel da Literatura, era, aos olhos do serviçal, um freguês a mais, diferenciado dos outros talvez apenas pelo tamanho, maior ou menor da gorjeta. Pois bem, invadi sua privacidade, falei do impacto que sofri ao ler seu livro e o convidei a vir à minha casa. Por duas vezes, deu-me a honra de jantar conosco, aqui na 105 Sul, eu, sempre atento às frases imortais que perpetrasse e nada. Gostou de sorver o “Porca de Murça”:

“Sendo português pode ser não seja falsificado”, observou e reclamou da pouca venda de seus livros.

Quando lhe falei que fico muito inseguro em Roma, replicou:

“Pior é aqui”.

È contou de como, numa de suas primeiras viagens a S. Paulo, ao sair do hotel, foi assaltado por um vadio que, inesperada e violentamente, lhe enfiou a mão no bolso, rasgou-o e dele tirou o dinheiro que ali guardava. Tudo isto em fração de segundos. Só disto, pobre colheita, me lembro.

Por isso, em verdade, em verdade vos digo: ninguém poder ser brilhante *full time*. Ou, então, a culpa é minha: insuficiência mental para saber o instante em que estão cintilando, fulgurando aos meus olhos e ouvidos desatentos.

C

Cabo Verde

Passei a querer conhecer o arquipélago de Cabo Verde, depois que li “O testamento do senhor Napomuceno”, de Germano Almeida que virou filme delicioso e conheci seu autor, aqui em Brasília, a quem convidei para uma caipirinha no bar do Hotel Nacional e com quem jantei no apartamento da educadora Esther Grossi, ex-deputada gaúcha. O escritor é um tremendo boa-praça, dois metros de altura e largura, cheios de bonomia. Confesso razão subalterna para desejar visitar seu chão. Há quatro anos, almocei com o escritor Alcada Batista no Fumeiro, em Lisboa. Como lera, recentemente, romance de sua autoria, falando de amores com médica cabo-verdiana, conversamos sobre o arquipélago que ele acabara de visitar na companhia de amigo que, achando barato o preço das lagostas, todos os dias, pedia este prato, alegando querer economizar. Estou vendo que, em breve, com a linha ligando Fortaleza ao arquipélago, poderei encarar a lagosta cabo-verdiana e estreitar, nos braços sobralenses, o grande ficcionista daquelas ilhas. Disseram-me que o único inconveniente reside no fato de ser semanal o vôo e que há o risco de ter de voar a Lisboa num pa-

chorrento jato de fabricação soviética que levaria quatro horas nos ares. Amigos otimistas me lembram, por outro lado, que será gostoso travar relações com uma cultura luso-africana, ouvir o português falado com sotaque africano, afora tomar conhecimento de hábitos e costumes de um povo de nós tão próximo. Tudo isto me comove, me toca o coração, mas ir até Lisboa, estando dela relativamente perto é prazer de que não posso me privar.

Caminho a seguir

Frustrada na tentativa de manter o segundo casamento pela dificuldade de reunir, sob um mesmo teto, filhos dela e do marido, ela recomendava à filha recém-desquitada:

“Minha filha, com quatro filhos e um deles, doentinho, vai ser muito difícil para você arrumar um casamento. Por isso, dou-lhe um conselho: procure o amor de um homem casado. E acrescento: Um homem bem casado para não ficar, a toda hora, lhe aporrinhando, contando os defeitos da mulher”.

Capitalismo religioso

Ando às voltas com o romance “Mãe, materno mar” do angolano Boaventura Cardoso, publicado pela editora Campo das Letras. A obra é merecedora de uma avaliação mais profunda que estas linhas, traçadas na pressa de coluna diária. Vale a pena mergulhar no mundo africano, sua magia, suas cren-

dices, seus costumes. Ao mesmo tempo, tomamos conhecimento de que Angola também está lotada de novas igrejas. Multiplicam-se as novas religiões, prometendo milagres imediatos e arrecadando o pouco que os pobres possuem.

Carro de mulher

A linguagem nem sempre reflete a realidade contemporânea. Foi o que me ocorreu ao ouvir o vendedor de carro recomendar seu produto a um amigo: “É carro de mulher, muito bem conservado!”. Isto é coisa do passado mais remoto. As mulheres eram outras, passivas, conformadas em seu canto. Hoje, disputam espaço no mundo com os homens e jogam bruto, jogam pesado pelo poder, pelo dinheiro. Saem com quem querem, bebem o quanto podem e assim seus automóveis refletem tal tipo de comportamento que não tem nada a ver com a postura da mulher de outros tempos.

Carro novo

Não consigo distinguir o rosto de alguém que acena, festivamente, para mim de dentro de reluzente Mercedes-Benz, à frente da chapelaria da Câmara. Termino por me aproximar do veículo para ver de quem se trata. Retribuo o cumprimento. Testemunha da cena, um amigo pergunta: “O que ele queria?”

Explico: “Queria me mostrar que está de carro novo”.

Catedrático de gentilezas

Não se pode dissociar o nome de José Maria Soares da história do Rádio cearense, de tal modo se vinculou à presença da Rádio Iracema de Sobral, durante mais de cinquenta anos. Ele será lembrado, ainda, como professor de gentilezas, aquela criatura amável que somente pensava em agradar, só tinha, em mente, servir. Vou ter saudades, muitas saudades do amigo Zémária que partiu para nunca mais voltar. Quando um colega de profissão, um conterrâneo, um amigo vai-se embora, a gente se sente ameaçado, quase atingido. Pior foi quando faleceu um outro profissional de jornalismo político, que residia em meu edifício, em minha prumada. Qualquer descuido lá de Cima me poderia ter sido fatal. Mero erro de pontaria.

Cearensidade

Doutra feita, fui jantar no restaurante de uma generosa senhora que abrigava algumas moças generosas. Éramos eu, Vicente Augusto, Stênio, Murilo Aguiar. Foi só uma refeição. Havia ali comida e comidas. Eles jantaram e decidiram partir. Eu, porém, nem escondi a ansiedade. Quis ficar, alegando que ia tomar mais um drinque. Eles perceberam que meus planos eram carnis pela maneira com que a dona da casa me tratava. Eu engrolei uma vaga desculpa para ficar pois me agasalharia em seus braços assim que eles saíssem. Despedi-me à porta e fui logo ao encontro da proprietária. Eles partiram. Deram, porém, apenas uma volta em torno do quartei-

rão e vieram conferir minha sofreguidão. Daqui a pouco, ouvi, já no quarto, o trio gritar: “Jornalista Lustosa da Costa!”

Eles haviam percebido o projeto erótico. Denunciado por minha ansiedade. E queriam registrar que estavam por dentro. Costume bem nosso.

Charles Morgan

Uma vez, Lúcio Brasileiro e eu visitávamos Chiquita Gurgel, dona do último grande salão da sociedade sobralense. À certa altura, pedimos-lhe música. Ela indagou se desejávamos ouvir Bach, Brahms, Mozart.

Homem do Beco da Piedade, fui franco:

“Não tem disco de Nelson Gonçalves, de Altamar Dutra, ou de Alcides Gerardi?”

Insegura, ela ainda nos perguntou, tímida:

“Vocês gostam?”

Eu gostava, ela gostava, nos gostávamos. Só não nos arriscávamos ao patrulhamento estético. Era o medo de parecer cafona.

Um dia desses, vendo o presidente da Academia Cearense de Letras, Artur Eduardo Benevides, falar, bem, de Charles Morgan, dei um suspiro aliviado. Foi algo parecido. É que me deslumbrei, na juventude, com “Sparkenbrooke”, de Charles Morgan. Depois, me encolhi, peguei corda quando me disseram que tal autor era cafona. Popular. Autor de best-seller.

Como já disse, vendo e ouvindo Artur Eduardo Benevides citá-lo em discurso, ainda assim consultei-o, mais uma vez, e ele repetiu que era perfeitamente legítimo ler e gostar da leitura de Charles Morgan. Confirmei meu alívio. Li, recentemente, “A deusa dos laços” da portuguesa Maria Adelaide Valente e apreciei. Como sou covarde, antes de admiti-lo e proclamá-lo publicamente, enviei e-mail para o Onésimo T. Almeida, na Universidade de Brown, nos Estados Unidos, para saber se era de bom tom gostar de tal autora. Tal minha covardia em decidir. Tal a fragilidade de meu caráter. Passando a bola pra frente. Não li “Ulysses”, de Joyce e morria de remorso, apenas superado quando vi que Otto Maria Carpeaux renegara tal leitura. Lego tal responsabilidade aos filhos. Cultivo vício secreto que ora vos vou revelar: curto “Arco de Triunfo”, de Erich Maria Remarque, um best-seller do pós-guerra. Que leio, releio, há muito tempo. Não espalhem que nem sei se pega bem tal franqueza entre os homens de letras com quem convivo.

Cinema

Estava-me lembrando da preguiça de sair de casa para ir ao cinema, doença que hoje me acomete. É o peso dos anos. Nem sempre foi assim. Gostava muito de assistir aos filmes passados no Cine Teatro Rangel, em Sobral. Não havia monopólio do cinema americano como hoje em que vivemos sob a esmagadora e aplastrante influência cultural de Tio Sam. A primeira grande película de que me lembro,

por exemplo, era francesa, libelo de André Cayatte contra a pena de morte, intitulada “Somos todos assassinos”. Comoviam-nos os dramalhões mexicanos. Sabíamos tudo das paixões de Maria Félix, Augustín Lara, das ancas de Ninon Sevilha que desertaram de nossas telas. E o filme americano, de que me lembro, à época, era de autoria de Alfred Hitchcock, Intervalo, com Cary Grant e Ingrid Bergman. Se não me engano (valei-me, L. G. Miranda Leão) era filme de espionagem atípico, pela paixão que consumia os dois agentes inimigos. Só sei que a gente ficava contando os beijos trocados entre Cary Grant e Bergman que, em certo transe, superaram três dezenas seguidas.

Coisa de pobre

Acho que isto de ir olhar mercado é coisa de pobre. Que quer ver muita comida. Por conta da fome ancestral do nordestino. Já notaram quando alguém de origem modesta recebe os amigos, a comida sobra? É a maior preocupação que a gente tem é de que falte comida ou bebida. Nem todos sentem este tipo de angústia. Se não houver bastante alimentos dessa vez, haverá na outra. E não se chateia com isto. O pobre se angustia, se mortifica, temendo falhar por escassez.

Com chapéu alheio

Dona Dolores mantém o hábito de seu Costa de me matar a fome, aos domingos. Com frequência, vamos ao Cantinho do Faustino. Um dia

desses, quando pedi a nota, o Faustino não quis cobrar.

Insisti: “É dona Dolores que vai pagar. E ela é marajá”. Não disse marani porque poucos sabem o feminino de marajá. Fiz, porém, minha cortesia com chapéu alheio.

“Como está, está tão bonzin...”

O saudosos deputado Wilson Roriz costumava contar o trágico transporte de um preso de Quixelô a Quixeramobim, amarrado, a pé, pela estrada poeirenta, de quando em vez, mimoseado com pontapés. Nas ruas de Iguatu, não cessaram seus padecimentos. Murros, chutes, insultos verbais, toda espécie de maus-tratos físicos. À certa altura, ao parar para beber água, um dos soldados o chutou, várias vezes, com requintes de perversidade. Condoída do sofrimento do outro, uma velhinha dirigiu-se a um dos policiais, propondo:

“Por que não matam logo este coitado?”

Torto, pisoteado, ensangüentado, erguendo a única vista ainda não molestada por pontapés, o detento discordou, dizendo:

“Morrer, nada! Como ia, estava tão bonzin”.

Por aí se vê como tudo é relativo.

Como no crediário

Na Praça do Ferreira, alguém indaga do Santana, da velha-guarda do Banco do Brasil, qual a idade média das moças que freqüentam o Oásis.

Ele responde, citando os prazos do crediário da Casa Pio:

“É como na Casa Pio. Tem de trinta, sessenta e noventa anos”.

Companhia

Pela qualidade das companhias, imaginem os leitores como deverá ser prazeroso o tempo que passarei em Lisboa. Há outros amigos, intencionados de me prestigiar no lançamento da edição portuguesa de meu romance “Vida, paixão e morte de Etelvino Soares” que, todavia, ainda não confirmaram a ida. Para aumentar minha ansiedade, minha angústia. Termina indo uma pá de gente boa.

Companhia? Para quê?

Um amigo se gaba de estar passando a semana, em seu sítio, na serra. Sozinho porque a mulher, depois de criar os filhos, voltou a estudar. Recomendando-lhe arranjar companhia. O coroa finge escandalizar-se até que lhe explico:

“Você tem de dormir acompanhado. Nem que seja para ter alguém a ajudá-lo a se levantar do banheiro, de madrugada, quando escorregar e cair...”

Comparando

Foi do que me lembrei, esta semana cearense, em que não pude rever amigos queridos, imobilizado pela gota e, depois, pela gripe, o que me fez sus-

peitar de que aquelas vacinas tucanas eram tão falsas quanto as pílulas anticoncepcionais, feitas de miolo de pão. Quando fui agradecer à professora Norma Soares documentos que conseguiu para meu livro a respeito de Sobral, ela me levou ao encontro do marido Teo:

“Fique aí com ele conferindo as mazelas de vocês”.

Antes ela impugnara meus queixumes, lembrando o que aqui escrevo:

“Não vives dizendo que é melhor envelhecer que morrer?”.

Compra de cova no cemitério

Sem falar do receio de ser incômodo. De dar trabalho aos outros. Não gosto de dar trabalho a ninguém, enquanto vivo. Quanto mais, depois. “Além de não deixar nada, ainda traz problemas” é a frase que não gostaria se dissesse em minha retaguarda. Porque serei defunto sem o menor futuro. Morrendo, não melhoro em nada a vida dos herdeiros. Nem a alegria de embolsar gordo seguro de vida lhes proporciono porque estou impedido de fazê-lo depois que botei meia sola no coração em Paris. Então, para poupar os sobreviventes de aborrecimentos, tentei, em vão, aliviá-los de resolver o da última moradia e não consegui.

Confissão escrita

Ocorreu o mesmo a fogoso repórter do antigo Estado de S. Paulo. Acompanhava o Dr. Ulysses

Guimarães, numa de suas peregrinações cívicas pelo Interior do Ceará. Sobrevoavam a Serra da Ibiapaba onde morou e pregou o Padre Antônio Vieira. O aviãozinho corcoveava, pulava que nem cabrito montês. Entre a trepidação e a chuva, o bravo homem de Imprensa viu a morte chegar. E não teve dúvida. Escreveu bilhete à mulher, confissão de culpas e pedindo-lhe perdão. Guardou o bilhete no bolso. O avião não caiu, ele não morreu, mas a confissão ficou. Foi pau puro o que o aguardou ao voltar à casa. Daí porque confissões orais ou escritas podem levar ao reino dos céus. Aqui, em baixo, porém, a conversa é outra.

Conhecer o próximo

Quando voltei de temporada européia, dona Dolores recomendou:

“Agora, trate de conhecer o Brasil”.

Aí me dei conta de que vivemos de costas para o sertão, para o Interior, de olho na Europa. E alguns nos Estados Unidos, o que, felizmente, não é o meu caso. Pois, aos 64 anos, me dou conta de que nada sei da maior parte do território nacional. Nunca fui ao Amapá, ao Acre, ao Amazonas, ao Pará, aos dois Mato Grosso, ao Espírito Santo. O mesmo se dá com a América Latina. Em 1973, visitei a Argentina e Uruguai, mas era uma época tão tumultuada no primeiro e tão cheia de apertos e sacrifícios no outro que não havia sequer carne bovina, todos os dias, nos restaurantes mais caros. Foi uma viagem rápida da qual me lembro haver assistido,

pela televisão, em Montevideú, à reportagem de tevê sobre a derrubada de Salvador Allende. Foi só. Não nos voltamos para o que se encontra tão próximo de nós e de nossas raízes culturais. Não fui à Cuba de Fidel e tenho pena. Gostaria de fazê-lo enquanto ele ainda estiver no governo. Agora, quantas vezes, vagabundeei por Portugal e pela França do que, por sinal, não me arrependo pois ali está o berço de nossa formação.

Coquetel na Étoile

Conheço, um dia desses, o Cônsul Geral do Brasil em Paris, embaixador Tabajara de Oliveira, num jantar. Conversamos bastante. Afinal ele tem um papo colorido, cheio de recordações de quem sempre esteve no *top da carrière*, seja servindo junto ao grande Gilberto Amado, seja junto ao governo do Paraguai onde aprendeu a cantar guarânias, ofício a que se quer dedicar - quando se aposentar - em clubes elegantes ou mesmo em churrascarias de beira de estrada. É claro, trata-se de fantasia cultivada às margens do Sena. Agora ele me convida pro coquetel que está oferecendo, despedindo-se da França, nomeado que foi Embaixador na República Dominicana. Ao ouvir seu convite, tento adverti-lo:

“Embaixador, só tenho papo pruma noite. Se for ao coquetel, vou repetir o repertório”.

Não adianta. Ele corre o risco.

Como sempre acontece, onde quer esteja presente, tento puxar o Ceará pra assunto. Logo descubro que a mulher do anfitrião, Ana Maria, é des-

cedente direta do Comendador Nogueira Acioli, que mandou no Estado durante mais de vinte anos. Logo a seguir, encontro o Embaixador Leite Barbosa que fala de suas raízes cabeças-chatas. E como se não bastasse, por fim não por último, tenho o prazer de rever um contêrraneo da gema, Jerônimo Moscardo de Souza, menino criado na Rua 25 de Março, ex-ministro da Cultura, hoje Embaixador junto à UNESCO, cuja mulher, Carmen Olivia, é cearense do Aracati. Luiz Recena, homem do *Correio Braziliense* no chão gaulês, me apresenta a um milionário que se aproxima de nosso grupo. Solicito-lhe demore um pouco entre nós, jornalistas. Como ele não entende o porquê do pedido, explico-lhe:

“É pra aumentar a renda per capita da roda...”

Ele solta uma gargalhada, porque rico ri à toa.

Queixo-me a Helena Celestino, de “O GLOBO” de quem tenho seguido seus roteiros gastronômicos baratos de Paris, sem maiores resultados. Ela estranha e quando me questiona porque a *adition* estoura, termino por lhe revelar que são os *rouges* com que irrigo meu repasto.

“Hum. Ah, sim. Agora entendi”.

Para sua melhor compreensão, cito Lúcio Brasileiro que, além de colega, é dono do “Ugarte”.

Ele costuma dizer:

“Não há restaurante caro nem barato. Caro é o pedido que a gente faz”.

Tem razão.

Leio no “Le Figaro” baboso elogio à elegância, à maneira de vestir do novo Presidente da República. O que me traz à mente a apresentação que alguém fez ao antigo senador Olavo Oliveira de um novo correligionário. O apresentador caprichou nos elogios ao mais recente aliado:

“O coronel Fulano é homem sério, honesto, cumpridor de palavra, solidário, leal, incapaz de nos faltar”.

Foram tantos os adjetivos enunciados que, gozador, Olavo só teve mais um pra saudar o apresentado:

“É que homem bonito!”

Crime e castigo

Mal embarcou o marido, rumo a um congresso de oftalmologia em S. Paulo, a mulher passou na casa do garotão que atendia as suas carências e levou-o ao motel. Pediu a suíte mais cara, que dava para a praia e, com freqüência, por ser pouco procurada, ficava de portas abertas. Pois bem, estava ela deitada, esperando o namorado que se trocava quando sentiu uma picada. Espantada, levantou-se e descobriu que deitara sobre um ninho de cascavel. O namorado levou-a, correndo, à casa de saúde mais próxima, ela, já cega, pela rapidez com que o veneno do ofídio percorria seu organismo. E, agora, ela espera o marido profissional da oftalmologia para se cuidar. Tudo isso é castigo. Se ela fosse ao motel, com o marido, dificilmente lhe teria acontecido tal desgraça. Talvez nem fosse. E se fosse, não ia esco-

lher suíte mais cara. Vejam o que Deus faz aos adúlteros. No mínimo, mordida de cobra. De quando em quando, circulam outras versões desta estória moralista do crime e do castigo.

Curtindo saudades

Estou em Brasília desde dezembro de 1974. Mantive-me, durante este longo tempo, intensamente ligado a Sobral e ao Ceará. Marcelo Linhares registra que esta ligação se torna mais funda, mais intensa, quando o emigrante se encontra em dificuldades na terra estranha para onde se mudou. Não foi o meu caso. Não foi, graças a Deus, o que me ocorreu nestes 28 anos de Planalto Central. Deus me protegeu em todos os momentos e me proporcionou até alguns instantes de relativo êxito. Ainda assim, mantive-me fiel às raízes e disso me vanglorio. Há amigos que se surpreendem com as ligações de amizade que conservo na terra natal, ligações que agradeço à Providência Divina.

D

Dando o cano na França

DOU o maior dez a conversa de estrangeiro. Falo do cara que deixou sua terra por imposição material, porque não tinha espaço ali e foi pro exterior, melhorar de vida. O português é o emigrante típico. Seu destino foi sempre expatriar-se. Gosto muito de conversar com eles aqui em Paris e acho engraçado que muitos me respondam em francês. Eles, em sua maioria, já construíram sua casa na santa terrinha que, por enquanto, ocupam um mês por ano, nas férias. Pensam residir lá, ao envelhecer. É o que sonham, para quando chegar a aposentadoria. Só falam na volta embora ela não seja fácil. Porque a família se enraíza de tal forma no estrangeiro que o chefe tem dificuldades em cumprir a nostálgica expedição. Tenho vontade de lhes perguntar:

“Onde você quer morrer quando chegar a hora?”

A maioria, é certo, gostaria de descansar no chão pobre em que nasceu e do qual saiu, movido pela ambição de escapar da pobreza, da ignorância.

Estou morgando depois do almoço do 14 de julho quando Raquel me desperta, anunciando visitas. Que não se identificaram, ela supõe serem de

Sobral. Vou ver. É Pádua Barroso, meu amigo e colega de IPASE, durante onze anos quando era também intrépido defensor dos direitos da pessoa humana nos mais torvos tempos da ditadura militar. Vem com Padilha, o sempre presidente da Bolsa de Valores e se queixa do Hotel Brébant em que o alojaram, para minha surpresa. Digo-lhe que ali fiquei em 1970, na primeira vez em que visitei a Europa e gostei. Barroso entende:

“Claro. Naquele tempo eras pobre...”

Juntos recordamos os bons tempos vividos juntos. O pessoal do IPASE que já se foi como o Lázaro Farias, Solange Araripe, Luiz Teixeira (pai dos psicanalistas) e Mirtes Barroso. Padilha me conta de recente jantar, na Lagoa, com Jane e Elano de Paula onde só falaram de tevê e de espetáculos. Elano, compositor de “Canção de Amor”, foi patrão nos tempos do grupo CREDIMUS e continua amigo.

Todas as semanas, faço minha fezinha, embora só tenha ganho no jogo do bicho, uma vez, e quando adolescente ainda em Sobral. Já que não persegui outras fontes de riqueza, aposto na Loto. Aqui em Paris, também. Deus pode me negar a fortuna. Não vai, porém, alegar que não lutei por ela. Bem que batalho. Todas as semanas. Segunda, fui ao café conferir meus bilhetes. O funcionário me informou que não me podia pagar. Por que? quis saber. Porque era *gros lot*. Entrei logo em delírio. Vi-me milionário em francos, comprando ou, pelo menos apalavrando a compra, do Ritz, do Hotel de Ville ou da Tour Eiffel. No mínimo, dum aparta-

mento pra Sara estudar arquitetura, às margens do Sena. Antes, porém, de meter a mão na grana, há que ir à loja “La Française des Jeux” pro recebimento devido. Estou perto. Pergunto ao motorista se me leva. Ele me aponta o colega detrás na fila e abre a porta de seu carro pra uma loura escultural. Está certo. Vou ao outro motorista. Quando lhe dou o destino, indaga, irritado, porque o seu colega não me levou. Respondo-lhe que talvez prefira transportar as mulheres. Ele insiste numa explicação. Tento esconder-me atrás da desculpa de que não entendo francês. Ele, ignorando o futuro milionário que transporta, me dá uma bronca:

“Entende porque compreendeu que o outro prefere transportar as louras.”

Mal-humorado, termina me deixando no *Boul Mich* onde aporto à loja da Loto. Ao entregar o bilhete à funcionária, ela indaga se sei meu ganho. Digo-lhe que não. Ela informa que são dez mil francos. Mais precisamente 10.190. Dois mil dólares. Nada mal. É um mês de aluguel. A viagem de Sara pra Grécia. Sei lá o quê. No entanto, esnobo, finjo indiferença:

“Pensava que fossem cem mil...”

A moça não gosta da fatuidade do estrangeiro. È, sem maior entusiasmo, me assina o cheque. Volto pra casa depois de haver dado mais este prejuízo à França.

Decadência da classe média

Meu filho mais moço, Carlos Eduardo, aproveitou a greve da UnB onde estuda, para fazer con-

curso para os quadros do Banco do Brasil, onde vai trabalhar. Isto me lembra os tempos da adolescência, muito antes da implantação do neoliberalismo, em que as moças do Interior elegiam como melhores partidos, os funcionários do Banco do Brasil e os cadetes. Houve, em Sobral, o caso de um moço que, nomeado contínuo do estabelecimento, mudou de turma. Deixou de falar com um bocado de amigos porque não estavam à altura de seu novo status. A mim mesmo ocorreu decepção. Andei apaixonado por morena de verde nos olhos e sardas no rosto, sem coragem, porém, de dar-lhe conta de meus sentimentos. Quando, uma noite, durante o footing na pracinha dos fundos da Igreja do Rosário, criei coragem para abordá-la, levei um fora. A moça estava comprometida. Ia casar com um rapaz que “estudava para o Banco do Brasil”. A essa altura dos acontecimentos, queria ser eu Presidente da República, secretário da ONU ou Papa e era derrotado por uma larva, uma expectativa de bancário.

Raul, grande Raul Barbosa, quando presidente do Banco do Nordeste, gostava de mim e me insinuou a necessidade de cumprir bolsa de estudos nos Estados Unidos para virar TDE, Técnico em Desenvolvimento Econômico. Lembrando o amigo ao Magalhães, benebista aposentado, este vítima da *razzia* dos tucanos naquele estabelecimento, me advertia: “estavas era frito se te tivesses tornado funcionário do BNB”

De graça tudo

Muita gente adora o gratuito, mesmo a desnecessário. É o que não lê nem os livros que compra e que leva, para casa, um, dois, dez exemplares de outro que não vai ler, mas está sendo distribuído de graça. Ou o que não fuma, mas enche o bolso de charutos que o garçom oferece, ao final da refeição ou da festa. Não gosto disso e sou capaz de cometer gafe, até grosseria para recusar o de que não preciso, que não vou usar e que pode ser útil a outrem. Claro, quando tomo posse do que não me vai servir, estou privando um terceiro de se beneficiar de tal bem.

De novo nos meus cantos

Nessa temporada de ausência no exterior, sempre me preocupei em não me deixar deslumbrar pelos encantos do Primeiro Mundo tendo presente que meu lugar é aqui. Meu País é o Brasil com seus encantos, suas mazelas, suas contradições e suas surpresas. (Forçoso é reconhecer: temos melhorado muito de Fernando, nos últimos tempos. Nada mais de moças de Canapi, de Cláudia Raia, Pepita Rodrigues, não. A julgar pelos telefones grampeados, o sociólogo tem excelente bom gosto e o que vai passando, por perto, geralmente de qualidade, não escapa às suas profundas investigações. Morro de inveja do jeito tucano de curtir o poder). Talvez haja até errado em me manter tão ligado a meu chão. É, todavia, minha maneira de ser. Brasília se engalanou em verde para me receber. Quando dei a primeira caminhada, sob a copa verdejante de suas

árvores, beijado pela brisa do cerrado, pisando sua grama bem cuidada, abençoei ao Deus que, a dois de dezembro de 1974, me mandou pra cá.

Não encontrei grandes novidades na Pátria. Só o táxi, com tabela de bandeira dois em dezembro, que me pareceu tão caro quanto o de Paris. Fui me abastecer de dinheiro num caixa eletrônico do Banco do Brasil e descobri que ele tem direito à semana inglesa. O computador repousa no *week-end*. Como a maioria dos nossos museus. Tá certo. Que diabo de mania besta é esta de só querer ver museu, no sábado e no domingo? Então, o museólogo não tem direito a curtir seu fim de semana? E quem precisa de tutu, precavém-se na sexta, à tarde. Bolas.

Em matéria de cafonice, avançamos muito. Quando saí, havia gente que grudava, no vidro dos automóveis, adesivos, dizendo “Estou putu”. Devia de ser algum integrante da legião dos furiosos, dos hidrófobos que ladram e mordem à menor careta. Agora leio num carro: “Amo minha Esposa”. Escrito assim. E começando e terminando por letras maiúsculas. Taí como o País progrediu.

Revejo, cedinho, os prédios da Câmara e do Senado quando quase não há ninguém. Passeio quase solitário pelos compridos corredores. A moça, que serve café ao gabinete do PPB (antiga ARE-

NA), ainda sabe meu nome, me saúda com alegria e me faz sorver a rubiácea quente que vem de aviar. Ainda há gente da Imprensa de minha idade. Outros contemporâneos. O Roberto Lopes, ao me olhar as cãs, me pergunta:

“Por que não pintas o cabelo?”

Explico ao bom Roberto que em tingindo as madeixas que embranqueceram, em Paris, com o medo da operação cardiovascular, a que terminei me submetendo, nada resolveria:

“A quem enganaria eu?”

“A ninguém, eu mesmo respondo.”

As velhas Olivettis estão desaparecendo. Vocês precisavam ter ouvido, como eu, por quase duas décadas, o açodado e afanoso matraquear das máquinas de escrever do Comitê de Imprensa da Câmara elaborando o jornal do dia seguinte. O Comitê, porém, está a se modernizar, feito o Brasil. O fax e os computadores começam a dominar a paisagem. Ainda restam ali, porém, pesadas engenhocas em que escrevi quase toda a produção jornalística e literária.

Vou atrás de um amigo bancário que resolvia meus pequenos problemas de homem de classe média, descuidado de seu dinheiro. Para minha surpresa, aposentou-se. Rebentou-lhe o fígado. Surpreendo-me por o saber abstêmio. Não bebe. Jamais se

embriagou. Teve o castigo, sem cometer o crime. A expiação sem o prazer. A pena sem o pecado. Assim é demais, Santo Deus!

Ainda há bancários e lhes sei o nome. Em breve, serão, apenas, lembrança. Só lidaremos com computadores que não amam, não bebem uísque, não sofrem de cirrose, nem sabem quem somos. Andaremos às voltas com sofisticadas e insensíveis máquinas. Frias que nem o coração dos banqueiros.

Dente no dedo do médico

No próximo livro que publicar sobre meus tempos de Sobral, não poderei esquecer a ida ao médico, Arimatéia Monte e Silva, para examinar a garganta. Nesse tempo, sofria de adenóides, moléstia que o tempo ou o uísque curou. Pois bem, quando o esculápio me meteu o dedo na goela, para sondar-lhe os males, tasquei o dente dele. Creio que aí o exame acabou.

Desconfianças

Havia, por isso, em sociedade quem desconfiasse de suas reais preferências. Tinha ele adquirido, por força da união, cunhado que cultivava Baco, com assiduidade. Que, certa madrugada, bateu à porta do casal. De dentro de um carro do Posto Nove (ainda havia postos de aluguel de automóveis), interpelou a irmã:

“Minha irmã, teu marido é veado?”

A estremunhada senhora, no silêncio da noite (naquele tempo não havia tanto movimento automobilístico), não tinha como elucidar a funda dúvida fraterna. O questionamento que lhe era feito, em voz alta. Do primeiro andar do sobrado em que dormia, tentou fazer o irmão desistir da investigação:

“Fulano, deixa eu dormir. Acaba com esse escândalo! Está acordando todo o mundo!!!”

Realmente, lá era hora de investigar as preferências de ninguém, quanto mais de cunhado. Que isso se processasse, à luz do dia, após o cafezinho e o cigarro, olho no olho ou mesmo desviando a vista se fosse o que o assunto requeresse, ainda vá lá. Mas na calada da noite, a bendizer de madrugada, era perturbação demais. Não dava.

O rapaz era persistente em sua interpelação. Ainda hoje não se sabe se foi devidamente esclarecido quanto às preferências sexuais do outro. Também não contam as lendas a que horas abandonou a vigília, foi para casa ou voltou para sua roda de bebida, permitindo à irmã continuar a dormir em paz.

Desgosto

Não nego. Às vezes, ficamos desgostosos de morar, em nosso País. O Brasil, de povo tão bom, governado por tanta gente ruim. Dá vontade de pensar no exílio. Depois a gente reflete. Fora daqui, é o domínio total do troglodita. A barbárie texana. A alma profunda da América, no que tem de pior.

De unhas aparadas

Quando, em Paris, mostrei ao cirurgião cardiovascular Leonardo Esteves Lima meus exames, ele foi taxativo:

“Você pode morrer, a qualquer instante. Nem demora. Não dá tempo nem para sentir dor”.

Apesar de tão drástico anúncio, fui reman-
chando e só oito, nove meses, depois submeti-me
à curiosidade do bisturi de seu chefe. Que antes
de me amputar a aorta, falou dos graves riscos da
intervenção cirúrgica que me era reservada. Pois
bem. Não tomei maiores providências no que diz
respeito a dinheiro - talvez porque nem adiantas-
se, nem cuidei do dia seguinte da família. À vés-
pera de me hospitalizar no Pitié-Salpêtrière, fui,
porém, à manicure. Se tivesse de me apresentar
ao Senhor que me encontrasse, pelo menos, de
unhas cuidadas. Quando na barbearia conto tal
fato ao Pádua Barroso, o grande advogado lembra
a mãe que, à véspera de qualquer crise cardíaca
mais grave, convocava cabeleira e manicure, ale-
gando não desejar ser defunta mal tratada,
desleixada. Precisava fazer cabelos e unhas, para
assim comparecer junto a Deus-padre.

Dinheiro

Tudo o que o dinheiro pode comprar é ba-
rato.

Discurso longo

Brasileiro tem horror a discurso curto. Falar pouco parece-lhe descaso para com o homenageado, a solenidade ou o auditório. Todos se acham assim no direito e no dever de nos tomar o tempo e a paciência como se outra coisa, na vida, não tivéssemos a fazer, que curtir sua logorréia. Tenho notado que o mesmo ocorre em missas solenes onde se pode notar a decadência da oratória eclesiástica. Não de sua facúndia. Os nossos curas se empolgam quando o público é numeroso. Ou ilustre.

Dorian partiu

Boas caminhadas cumprimos juntos e sempre amigos. Falo de Dorian Sampaio que partiu em paz. Dormindo foi ter com as anjos e integrar a legião deles, devendo ser lá no céu um dos mais barulhentos, eufóricos e dramáticos como o foi em sua encarnação.

Ficamos amigos há tanto tempo! Lembro-me de que, quando assumiu a direção da “Gazeta de Notícias”, lhe dei algumas sugestões. Uma delas, de cunho autoritário, era título para os tópicos (minieditoriais então chamados *suelos*): “A verdade é esta”.

Passionais como éramos, brigamos por causa de José Dias Macedo seu patrão e eu, aliado de Carlos Jereissati, que tentava quebrar a monopólio da moagem do trigo, detido pelo primeiro. Péricles Moreira da Rocha, *Pekim*, que partiu, semana pas-

sada, numa noite de ácida discussão no Ideal, para aplacar minha ira me levou ao restaurante Alabama. E contou apólogo a fim de dissuadir cada um de alegar favores feitos ao outro: “Dois amigos iam, todas as semanas, ao Maracanã. Findo o jogo, um pagava a cerveja para a outro, alternadamente. Uma vez um, na noutra, o outro. Quando brigaram, cada um ficou dizendo:

“Passei a vida inteira pagando cerveja para ele”.

Tive seu apoio em 1966 quando, candidato sem eira nem beira, tentei ser deputado federal. Foi o único deputado que teve coragem de ficar com candidato tão desprovido de recursos, na Capital e no Interior. Juntos fizemos campanha alegre, bem-humorada, generosa.

Quatro anos depois, ele cassado, eu demitido do posto de Editor-Chefe de “Unitário” e do “Correio do Ceará”, me convidou, com insistência, a ser seu sócio na ressurreição do “Anuário do Ceará”. Foi quando tornei gosto pelo estudo da história do Ceará mais tarde limitado à história de Sobral. O duro, para nossa timidez, nossa pose, era levantar publicidade para custear a obra. Eu confiava em sua coragem e ele na minha. Escorado em duas muletas inexistentes, demo-nos bem na empreitada.

Na gloriosa festa do lançamento do último livro de Juarez Leitão, convidou-me a almoçar com ele. Não pude ir e ele depois me falou da demorada e divertida conversa que entretivera quase toda a tarde com Iranildo Pereira e Mônica Barroso. Fi-

camos de nos encontrar, dia seguinte, no famoso almoço dos sábados, agora realizado no Iate. Quando cheguei atrasado, já fora embora. Falara, entusiasmado, dos múltiplos autógrafos dados por Juarez Leitão e sonhava com festa tão brilhante quando entregasse à cidade seu livro dos cem anos do Ceará. Ou do Ceará no último século do milênio, previsto para janeiro do ano que entra. Morreu docemente, como mereceu. Sem sofrer a humilhação da dependência. Sem se chatear nem chatear os outros. Nem lhe coube o quinhão de solidão e desespero da UTI. Morreu, em casa, enquanto dormia.

Que Deus acolha, em seio generoso, o amigo Dorian Sampaio.

Do taxista

Tomou o táxi para uma pequena distância. Desculpo-me disto ante o motorista dizendo que, em Brasília, mesmo curtos trechos têm de ser cobertos de carro. Ele não me deixa estender-me em escusas:

“A bandeirada é alta em Brasília. Assim, a corrida menor é às vezes a que deixa mais dinheiro”.

Assim são os otimistas.

E

Em busca das origens

Logo que pude viajar ao exterior, fui conhecer Portugal. Tive sorte por encontrar, no aeroporto de Portella de Sacavém, Manuel Dias Branco que me hospedou em sua mansão Ceará, de Aveiro e me fez visitar outros lares portugueses. Logo depois fui conhecer Paris. Depois Roma. E a Grécia. Fui beber as fontes de nossa civilização. Razão por que nunca me interessei por adquirir quinquilharias em Miami ou terno barato na vizinhança de Nova Iorque. Não tenho raízes americanas. Não sou de origem anglo-saxã. Sou latino, sou grego, sou francês, sou luso, sou africano, sou índio, sou cafuzo, sou mestiço, uma mistura de tudo isto. Sou um brasileiro a mais que não nega nem quer esconder sua origem.

Acho tão engraçado falarem em minoria negra no Brasil. Minoria? Minoria foram os portugueses. Depois do índio dizimado, quem povoou o País foram os quatro a cinco milhões de negros que cruzaram o oceano para sofrer a escravidão aqui, a violência do branco, inclusive a violência sexual de que resultou o mulato, a mulata. A população de Portugal era ínfima e estava espalhada por todo o mundo, por ele conquistado.

Entre o céu e o inferno

Encontrava-me no exterior quando partiu Cláudio Martins, cartorário, professor, poeta, *bom vivant* que foi embora sem que pudesse tomar a “última” com ele. Digo disso porque muito curti seu uísque dos sábados no casarão da Rua Dr. José Lourenço. Também em sua companhia bebi na casa de Milton Dias, ali na praça da Escola Normal onde a cadeira de balanço era seu posto sagrado e que ele não gostava de encontrar ocupado. Ficava amuado saía mais cedo se algum aventureiro houvesse tomado conta dela.

Em sua casa, o uísque era bom e generoso como seu coração. Às vezes, brigava com amigos, explodia, ficava de mal, jurava que era pra sempre. Passada a raiva, pedia desculpas, reatava a amizade. Principalmente com o poeta Otacílio Colares com quem sorvia *scotch* rixento dos sábados. Eles implicavam sistematicamente um com o outro, era um hábito, um vício, uma mania. Discutiam acaloradamente, trocavam ofensas, Otacílio ia embora para nunca mais voltar. No sábado, encontrávamo-los reconciliados partindo para novas polêmicas.

Para agüentar a barra do marido boêmio, Irene se refugiava no cursilismo, na fé. Às vezes, os dois recebiam grupos de amigos no mesmo dia. Ante o clamor das preces ouvidas sob seu teto, Cláudio brincava:

“Às vezes, tenho medo de que, com as rezas da Irene, a casa suba aos céus comigo dentro”.

O secretário, Jonnhy Boy, à porta da casa, era encarregado de separar o joio do trigo. Apontava o destino de cada convidado. Uns para o caminho do Céu. Outros do pecado. Uma vez, Cláudio recebia Jorge Amado, o das mulatas, da alegria de viver, do pecado. Jonnhy, no posto, apontava a cada um o território de sua conveniência. O pintor Floriano Teixeira, não se sabe se por erro ou molecagem foi pro lado dos bons, dos sem vícios, dos cursilhistas. Logo, porém, arrenegou. Voltou à senda do crime.

Foi-se embora Cláudio Martins, amigo dos amigos, do uísque, duma boa rodada de conversa, capaz de iras terríveis e enternecidas gentilezas. Só destas fui alvo e as lembro com saudade.

Estou fazendo vestibular para chato

Se vocês virem um cara, numa roda de uísque, fazendo propaganda do iogurte e da coalhada, tirando o cigarro da boca dos amigos, proclamando as excelências do chá de cidreira, não se surpreendam se for o Lustosa em *new look*, o Lustosa que acaba de fazer e ser aprovado no vestibular para chato. Chato de galochas, acrescento. Explico porque.

É acontecimento que se não pode esquecer o da saída de Vinícius de Moraes, Antônio Maria e outros boêmios de manhãzinha de uma boate do Rio e seu encontro com honrados chefes de família, sóbrios e virtuosos que começavam saudáveis andanças. Os aficionados do método Cooper foram vaiados pelos pecadores que saíam, ébrios como deviam estar, da casa noturna. Nunca pensei que os

acontecimentos me levariam a ficar com os apupados e não com os apupadores e a vida me reservou tal destino. É que os médicos decretaram: tudo o que é bom faz mal ou é pecado. Eis o lema de minha nova existência.

Em primeiro lugar, vou ter de caminhar muito sem destino nem motivo por que andar é bom e eu só o fazia com objetivos determinados e precisos.

Depois, terei de ficar longe das coisas boas da vida. Das ostras e lagostas do Mil Mares. Do cordeiro à Lustosa da Costa, do Cantinho do Faustino. E de Baco. E sabeis, leitores, que ficar longe só pode ser de uma maneira, terminante. Não dá para ficar indo e voltando. Assim terei de ser aquele chato que, nas rodas, enquanto todos se embriagam, guardará a lucidez dos justos e dos virtuosos.

Nem poderei atender ao convite irônico do Lúcio Brasileiro:

“Editor, nem uma Coca-Cola *light* quente?”
Porque estão proibidos até os engarrafados e as gasosas.

Tem mais. Não adianta o Juarez Leitão e o Sérgio Braga me concitarem a enfrentar a panela *light* ou a feijoada ecológica do Ponto Final. Nem o Pedro Henrique e o José Teles me instarem às guloseimas e às bebidas espirituosas do restaurante do Ideal Clube.

Agora só grelhados na chapa, sem óleo, cardápio de hospital.

Em busca do passado

Amigo gaúcho, que encontro, aos sábados, na ronda das livrarias, voltou dos pampas onde pensava voltar a residir. A irmã o dissuadiu: “A Porto Alegre, que você procura, não existe mais”. Parece que ele queria ver o Érico Veríssimo na Editora Globo, encontrar o Mário Quintana no Correio do Povo, tomar um cafezinho com o Josué Guimarães, na Rua da Praia. Assim acontece comigo que não tenho maior interesse em ir ao Rio. Quero voltar à Cidade Maravilhosa para tomar gim tônica no bar do Copacabana Palace, aos sábados. Encarar o almoço dos sábados no Chalé ou no Le Bistrô. Subir em escadas românticas, aos restaurantes Floresta ou Esquilos, na Floresta da Tijuca. O Hotel das Paineiras. Tudo o que passou e não volta mais. Da mesma forma, quando estou em Fortaleza, vou, todos os dias, à Praça do Ferreira, rever um bocado de gente que nunca mais poderei ver, porque já partiu. Não adianta tentar encontrar seu Deusdedith Costa Souza, no Banco dos Proprietários. Muito menos o Luis Maia, na Livraria Renascença. O Juvenal, em sua distribuidora de jornais. O café Cearazinho. O Abrigo Central. Onde encontrarei aqueles outros que malandravam, pés encostados à parede, nas proximidades da Casa Parente, - que também já não existe -, da Rouvani, da Livraria Imperial? São apenas saudades.

Da mesma maneira, muitos me perguntam se tenho muitos amigos em Sobral. Tenho menos do que queria. Porque a maior parte deles, as personagens de meus livros, a que tanto quero, estão mor-

tos. O que sobra, amigos queridos, é muito pouco, diante dos que estão dormindo com seus pais. Dormindo profundamente.

Emigrou

Volto ao dentista, cadê o dentista? A dentista que exerce a profissão do marido? Nada. Deram no pé. Foram morar no Canadá, trabalhar e ensinar. Com filhos, papagaio, cachorro e discos de Noel. E nem vão ganhar muito dinheiro. Livram-se, porém, dos governos desonestos que, entre nós, até repetem mandatos. Do medo de assaltos e seqüestros. Pagam muito ao Imposto de Renda, mas contam com serviços públicos de Primeiro Mundo: escolas, saúde pública, segurança. Fico pensando em que jamais teria coragem para me tornar estrangeiro. Deixar de comer minhas rapaduras, meu carneiro no Cantinho do Faustino, ler os jornais da terra. Não visitar o Ceará, com freqüência. Nem de quando em vez, rever Sobral. Não, não, adorei passar 14 meses em Paris, sonho de toda uma vida. Lá não passava sem a rapadura da terrinha. Comia macaxeira e cuscuz quando me aprazia. Tinha, todas as semanas, os jornais da princesa do Norte que o Edvard Dias me remetia. Ainda assim, sentia uma falta enorme de minha terra, com todas as mazelas, todas as falhas, todos os defeitos que alguns homens públicos lhe impõem. E pude vir, duas vezes, ao Ceará. Uma por razões de luto. Foi quando “seu” Costa partiu. Outra para lançar livro, no Ideal, por doce exigência do Luiz Carlos Aguiar.

Empréstimo

Há alguns anos, comerciante médio, tendo de casar a filha, pediu emprestado um tapete vermelho para a cerimônia religiosa. Foi à loja de um negociante, que mexia com tal artigo e lá, humildemente, contou-lhe de seu problema. O outro, imediatamente, prontificou-se atendê-lo. Ao chegar à casa, preveniu à mulher:

“Prepare um vestido para o casamento da filha do Fulano que foi lá à loja pedir-me tapete emprestado para a festa”.

Aconteceu que o tapete foi e o convite para as bodas não veio. Muito menos a devolução do objeto emprestado. Duas a três semanas depois, o pai da noiva passa à porta da loja, nem desce do carro, manda um caixeiro chamar o dono. Ao vê-lo, diz:

“Fiúza, mande buscar a porcaria daquele tapete que está lá em casa se estragando”.

Assim aconteceu segundo as lendas.

Em vida

Aliás, neste caso estou com Milton Dias e Nelson Cavaquinho: se me quiserem mandar flores, mandem-mas enquanto vivo. Depois, não carece, não.

Minha cardiologista, doutora Leda Sales, está prestes a se aposentar da Câmara. Concito-a a abrir consultório particular porque pretendo recorrer a seus preciosos préstimos. Ela não admite tal possi-

bilidade, ante a alta do dólar que afetará o custo dos equipamentos de que precisará:

“Gastar tanto para receber vinte e sete reais por consulta?”

Encantos

Sempre sonhei viajar de Fortaleza a Lisboa, direto, e vice-versa. Foi oportunidade de concretizar tal aspiração. Cheguei ao Pinto Martins com duas horas de antecedência para só ali descobrir que não sairia às 20h30min como contratado, como escrito no bilhete de viagem e, sim, quatro horas depois. Fui premiado assim com esta demorada no aeroporto. Haverá algo mais prazeroso? Tive sorte. Se o ar-condicionado parecia desligado, os pernilongos, que conferem encanto àquele local, feriam. Era o seu *day off*.

Encomenda

De primeiro, era eu mais educado. Não pedia encomendas aos amigos que vinham do exterior. Principalmente sem lhes enviar, antecipadamente, os dólares necessários. Agora, perdi a vergonha. Quando Frota Neto me anunciou estar a caminho do avião que o trouxe, de Paris, Lisboa, a Fortaleza, a Ipueiras, pedi-lhe logo comprasse, nas livrarias do aeroporto da capital portuguesa, algum romance angolano. Ando querendo enfronhar-me na Literatura Portuguesa, escrita por africanos que não chega ao Brasil. O jeito é

atanazar os amigos. O que fiz também com Fred Lustosa que se encontrava em Lisboa. E este me prometeu o último romance de sucesso da moçambicana Paulina Chiziane.

Encontro com Saramago

O maior escritor vivo de Língua Portuguesa era apenas um gajo a mais pro moço do restaurante. Charles Morgan dizia que ninguém é importante diante de seu criado de quarto. Já não mais existem criados de quarto. O que sei é que, diante do garçom, o cliente quer gere universos fantásticos, plagiário iluminado de Deus, feito este Saramago, quer venda bilhetes de Loteria ou trabalhe como balconista, é apenas um gajo que se distingue doutros gajos pela conta que paga, pela gorjeta que deixa.

O certo é que aquele foi um dia iluminado. Dirigi-me, afoitamente, à mesa do grande prosador, impus-lhe minha presença, falei-lhe de meu deslumbramento com “O ano da morte de Ricardo Reis” e até me atrevi a convidá-lo a vir à minha casa quando visitasse o Brasil. Ele, gentil, estóico, agüentou minha presença. Pois não é que, anos depois, mereci a honra de sua visita à minha casa o que enriquece meu pobre currículo.

Pois é, segundo Voltaire quando você não é nada na vida, é, pelo menos, contemporâneo. Pois é o que me tem ocorrido, ao longo dos meus sessenta e quatro. Deus tem-me premiado com muitos bons amigos.

Encontro com um olimpiano

Reencontro, em meus guardados, foto de primeiro de julho de 1985 à Rua das Madres, em Lisboa, à porta do restaurante Varina da Madragoa. Estou eu, ainda sem esta obscena pança que ora carrego e José Saramago, 16 anos mais moço que sabia almoçar lá, quase todos os dias. Fui lá à sua procura, chamei-o à minha mesa, falei-lhe de seus livros. De lá para cá, jantou duas vezes lá em casa, ganhou o Premio Nobel de Literatura e escreve, a cada dia, cada vez melhor. Fiquei todo gabolas quando li, em Cadernos de Lanzarote, volume IV, ele chamar-me velho amigo.

Encontros nos velórios

Um amigo liga para citar velha crônica de Carlos Drummond de Andrade, registrando encontrar-se numa idade em que só encontrava os amigos, de pé. Nos velórios. Não é felizmente, ainda, o meu caso. (O poeta partiu com quase noventa anos). Estou longe disso. Graças a Deus, vou mais a casamentos e aniversários que a enterros. Fico, porém, triste quando um amigo, um contemporâneo vai embora. Sinto-me ameaçado, atingido. É toda uma estória comum que se encerra. Um patrimônio de vivências, de lembranças, de experiências comuns, boas, menos boas, que se acumularam, ao longo da estrada, e que se perde definitivamente. Foi o caso do Mardônio Barreto Lima, colega de juventude, que encontrei, no ano passado, no Beco do Cotovelo e

que nos deixou. Nunca vou esquecer sua alegria, seu bom humor, sua simpatia.

Entre tapas e beijos

Em Sobral do meu tempo, um casal escandalizava os freqüentadores do cinema com seus beijos calorosos, verdadeiramente cinematográficos. Acontecia, às vezes, que depois do filme, em casa, o marido plantava o braço na amada consorte. Rijamente. Eram surras valentes. Predecessores dos que vivem entre tapas e beijos.

Era bem casado

Havia quem dissesse que o segundo casamento era bom para ele e para ela. Não me arrisco a tais julgamentos. É muito perigoso dizer que alguém é bem casado. Tal juízo só quem pode fazer são os parceiros.

Errei, sim

Muitas vezes. No voto, nem tanto. Basta dizer que se votasse, teria apoiado Juscelino em 1955. Não me empolguei com Jânio e sufraguei Lott, o honrado marechal Lott. Collor nunca me enganou. Dessa circunstância, a consciência é leve. Sufraguei Lula, àquele época. Na vez seguinte, jamais daria meu voto a FHC a quem conheci senador aqui, eu repórter de O Estadão. Muito menos, agora, a seu clone. Tenho outros pecados. Até nesta área.

É só jantar

Quando disse a Germano Almeida que José Saramago ganhara o Prêmio Nobel só porque jantara, duas vezes, lá em casa, o autor de “Memorial do Convento” brincou:

“Germano, ele não cobra nada por isso...”

Estudar África

A televisão elegeu Xuxa, como típica mulher brasileira, como se fôssemos anglo-saxões e não mestiços de negro, índio e português. Típica alienação, forçada pela pressão da cultura americana. Ninguém quer lembrar que quase cinco milhões de negros vieram, como escravos, para o Brasil, a fim de trabalhar nos engenhos, de início e dividir a responsabilidade na geração de mulattos. Isto enquanto os índios eram dizimados e Portugal mal abrigava um milhão de portugueses que queriam abarcar o mundo com as pernas. E o fizeram. Agora a principal matriz da formação étnica brasileira é negra, queiramos ou não. Por isso é necessário ler os livros de Gilberto Freyre sobre miscigenação racial, de Alberto da Costa e Silva sobre o continente africano. E a soberba literatura que em Angola, Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa, Boaventura Cardoso, em Cabo Verde, Germano Almeida, em Moçambique, Paulina Chiziane e Mia Couto para falar apenas dos mais conhecidos.

Estupefação

Lembro-me de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade em que ele temia perdêssemos a capacidade de estupefação. É o que acontece aos jovens. Eu, por exemplo, que sou do tempo da copiadora manual, não posso deixar de me orgulhar com a criação das copiadoras modernas. Da xerox ou de outras. Cópias rápidas, às vezes, em cores, verso e verso e eu, bobo, de admiração. Surpreendo-me quando vejo um moço ou moça, danado da vida com a maçada do computador para a navegação na Internet. Ou espancando o telefone porque não obtém linha, instantaneamente. Na juventude, a ligação para outro Estado era precária. Quando a conseguíamos, gritávamos tanto como se o interlocutor pudesse ser alcançado por nossos berros.

É tanto Pigmalião!

Quando vejo este auê em torno de marqueteiros que fizeram Roseana, fazem Lula, construíram ou desconstruíram personalidades, balanço a cabeça, incrédulo. Não se fabrica um político, principalmente um candidato à Presidência como se lança um produto, um novo produto. Um político é, antes de tudo, sua biografia, depois o rumo para onde o vento sopra e a situação em que ele se posta, se coloca. Claro, uma boa embalagem pode valorizar o produto. Jamais o cria. Marqueteiro é igual a jornalista político aposentado que se apresenta como criador, autor de suas personagens. Ele pode até ajudar um político que tenha sua história e esteja

remando em direção favorável, não o inventa, não o cria como alguns têm o desprante de afirmar. Muitos são Pigmalião. Autores de grandes obras. Sem eles, o que seria de Sarney? O que teria sido Ulysses Guimarães? O ACM? Personagens secundários da vida pública a que eles insuflaram o sopro de gênio. É fantástica a ilusão em que se embalam.

No retrovisor, vai crescendo. O jornalista é testemunha. Senta na platéia. Com o passar dos anos, porém, a imaginação vai enriquecendo seu papel na História. No retrovisor, mais avulta seu papel. De repente, passa a autor, a protagonista. Sobe ao palco, pelo menos em suas reminiscências e move páginas da História.

Transforma-se em ator principal. O modelo que conheço e que procuro evitar, e talvez não o consiga, é um primor de homem de Imprensa, em torno do qual girava o Brasil. Porque não há homem público que ele não haja conhecido no começo de sua carreira, a quem não tenha dado a mão, que não lhe deva favor. A propósito, Hélio Fernandes costuma ironizar brilhante e veterano colega por suas intervenções na história contemporânea. Não há acontecimento político dos últimos 150 anos que ele não presenciou, do qual não participou. São assim chatos, muito chatos os jornalistas políticos aposentados. No receio de maçar antigos personagens com histórias velhas, tenho-as poupado de minha presença. Porque sei o quanto padecem os políticos na mão destes senhores, lotados de reminiscências. Perdendo oportunidade. Com freqüência, o jornalista jubilado é um abnegado. Porque vivendo perto dos poderosos jamais pensou em seu no-

meado para um lugar de ministro de Tribunal de Contas ou titular de cartório. Tudo por desinteresse, abnegação do nosso herói que era só falar e logo o Presidente, o Governador o teria atendido. Ele também foi um bravo, desafiando a ditadura militar, quando todos os outros se encolhiam, se acoelhavam. No entanto, eis aí sua mágoa, muitos dos timoratos, dos tíbios usufruem gordas prebendas desde quando a liberdade voltou a raiar entre nós. Intelectuais. Tal qualidade talvez não seja exclusiva de jornalistas políticos. Vimos, um dia desses, um dos intelectuais que trabalharam com JK, falando da pequenez da personagem e da grandeza do assessor. Não fora ele, o velho *Jusça* não teria construído Brasília, não teria proferido as frases que proferiu, tomado as decisões que tomou, não haveria vincado, fundamente, as páginas da História. Seria apenas um leviano que passava o dia, esperando chamadas telefônicas das namoradas e correndo a seu encontro. É o secretário lá firme sozinho, casto, altaneiro, segurando o comando do barco, chamado Brasil.

Ethel

Entre outras virtudes, Ethel Whitehurst possui o dom da alegria, do alto-astral, de erguer o astral alheio. Quem vê a bela Ethel todos os dias na coluna social, pode nutrir a ilusão de que se trata de uma dondoca. Que nada! É uma *workaholic*, uma pessoa viciada em trabalho. Que possui a capacidade de multiplicar o tempo. Além de especialista em artesanato cearense, que ajuda a preservar, sob a liderança da primeira-dama, rege suas empresas

(fábrica e lojas) com raro êxito, estando sempre disponível para um obséquio, uma gentileza. Basta ver como se empenhou, ao lado de Luiz Carlos Aguiar, Lúcio Brasileiro, Régis Jucá, Luiz Frota e a direção do Ideal no interesse do brilho da festa que me foi oferecida pelo ingresso na legião dos sexagenários.

Ethel é alguém assim, alguém que nunca se deixou tentar pela mediocridade

Eurocentrismo

Claro que alguns palhaços criticam o estudo do continente africano, alegando que devíamos estudar também a história da Polônia porque há descendentes de poloneses entre nós, da Alemanha, do Japão, pelos mesmos motivos. Claro, é a visão européia de nossa realidade que continua a menosprezar o imenso peso do negro na formação étnica brasileira.

Evandro

Contando a Evandro Pedro Pinto que todo o mundo parece estar indo à capital lusa, antes da noite de autógrafos de meu livro, todos os hotéis lotados, superlotados, ele disse ter facilidade de me conseguir vaga, abrigo. Debaixo da ponte, não vou dormir, nem numa manjedoura, garante o amigo. O danado não tem muitas benquerenças somente em Fortaleza, onde nasceu e viveu nem em Brasília onde trabalha e curte as vitórias dos filhos. Percebo que seu prestígio transpôs o Atlântico, está ao pé.

Excesso de velocidade

Nunca vi tanta velocidade dos carros como em Lisboa. Os seus motoristas, mesmos os septuagenários, me deixavam estressado, pela pressa de passar à frente, de chegar.

Êxodo

Encontramos tantos brasileiros exercendo profissões subalternas em Portugal que, qualquer dia, teremos problemas nas relações entre os dois países. O Mercado Comum Europeu não quer miseráveis em seu banquete. Nem mesmo os de países pobres como Ucrânia, Romênia, Turquia. Quanto mais da África. Ou do Brasil. Imagino em breve restrições ao ingresso dos brasileiros na pátria-mãe. Portugal quer, por fina força, ser Europa e não jangada de pedra, deslocando-se rumo à África ou à América.

F

Farmácias pudicas

Até um dia desses as farmácias eram pudicas como mais pudico era o mundo. Monogâmicas. Vendiam apenas medicamentos. Hoje não. Ali a gente pode comprar castanhas, biscoitos, refrigerantes, até remédios. Cheios de pudores éramos nós. Era inadmissível uma mulher adquirir camisa-de-vênus. Os marmanjos mesmos procuravam sempre caixeiro do sexo masculino que estivesse num cantinho discreto do estabelecimento para lhe fazer tal solicitação.

Festa sobralense em Lisboa

Ao telefone, o embaixador Dário Castro Alves anuncia que já está com as provas tipográficas (ainda existem tipografias no mundo?) da edição portuguesa de meu romance “Vida, paixão e morte de Etelvino Soares”, e que o seu lançamento poderá ocorrer nos primeiros dias de maio. Agora é pra valer. Antes, havia assinado contrato com editora lusa que não foi em frente, como previra o jornalista pernambucano Marco Aurélio Alcântara, sugerindo, a propósito, recorresse aos préstimos do conterrâneo, residente na pátria-mãe. Quando lhe falei nisso, meio encabulado, Dário garantiu:

“Pode ficar certo de que seu livro sairá em Portugal”. E está cumprindo a promessa de utilizar o grande prestígio de que desfruta ali, em benefício de minha literatura.

Fim de uma época

Com o desaparecimento de François Mitterrand encerra-se uma geração. A dos que participaram da II Guerra Mundial e desde então se encontravam na cena principal do universo. Dele se lembrarão sempre a tenacidade com que disputou a Presidência, – três vezes, – e a longevidade no poder: foi ministro onze vezes. Ao sentir a aproximação da morte, autorizou a “Paris Match” (a Manchete francesa) a publicar fotos com a filha nascida fora do casamento. A Imprensa francesa fez cara feia e condenou a invasão da privacidade do homem público até perceber que aquilo foi uma espécie de reconhecimento que lhe aprouve fazer. A mídia gaulesa é bem diferente da ilhéu, a da Inglaterra e a dos Estados Unidos que vivem fuçando calcinhas, cuecas, fronhas e lençóis dos poderosos.

A direita estrebuchou, recentemente, quando se denunciaram mordomias do “premier” Allain Juppée, alegando que Mitterrand alojou a Casa Militar, isto é, a mãe de sua filha, durante os catorze anos de Presidência, em imóvel do Estado sem que ninguém o criticasse por isso.

Dele se lembrará a coragem. Quando lhe perguntaram se não temia a dor do câncer de próstata que o matava, respondeu estóico: “Não há dor insuportável. A única dor insuportável é a imaginada.”

Pelo que ouvi, certa vez, num programa de tevê, François Mitterrand teve, em certa fase da doença, a assistência do grande médico cearense, radicado nos States, Edson Pontes.

Flanando

Passo pelo escritório de advocacia do Pádua Barroso e não o encontro. Abalara para Aquiraz a fim de resolver pendência dos Mamedes. Opto por fazer o que tanto me apraz que é passear pela cidade. Na Rua da Aurora, uma senhora, com a filha, a primeira nascida em Cajazeiras da Paraíba como eu, ambas residentes em Sobral, se proclamam minhas leitoras. O Ferreira, dono de gráfica, vem lá de dentro, com o jornal na mão, aberto em minha coluna para dizer que me lê, há séculos. Encontro uma fã da Secretaria de Saúde que lamenta não haver podido ir a Lisboa me prestigiar. Ando, leve, ligeiro, feliz com a popularidade. Na esquina da Rua do Rosário com Praça dos Voluntários, ouço o canto engaiolado dos pássaros à venda. No comecinho da Perboyre e Silva, lembro de uma camisa esporte verde (meu mau gosto, em matéria de indumentária, é proverbial) que esqueci, lesado que sou, distraído, que sempre fui, no balcão da farmácia que não mais existe no local. Onde andaré aquela camisa? Para onde terá ido aquela farmácia? Principalmente, cadê aquele jovem senhor que fui, trinta anos atrás? O que dele resta?

Franquia

Quando falei em que gostaria de comprar franquia de uma igreja, acorreram muitos candidatos a

diáconos da religião que difundiria. Vou anotar seus nomes para a eventualidade de me tornar procurador de Deus, aqui na terra e ter de delegar poderes a terceiros se for grande a freguesia.

Fotógrafo escritor

Quando encontro José Saramago e Germano Almeida na Feira dos Livros de Lisboa, peço a um amigo comum deles que me fotografe ao lado dos grandes escritores. Calha que quem me atende é o jovem novelista Ondjaki, autor de *O Assobiador*. Depois vamos deixar o Prêmio Nobel de Literatura no Tivoli Hotel. Findo tão nobre encargo, levo o romancista de Cabo Verde a enfrentar um rouge Monte Velho no Escorial ele que, desde 15 de novembro quando se hospitalizou para consertar o coração, estava distante de Baco.

Fugindo dos chatos

Costumo fugir dos chatos. Nem sempre, porém, o consigo. Às vezes, é difícil identificá-los. São dissimulados. Intrometem-se entre as companhias mais sadias com a finalidade de chatear os incautos. É aí que viramos objeto de suas investidas. Os catequistas. Os chatos, que mais evito, são os missionários, os catequistas, os empenhados em nos atrair para sua causa, sua religião. Sou alvo, com freqüência, dos que me querem salvar a alma. Ou o fígado. E, solertemente, se aproximam de mim, com a mochila, cheia de conselhos. Sei errar sozinho. Quando menos a gente

espera, é alvo dos conselheiros. Lembro meu tio Luiz Costa que, no tabeliê de seu carro, tinha uma plaquinha com os dizeres:

“Sei errar sozinho”. Era advertência aos que procuravam melhorá-lo. Nunca quis melhorar e se deu muito bem na vida. Já virou os 90 anos, ainda consumindo três cervejas (ao natural) por dia e em paz consigo mesmo. Tentavam salvar-lhe a alma, o fígado, tudo. Não quis e agiu certo. A mim sempre acontece o assédio destes missionários. Vocês acreditam que um cabra velho de 64 anos, como eu, que viveu tantas experiências, está carecendo de quem lhe abra os olhos? De quem o advirta para não sorver o bom rouge, o queijo de qualidade, o camarão, a lagosta para não engordar, não elevar o ácido úrico, o colesterol? Será que um velhote destes não sabe o que deve ou não deve consumir? Um dia destes fui colhido por uma chata que se dispôs a estragar meu rango, na casa de querido amigo. Queria porque queria embargar o consumo do Johnnie Walker, rótulo preto que irrigava o consumo do churrasco. Como se não bastasse importunar-me, tenaz, ainda foi perturbar os filhos tentando fazê-los militante da BACОВI - Barreira Contra o Vício. Felizmente, não conseguiu o que queria: nem me estragou o almoço nem me salvou o fígado. Outra feita, estava eu entre dois cidadãos quando percebi que se articulavam, entre si, para me dar conselhos. Para que eu fizesse dieta, andasse, sem rumo, seis a dez quilômetros por dia, deixasse de beber e passasse a ler Nuno Cobra e Lair Ribeiro. O pior é que se tratava de festa em apartamento. Só quando

todos começaram a cantar “os parabéns para você” pude evadir-me (deixara, prudentemente, aberta a porta de saída) à francesa. Pois é, meus amigos, há sempre alguém pretendendo salvar-me. Quando não lhes pedi salvação nem conselhos.

Futuro oitentão

Não vou negar que certos cálculos incomodam, certas projeções são desconfortáveis. Estava fazendo as contas com os herdeiros e chegamos à conclusão de que, com mais 16 anos de continuar vivo, estarei com oitenta. Serei, senhores, octogenário.

É isto possível? Como isto aconteceu? Aqui pra nós, vocês me acham com cara de oitentão iminente? Envelhecer é ruim. A opção, porém, é letal.

G

Gabolice da oradora

Numa roda de senhoras maduras, ainda desfrutáveis, uma delas proclamava as excelências do desempenho do marido. Diarista do uísque, segundo sua vanglória, jamais passou um dia sem prestar culto a Vênus. Vênus doméstica, garantia ela. As outras ouviam, humilhadas, silenciosas, tanta gabolice. Só desabafaram quando a poderosa saiu e uma das que ficaram, registrou:

“Vocês prestaram a atenção no que ela quis dizer. Não estava elogiando o marido, não. Pretendeu nos dizer que é a gostosona, a irresistível e que nem a rotina do casamento lhe apagou a chama. Nem a bebedeira conjugal era capaz de baixar o entusiasmo diário”.

Para mim, depoimento de mulher, mesmo não seja a Nicéia Pitta, é sempre parcial. Prejudicada pela ótica e pelo interesse da depoente. Que ou destrata demais ou exalta com o mesmo entusiasmo. Porque vigor sexual é que nem dinheiro e santidade: é sempre metade da metade.

George

Acho engraçado como o caráter de certas pessoas se manifesta. Um dia desses, experimentei o

prazer de rever George Barros Leal, dentista consagrado na profissão e autêntico nome de sucesso. Sabem o que ele me disse:

“Você me ajudou muito”.

Espantado, perguntei a meus botões se lhe pagara os estudos, custeara a pensão, o que fizera de tão importante por ele.

Só depois entendi. Foi quando me falou de registros de sua ascensão profissional que fazia em minha coluna. Não era favor nenhum por conta de méritos evidentes, sem falar que se tratava de amigo de meu pai “seu” Costa, dos Comercíários. Recordo que, referindo-me ao medo dos *tiradentes*, produzi crônica que um dentista atrasado achou móvel capaz de gerar processo contra o autor. Foi preciso que o George traduzisse o texto para o outro entender que nele não havia eiva de preconceito contra a profissão.

Acabo de saber que George pulou fogueira mais alta que a minha, e por isso posso dizer, obrigado a Deus

Grandes desculpas

Tem gente que pode não resolver problemas que lhe propomos. Sabe, porém, arrumar desculpas geniais. Que devem de dar tanto trabalho quanto o de oferecer solução. Ou mais. Gasta mais tempo na construção de uma boa desculpa a fim de explicar por que não conseguiu fazer o que lhe pedimos, que talvez se empenhasse de fato. A gente quer solu-

ções e não desculpas. Um amigo lembra ao companheiro a noite da véspera: “Estavas mal. Andavas cambaleando rumo ao banheiro”. Era verdade. Ambos estavam de pileque. Mas o bêbado é somente o outro.

H

Hotel

Quando vou à Europa, com bom dinheiro (o que é raro), escondo-me no Tivoli da Avenida da Liberdade. Gosto do luxo pesado do seu hall, luxo antigo, de bispo velho. Na volta, com os dólares escassos, alojo-me ao lado do Tivoli Jardim onde as tarifas são mais baixas. Fiquei mais velho e mais pobre. Procurei, por isso, vaga no Mundial, que é mais barato. Nada. Tentei um lugar no Altis. É que tenho de ir, em maio, a Lisboa para o lançamento da edição lusa de “Vida, paixão e morte de Etlvino Soares”, às margens do Tejo.

Humildade

Não vibro com os humildes. Principalmente com os que são humildes por sinceridade. Até admito a humildade fingida, hipócrita para embair o prepotente ou derrotá-lo. Ou a humildade astuciosa que rende dividendos. A verdadeira não me entusiasma.

I

Ida a Sobral

E aquela viagem a Sobral em que convoquei os colegas a pastar o capim da beira da estrada? Todos fomos fotografados, cara no chão. Wanda Palhano que, então, escrevia coluna diária, registrou a estranha iniciativa e ficamos todos trombudos com ela.

Sabeis, leitores, como nós jornalistas somos sensíveis às mais leves críticas da Imprensa. Frota Neto promete contar, em livro sobre a Imprensa da década de sessenta no Ceará, esta minha exótica preferência alimentar. Aliás em tempos mais remotos, na década de quarenta, o assunto (comer capim) foi objeto de artigos apologéticos e irônicos, *bien sûr*, de Demócrito Rocha o que suscitou polêmica com João Calmon, na década de 40.

Imersão na cidade

Quando estou em Fortaleza compareço a tudo: batizado, velório, enterro, casamento. Não falto a nada que toque a meus amigos. É verdadeiro banho de imersão na cidade. Integro, além disso, várias confrarias como registra Fred Lustosa. Estando, sába-

do, na Capital, não posso deixar de ir ao Iate Clube onde se reúne turma de primeira água, oriunda ainda daquele grupo que, no mesmo dia da semana, freqüentava a TV Verdes Mares, aos tempos em que ainda era vivo Edson Queiroz. Às terças vou ao Country ouvir a cantoria de Guilherme Neto, do senador Flávio Torres, do Fausto Nilo ou então poesias declamadas pelos poetas Juarez Leitão e Luciano Maia. Vou, todos os dias, de manhã e à tarde, não sei pra quê, à Praça do Ferreira quando passo pela Livros Técnicos para saber da Lais e do Francisco como vai a venda de meus livros, sento à banca de jornal do amigo Paixão para ligeiro papo. À tarde freqüento os bancos dos velhos, na praça, em diagonal com a farmácia Osvaldo Cruz. Ali converso com os coroas nativos. Depois acorro ao encontro do pessoal da Serra Grande onde fiz amigos recentes, porém, bons. Sou cearense praticante.

Implicância

Um outro, que jamais volta à cidade em que nasceu e tem família, implica com minhas idas a Sobral. Tenho vontade de lhe dizer que não saí da terrinha corrido nem, graças a Deus e a meus pais, nunca ali passei apertos. É quando lá volto, revejo amigos tão queridos, sou recebido com tanto carinho que não demoro mais, porque não posso. É porque, aqui pra nós, temo terminem enjoando de minha fachada. Talvez agrade mais por ser novidade, raridade.

Indissolúvel nos aborrecimentos

Casamento com filhos é indissolúvel. Uma tragédia em muitos atos que só termina com a morte de um dos cônjuges. É o que me diz amigo que viu destruída sua segunda união, já de duas décadas de duração, graças aos distúrbios causados pela festa de casamento da filha do primeiro matrimônio, desgraçado período de um ano e inúmeros aborrecimentos. A ex queria que o segundo marido entrasse com a filha dele. Não admitia a presença da mulher dele na festa nem queria fotos do casal, na cerimônia. Tentando facilitar as coisas e poupar a filha, desistiu de levar a mulher à cerimônia e, daí resultou um desaguisado que o devolveu, pela terceira vez, à condição de solteiro.

Investimento

A gratidão, principalmente a proclamada publicamente, constitui uma espécie de rendoso investimento. Mostramo-nos mais gratos na medida em que esperamos novas benesses. Quando há esperança de outros favores, somos arduamente agradecidos.

Fica a lição: a gratidão é mais fervorosa quando podemos aguardar outro favor daquele a quem agradecemos. É quando timbramos, estridentemente, em mostrar o quanto temos boa índole por que somos gratos.

J

Juarez Leitão

Juarez Leitão é aquele fantástico contador de estórias. Vale a pena contar-lhe os “causos” que conhecemos para, depois, ouvi-los “melhorados”, trabalhados pela imaginação e pelo brilho do *causeur*. O poeta escreve ainda melhor do que conversa e este é prêmio para nós, seus convivas e leitores.

JK

Os que constroem, os que deixam sua marca, os que produzem são lembrados. É o caso de JK. Ainda hoje o povo se lembra dele com saudade. Não de seus detratores, de seus caluniadores, seus algozes. Porque muito sofreu o grande patriota às mãos dos militares. Estes passaram. JK ficou. Para sempre. Será lembrado como o construtor de Brasília que devolveu a auto-estima ao brasileiro. Que sentia prazer em fazer. Houve depois outro que gostava de boas contas e tinha como ministro um guarda-livro, muito chegado a propinas americanas. O Brasil não se lembra deles. Nem mesmo o FMI a quem deviam obediência.

K

Karl May

Não posso esquecer a felicidade que experimentei, no Seminário Franciscano de Ipuarana, em Campina Grande, lendo trinta e três livros de aventura de Karl May. Viajei, com ele, o “Velho Mão de Ferro”, o mundo inteiro e fui feliz acompanhando suas aventuras. Não posso esquecer (será que li mesmo ou estou inventando?) seu amigo cacique pele-vermelha Winnetou, de fraque apertado, na ópera de Berlim. Era o Pery alemão. Aliás quem o demonstrou, à exaustão, foi Ingrid Schwamborn em “O Guarany era um tupi?”, publicado por Martins Filho. A professora alemã, que se gaba de ser meio cearense, por ter filha nascida entre nós, casa na Praínha, livro sobre nosso maior romancista, produziu obra importante para análise dos modelos europeus que inspiravam a elaboração dos personagens indígenas de Karl May e José de Alencar.

L

Livros

Uma coisa boa que me aconteceu na viagem de volta de Portugal. Anunciou-me a moça da TAP que podia trazer 32 quilos de bagagem. Sabem o que fiz? Acorri às livrarias e me empanturrei de literatura portuguesa. Principalmente, a exercitada na África. Foi oportunidade para adquirir a obra completa de Germano Almeida, um cabo-verdiano que virou nome mundial com “O testamento do senhor Napomuceno”. Só não pude fazer a boa compra que sempre faço em Lisboa, adquirir mais uma edição de “Os Conjurados”, de Jorge Luís Borges, para presentear os amigos.

Livros que não lerei

Há livros que se devem ler em determinada idade. Livros para ler quando somos jovens e temos muito tempo. Perdi oportunidade de ler “Os Miseráveis”, de Victor Hugo e não há como a recuperar. Ainda vi a história pelo cinema. Tive, comigo, durante várias décadas “Os Thibault”, de Roger Martin Du Gard e nunca me aventurei a ler seus três volumes. Amedrontei-me com o catatau.

Não tenho mais tempo para encará-lo. Tem um amigo que teme partir antes de haver feito muita leitura prazerosa. Hoje assiste-me a certeza

de que não terei oportunidade de conhecer muitos livros. Transfiro a responsabilidade (e o prazer) aos filhos.

M

Mais um. Menos um

Estamos terminando o ano. Em tal transe, o pessimista registra: “Menos um”. É a vida encurtando. O otimista encara o passar de mais doze meses, de maneira diversa: “Mais um”. É a vida curtida. O certo é que passou e passou depressa. Não tenho de que me queixar. Mantive os amigos. Graças a Deus e ao Dário Castro Alves lancei a edição lisboeta de meu romance “Vida, paixão e morte de Etelvino Soares”, rodeado de fisionomias queridas. Multipliquei pesquisas em Sobral para recolher *potins* de padres e do clero. Recuperei o gosto de beber no restaurante do Ideal, tão agradáveis são as pessoas que se têm reunido à minha volta. Claro que já não é mais Lúcio Brasileiro, irmão por eleição, porque este vive em meia clausura no Cumbuco nem mais Dário Macedo que partiu, – como nos tempos do governo Parsifal Barroso. Não se pode recuperar tudo. Muito menos os meus vinte e tantos anos de quando assentei praça no local e ali fui muito feliz.

É gente da melhor qualidade, a que me rodeia. Esta é a bênção de Deus que sempre me acompanha. Com o amigo novo, o amigo bom, o Emmanuel Vasconcelos – a estas horas, deve de

estar bebericando seu Frei João, da região de Bairradas no Pavilhão Chinês em Lisboa, – que percebeu a extensão desse prazer em recado que, recentemente, me enviou.

Má reputação

Quando vejo a vida pregressa de certos candidatos a cargos públicos, me admiro tenham a caradura de sustentar suas pretensões. Ninguém se considera “queimado” mesmo haja saído, em todas as televisões do País, batendo uma carteira. Sempre alimenta a esperança de que não acreditem seja ele, não tenham visto o noticiário, achem que se tratou de engano, mil maneiras de não encarar a realidade.

Marildes

Quando conheci Marildes, mulher de Lauro Vinhas Lopes, eles se encontravam, em Paris às voltas com pesquisas de livros na *rive gauche* e me perguntei como aquela senhora adquirira hábitos tão sofisticados de leitura e culinária. Aí vi que era da família espiritual de Saramago, neto de um guardador de porcos, capaz de se exprimir, em francês escorreito, ao receber, de mãos reais, o Prêmio Nobel de Literatura ou outra consagração universal. Com a naturalidade de quem ali houvesse nascido. São pessoas que não tiveram berço aristocrático. Foram-se nobilitando, por conta própria, no cotidiano.

Matel para todos

Também em matéria sexual, não há mais distinções entre moças da Capital e do Interior. Do Centro-Sul e do Nordeste. Um amigo me fala de sua terra, Quixeramobim, onde os rapazes convidam as moças (e vice-versa, tal a profundidade das mudanças) para ir ao matel (a mata funcionando como motel) para abrigo do amor rápido, descompromissado. Soube que não se trata de privilégio da terra do Leorne Belém e de Celso Machado. Deve de ser fenômeno registrado em todos os municípios. Afinal, as carências humanas são as mesmas em toda a parte.

Medicina degradada

Sempre digo a meus filhos que, quem tem um médico, tem um médico. Quem recorre a dois médicos, tem meio médico. Quem vai a três ou quatro, não tem médico algum e se lança em confusão. Não sou, porém, coerente também nesta área. Não posso me gabar de sê-lo. O neto foi ao médico. Que, enquanto decorria o exame, teve de se ausentar por mais de uma hora, para executar um parto. Na rapidez com que atendeu ao Arthur – assim é o atendimento, hoje em dia, quando as companhias de seguro pagam vinte a trinta reais no máximo por consulta, – logo decretou que o rapaz estava com pneumonia. E receitou-lhe dez dias de antibiótico. Fiquei alarmado. Dormi mal. Dia seguinte, recorri ao Carlos Saraiva e Saraiva, grande médico e freguês

de tudo quanto é curso de Ciência Social da UnB, aquele que foi candidato a governador e que já me curou duas pneumonias. Ele me atendeu em casa, como amigo. Olhou, olhou as radiografias, registrou a esperteza do neto e não viu, nele, a grave doença que o colega acusara. Não há mais médico de família ganhando de 25 a 30 reais por uma consulta, é até compreensível que o médico demore o menor tempo possível com o paciente. Ele tem família a sustentar. O pior, com a popularização do seguro-saúde, é que acabou o médico que acompanha o cliente, desde seu primeiro dia, que conhece o histórico de sua vida. Indaguei de Sara se tinha pediatra que acompanhasse Arthur. Ela me respondeu que isto não mais existe. Procura-se o médico que pode atender naquela hora. Todos têm pressa porque é preciso atender a muitos clientes para conseguir faturamento razoável, tão baixo é o pagamento de seu trabalho. O seguro-saúde virou o INSS da classe média. Em suma: o médico se proletarizou. O serviço, que ele presta, caiu de qualidade. Perdemos todos.

Médico brasileiro

A relação do brasileiro com o médico merece todo um capítulo de estudo da cultura nacional. Ele é o pajé, o sacerdote, o mágico, o mago. Não queremos ver nele, apenas o profissional que deveria cuidar de nossas mazelas, de acordo com sua especialidade. Não. Se lhe conferimos a faculdade de nos desnudar fisicamente, de conhecer nossos

recônditos físicos, também lhe escancaramos a alma, como ao confessor, ao psicanalista. Ele deve funcionar, por conseguinte, como diretor espiritual, uma babá qualificada. Mesmo quando se restringe apenas a examinar a moléstia que nos acomete, queremos dele imposições e ordens paternais. Que diga como nos devemos comportar daqui para a frente. Como nos relacionar com a mulher. Com o filho. Com os amigos. O mundo. Régis Jucá operou um amigo comum e, como tal, lhe sarou o coração. O paciente (aliás, impacientíssimo), porém, na casa de saúde, queria que o grande cirurgião lhe resolvesse também os problemas de convivência com a mulher, a enteada, o diabo a quatro. E não era nenhuma criança e, sim, um setuagenário de rico currículo político. O nosso Jucá bradou:

“Aqui, del Rey! Tu me chamaste para resolver o teu problema do coração, foi o que fiz e a isto me limito.”

Lembro-me de que, após me submeter à cirurgia da aorta em Paris, fui ao consultório da Dra. Michele Desruennes da Clinique Francilienne, em Pontault-Combault, para revisão. Logo após a intervenção cirúrgica, disse que estava tudo certo comigo, iria viver cem anos... Foi quando lhe perguntei por suas recomendações. Ela foi curta e grossa como se deve ser com adultos:

“O senhor é um homem de mais de cinqüenta anos que tem pressão alta e colocou uma prótese no coração. Sabe muito bem o que deve e o que não deve fazer”.

Foi do que me lembrei quando bati, semana passada, à porta do ortopedista, de espinhela caída. Não era isso, não, e, sim bico-de-papagaio. O Hipócrates nem precisou me examinar para me passar uma descascadela. Ele me humilhou. Me chamou nomes. Mexeu com minha auto-estima. Deixou-me lá em baixo. Como costume dizer: à altura dos peitos dum peba. Injuriou-me, nunca, porém, transpondo a barreira da calúnia. Chamou-me de gordo, de sedentário, de preguiçoso e não sei que mais lá. Deixou-me arrasado. E me deu um antiinflamatório. Logo que o tomei, melhorei. Foi mal porque logo me esqueci de suas aleivosias e objurgatórias. E acorri a um dos vícios menores: um pastel de queijo com caldo de cana para me lembrar de a “Leão do Sul.” Lembrando Rilke.

Após ouvir as recriminações e cobranças do ortopedista, resumi-as num verso de Rainer Maria Rilke, o final do soneto “O torso arcaico de Apolo”: “Forçoso é mudares de vida.” Paixão por este poema quem nutria era o ex-governador Parsifal Barroso. Era o que o danado do médico queria de mim. O que ele disse, não constituiu, porém, novidade.

Lembrei o saudoso Antônio Teixeira, o Teixeirainha, diretor de “O Globo” em Brasília quando o coração lhe começou a falhar. A coisa ficou séria e Roberto Marinho mandou-o a Cleveland. À volta, o Teixeirainha resumiu a prosopopéia:

“Os médicos de Cleveland me disseram em inglês o que os médicos daqui me haviam dito em português”.

Médico e o custo benefício

Vou ao cardiologista queixar-me de que os remédios para controle da pressão arterial estão me dando urticária. Ele, implacável, tira minha pressão e decreta: 12 por 8. Pressão de criança. É o custo benefício segundo ele. Pelo visto, devo, daqui para frente, coçar-me como um símio e minha pressão fica ótima.

Merecia mais

Creio que em 1955 brinquei o Carnaval, pela primeira vez, no Tabajara Clube, de Sobral. Atriquei-me com uma cabrocha que morava ali perto da Igreja de Nossa Senhora das Dores e dançamos a valer. Antônio Rangel, quando viu minha conquista, não disfarçou a decepção:

“Merecias coisa melhor”.

Será que merecia mesmo?

Meu anjo da guarda

Vim de longe e meu anjo da guarda evitou me perdesse pelos caminhos. Não fui muito longe. Não juntei bens de fortuna. Preferi viver como rico a morrer rico. Optei por ser milionário de amigos e é riqueza que jamais me confiscarão. Tenho muitos e todos bons. Porque sempre fui interesseiro, só querendo amigos superiores a mim. Assim, só me aproximei de quem melhorou, me ampliou por dentro, fugindo sempre de quem pequena, diminui.

Quando me for, espero não seja logo, há de perdurar, por algum tempo, na saudade dos que me amam, a imagem de um cara de bem com a vida, que gostava do que é bom, que encarou o menos bom com humor e que escrevia umas lorotas, contava uns “causos” que alguns liam, dos quais uns gostavam. Espero se lembrem de mim como companheiro leal, amigo certo e um cara boa-praça. E quando se falar de mim, alguém diga: “Nunca fez sacanagem com ninguém. Jamais”.

Micro é bicho caprichoso

No trópico, sofre de lundu. Fica emburrado. Empaca. Ao meu acontecem tais crises. Depois pára, fica bonzinho como se não lhe tivesse acontecido nada. É ciclotímico.

Estava enviando minha crônica para uns amigos que não residem na área de influência do jornal quando queimou, por conta de um raio. Parei porque fiquei quase um mês sem ele, sem meus endereços. Quando voltou, de disco rígido novo, ainda precisou incorporar o acervo antigo. Coisa de que Raquel se encarrega aos poucos. Como a menina, além do trabalho, ainda cumpre Curso de Economia para jornalistas, a coisa está indo devagar. Um dia, volto à toda.

Minha profissão

Quem faz o que gosta de fazer, não se cansa no trabalho. Deus foi generoso para comigo. Levou-

me a escolher a profissão de jornalista, para qual nasci. Exercendo-a nunca me fatiguei. E, até hoje, vibro com ela, como vibrei naquele fevereiro de 1957 em que ouvi, vez primeira, pela Ceará Rádio Clube, a primeira emissora do Estado, a “Crônica do Ceará”, escrita por mim e interpretada por João Ramos. Ainda hoje mais de quarenta anos depois ainda vibro com minha coluna, chateio-me com os erros que deixo (ou deixam) sair nela. Se há um dia triste para mim é quando, por qualquer motivo, ela não sai publicada. Constitui sempre uma ventura saber que estou sendo lido, cedo da manhã, nos mais remotos municípios do Ceará, de Estados limítrofes.

Nasci para escrever. E se não escrevesse entupiria, como diz Manuel Bandeira a este respeito. Lembro-me de mim, adolescente sentado numa espreguiçadeira, debaixo de centenária mangueira de Messejana, ali onde hoje se localiza a Porciúncula, escrevendo, escrevendo. Para nada. Para ninguém. Não era conhecido. Não havia jornal que abrigasse minha prosa juvenil. Tal furor de escrever também o sentia em Sobral. Tanto que escrevi para “Unitário” e “Correio do Ceará”, oferecendo minha colaboração, e cúmulo da audácia, ainda indagando quanto me pagariam. Queria ser igual a Caio Cid, João Clímaco Bezerra, Otacílio Colares, Stênio Lopes, os cobras àquele tempo. Estávamos passando férias no inóspito sítio às margens do açude Cachoeira. Era segunda-feira à tarde. Meu pai desceu da charrete em que se transportara de Sobral para a chácara e me jogou um pacote de jornais, dizendo:

“Veja a vergonha que você me faz passar”. Num dos dois, estava publicada tremenda goza-

ção do menino do Interior, assinada por Jairo Martins Bastos.

Em verdade, em verdade vos digo, posteriormente vivi nos órgãos de comunicação dos “Diários Associados” momentos empolgantes. Desde os começos na Ceará Radio Clube. Depois com a coluna Resenha Política, em Unitário. Os artigos no Correio do Ceará. (Um deles sobre Aldous Huxley me valeu telefonema de cumprimentos de Braga Montenegro).

Depois o programa “Política, quase sempre”, na TV Ceará. Até que, por um desses apadrinhamentos do destino, fui nomeado editor-chefe de “Unitário” e “Correio do Ceará”. Deus tem dessas delicadezas para comigo e a Ele, calorosamente, agradeço. É pai, jamais me foi padrasto.

Morar debaixo da ponte

Com o tempo, vamos perdendo muita coisa. Algumas renováveis. A maioria, não. Um dia desses, o dentista me fez proposta de implante total dos mordentes. Pelo preço, vi que não estava em condições de ostentar dentadura daquelas de artista da Globo. Recusei:

“Quer dizer que ganho 32 dentes novos e vou morar debaixo da ponte porque terei de vender o apartamento para pagar o implante?”

Foi o que aconteceu ao Marcelo Cerqueira quando chegou a Brasília, eleito deputado federal. Seu *tiradentes* lhe forneceu os custos de um trata-

mento que equivaliam aos de aquisição de um carro: “Fico banguela, mas não vendo meu Fusca”.

Mordomia, uma tradição francesa

Apesar do fervor da mídia, mordomia, entre nós, é pinto. Café pequeno, como se dizia antigamente. Falta-nos tradição aristocrática, que se alicerça na monarquia absoluta. Na República, na Democracia tem sempre alguém querendo estragar o prazer dos outros. É pior, conseguindo. Voltemos, porém, ao Brasil.

Na matéria, somente nos acode a chegada de D. João VI, corrido, da Europa, pelos generais de Napoleão. Na acanhada cidade do Rio de Janeiro de 1808, não havia como abrigar a corte. Partiu-se, então, pras desapropriações. Tomavam-se as melhores residências da cidade para os nobres recém-chegados. Que, naturalmente, não tinham que se preocupar com aluguéis, impostos e outras ninharias. À porta das melhores casas, escrevia-se: “PR”, para informar à população que elas, agora, se encontravam à disposição do Príncipe Regente. Logo, gaiatos traduziam assim a legenda: “Ponha-se na rua...”

Outro espasmo de mordomia que grassou, no Brasil, foi quando da implantação da nova Capital, no Cerrado. Então se ofereceram moradias de graça. Nada, porém, de mansões. De palácios. E, sim, casas de funcionário público. Tudo ao nível de servidor, de assalariado, não mais que isto. Na ditadura militar, acrescentaram-se alguns privilégios na área, logo detectados pela Imprensa e trombeteados com

uma irritação empostada que viria desaguar nas privatizações de hoje.

Mordomia é hábito de país monárquico. Assim como a França que, pra acabar com ela, teve de mudar, de canto, as cabeças do rei e da rainha. Todo mundo vivia numa *nice*, no melhor dos mundos à custa dos outros, dos servos, da burguesia, em seus castelos e palácios.

Agora aqui há muito não há monarquia, embora tenha existido o General De Gaulle. Preservam-se, porém, os velhos e bons costumes. Claro que, de quando em vez, um jornalista despeitado põe a boca no trombone, produzindo denúncias que seus colegas pudicos, encabulados, não ouvem, nem naturalmente amplificam, tratam de abafar, desacreditar. O que é o certo.

Taí o caso dos apartamentos das COHABS, das SHIS da *Mairie* de Paris. Às vezes, tais habitações populares se transformam em verdadeiras mansões, reformadas, decoradas, segundo o gosto dos futuros moradores, alugadas, a preços de pai pra filho. Quem paga tudo é o proprietário, o locador, claro. A ele é que interessa alugar um imóvel em belas condições. O leitor logo há de o perceber o quão tormentoso é botar a mão em tais preciosidades.

Existem, porém, os iluminados, os Moisés que tanto atravessam o deserto, apartam as águas do Mar Vermelho, como descobrem tais pechinchas pra si. Pros filhos. Foi o que fez o Chirac. O prefeito Tiberi. O primeiro-ministro Alain Juppé. São criticados pelos que nada constroem. Pelos invejosos. Que falam, falam e não mudam nada. Não extirpam

(nem podem) tão fortes e enraizadas tradições. Afinal, tais homens públicos não estão fazendo nada demais. São modelos de chefes de família, são pais exemplares, inquietos com a sorte da prole. Preocupam-se com ela, como se preocupam com o povo. Como a primeira é menor que o outro, tem melhores condições e prioridade no atendimento.

O primeiro-ministro francês é um leão (de direita) na luta contra o desemprego. A favor dos excluídos. Mas este é um País difícil. Como é possível administrar uma Nação que produz mais de trezentas espécies de queijo, já se perguntava De Gaulle. Pois bem, em meio a essa guerra hercúlea, um dia desses, Juppé teve de perder tempo e vir, indignado, afrontado, à tevê, desfazer picuinhas dos adversários. Só porque alugou, da Prefeitura, um apartamento de 180 metros quadrados por catorze mil francos.

Não sendo egoísta, nem se movendo por ressentimentos, tratou de arranjar coisa parecida para a ex-mulher. Queriam, por acaso, que a deixasse dormir debaixo da ponte? Depois, pro meio irmão. Por fim, por dois filhos. Os ressentidos hão de dizer que, ao lado disso, todos eles possuem seus imóveis pessoais, devidamente alugados. Mas o que interessa isso diante da batalha de Juppé contra o desemprego, a favor dos excluídos?

Caíram de pau em cima dele. E de homens públicos de outras facções. Felizmente, a Imprensa

sadia reagiu, bravamente, porque se chegou até a cogitar de publicar a relação dos felizes inquilinos da Prefeitura de Paris, políticos de diversos partidos, jornalistas, artistas. Seria violação do Código Civil, disse uma folha. Atentado à convenção dos direitos do homem europeu, esbravejou um líder de esquerda. Desestímulo à vida publica. Se seguirmos, por este caminho, bradou outro, advertiu um terceiro, iremos chegar à mediocridade da vida pública norte-americana. Por último, houve quem dissesse, com muita procedência, que a campanha contra os imóveis do clã Juppé só se desencadeou porque o chefe combate o desemprego.

Logo, porém, tudo serenou. Os acusados silenciaram. Os felizes locatários continuam desfrutando o conforto (barato) de seus tetos, protegidos pelo olhar atento do pai. Se este tem o dever de cuidar da coletividade, há que começar por quem está mais perto, mais próximo, pelos seus. Afinal, como pode resolver os problemas de todos, se for incapaz de encarar os da família?

Mudança de critérios

Hoje só morre quem quer. Se vocês vissem a agenda que José Saramago, nos seus iminentes 80 anos, cumpre quando vem ao Brasil, pasmariam. Muito jovem não agüentaria o rojão. Sem falar em personagens mais próximas. Antigamente, octogenário na saída de casa. Hoje a gente bebe com amigos octogenários, assíduos à mesa de uísque, de

conversa aprumada e andar também. Idoso não é mais quem tem além de sessenta anos, não. Há que mudar os critérios.

Mudar o cenário não resolve

Manuel Bandeira, num pequeno poema que era também uma espécie de conto, narrou a penosa estória de funcionário publico que tirou a mulher da “zona”, deu-lhe roupas, casa e status de casada e que era vítima de suas infidelidades. A cada chifre, trocava de endereço. Assim foi até que cansou. Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa. Assim rodou, rolou por todo o Rio: “Por fim na Rua da Constituição onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a Polícia foi encontrá-la caída, em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.” (Manuel Bandeira).

Ninguém resolve problema, mudando sua geografia. Alterando seu cenário físico. Isto, no máximo, pode ser fuga, não solução. Na adolescência, lembro-me de que, quando um filho dava algum tipo de problema, surgia a proposta: “Vamos mandá-lo para o Rio. Lá ele se endireita”. A essa época, achava-se que a escola da vida, no Centro-Sul, era mais eficiente. Noutro tempo, quando um casamento estava a perigo, surdia, ao ver dos cônjuges e familiares, a idéia de transferência para Brasília para ver se “se ajeitavam”. Claro que, a esse tempo, havia pouco o que fazer na Capital afora o trabalho o que aumentava a presença do marido em casa, a convivência do casal. Que se ia ruim, piorava. Daí a fama da cidade de destruidora de lares.

Em tempos mais remotos, difundiu-se exclamação preconceituosa a respeito de maridos que, infelizes no casamento, se mandavam para o Extremo-Norte que era longíssimo. Quando um deles era passado para trás e decidia mudar-se, cunhou-se a expressão, lotada de discriminação: “Mais um para o Acre”. Claro, nem é preciso dizer, que muitos emigravam para buscar melhores condições de vida material etc e tal. Ficou, porém, a impressão de que as transferências todas se deviam a desgraças conjugais. É a velha idéia de que os problemas se resolvem com a mudança do cenário onde ocorrem.

Muitos querem me salvar

Sou aquele cara que inspira em corações piedosos a irresistível inclinação de me fazer também piedoso. Aquela alma que corre o perigo de se perder, razão pela qual sempre existe um apóstolo determinado a me salvar do erro. O pecador que ainda pode largar o pecado, reingressar nos caminhos da virtude. Por isso, a cada passo me defronto com uma dessas pessoas, prenes da intenção de me preservar do pecado, do vício.

Como digo, oportunidades de me salvar não me têm faltado. Até na fila do posto quando lavo o carro, encontro um cara que se anuncia como crente e que quer fazer de minhas oíças receptáculo de sua pregação. Em recente festa de Natal em lar amigo um pastor entendeu de salvar minha alma e a do anfitrião, o Saraiva, ateu de carteirinha e sólida formação científica. Em meio ao alarido das comemorações, o

catequista tentou nos tanger para o redil do Senhor infatigavelmente enquanto eu, com igual disposição, absorvia-lhe a prédica com generosos goles do bom Periquita. Muitas garrafas foram esgotadas e, fora isto, temo que o pregador haja gasto em vão seu latim. Pelo menos o amigo gaúcho não passou a crer em Deus sobre todas as coisas, depois da empolgante seleção, em local e momento tão adequados.

Para onde me viro, encontro personalidades, dotadas da mesma vontade de me poupar do fogo do Inferno.

Há aquele amigo, da minha idade que acha ter vinte anos e que me quer correndo muito, comendo pouco, bebendo menos. Ou conhecido empresário falido, que me tomou uma noite na Casa do Mincharia para me convencer de que posso ser melhor cidadão se acreditar... nas mentiradas tucanas. Um terceiro me quer na leiteria consumindo coalhada, iogurte, ao invés do bom *scotch*. Um outro exige seja melhor marido, melhor pai, melhor irmão, melhor amigo. Tudo além de minhas posses. Há quem queira que escreva melhor, aí o aperto é maior. Faço o melhor que posso. Tal *up grade* está fora de meu alcance. Que faço eu? Encosto as chuteiras, vou vender caldo de cana e pastéis? Desconfio de que tais pessoas queriam que fosse outro e este o milagre que só Deus pode lhes prodigalizar.

Mudança é com ela

Acompanho as aflições do vizinho com a reforma da casa em que vai morar. A mim nunca me

molestaram tais preocupações. Elas são femininas. Mais que isto, na divisão de trabalho conjugal, pertencem à mulher. Constituem sua obrigação. Foi o que me ensinou o ex-reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto. Segundo sua abalizada opinião, o cônjuge varão só deve aparecer quando a obra estiver pronta e acabada “para botar defeito”.

Muitos ataques

O primeiro deles, a que estive presente, foi no Alto da Expectativa, em Sobral. Aconteceu em 1947 na campanha de Chico Monte para a eleição de Jacinto Antunes para a Prefeitura.

Lembro-me de que quem me trouxe de volta à casa, tarde da noite, foi o Frederico, filho do seu Diogo Honório Parente e de dona Ribeirinha, irmão do Edmir, do Jader, da Cleonice, pais e filhos amigos lá de casa. Sei que havia baixaria. Ataques ao candidato adversário, por sinal, cidadão respeitável, ex-prefeito, João de Alencar Melo que era acusado de não haver devolvido vaca que pedira emprestado. Estas coisas irresponsáveis que se dizem, no calor das campanhas eleitorais.

Mulheres correm atrás de mim

Uma lisboeta correu atrás de mim, no Shopping das Amoreiras e disso tenho testemunhas. Acabava eu de ler meus recados no micro quando vejo passar um cidadão que me pareceu o ex-embaixador de Portugal no Brasil, Adriano Carvalho. Corri ao en-

contro do amigo que não via há cinco anos. A moça do *cybercafé* veio atrás de mim, a cobrar a conta. Encabulada se justificou:

“O que vão pensar de mim os que me viram correndo atrás do senhor?”

Ignoro. O que sei é que as raparigas alfacinhas não resistem aos meus encantos.

N

Nada mais de camembert, de gruyère, dos bries

Que faziam minha felicidade. Apenas o frescal, o ricota aquele que tem gosto de papelão, de isopor.

Não consultou antes

Amigo meu contratou um vendedor, por sinal, genro de outro amigo e se dizia muito satisfeito com a aquisição. A lua-de-mel durou pouco. De repente, estava esbravejando contra o outro, desconfiado do caminho que estava tomando seu dinheiro. Revoltado, ligou para o sogro do amigo para fazer queixas. O outro, simplesmente, respondeu:

“Você não me perguntou nada quando decidiu contratar o Fulano. Quando viu que errou, não teve sorte na escolha, vem-me responsabilizar por ela. Considera isto certo?”

Não deram as caras

No *check in da partida para Lisboa*, descobri que a agência de viagem não marcara os assentos do casal, como pedíamos. A sorte foi que a aeromoça, Ana, cedeu seu lugar, a meu lado, a Verônica. Mas numa homenagem do vício à virtude, como di-

ria Rochefoucauld, só no percurso. Porque na subida e descida, vinha ficar vizinha a mim, pois ali, segundo o regulamento, era seu lugar oficial. A sorte foi que o comandante do Vasco da Gama, o Boeing que nos transportava, fez o aparelho aterrissar sobre um tapete de arminho e seda, sendo aplaudido por isso.

Régis Jucá deixara para voltar a Fortaleza, terça-feira, porque o vôo era direto. Só soubemos, porém, da novidade, no Aeroporto Portella de Sacavém. Fomos premiados com mais três horas de viagem, passando por Recife, por decisão da TAP que dela quis fazer surpresa, não nos avisou.

Não escrevo sobre livros

Quando digo a Ronaldo Cagiano que pedi votos ao Taveira para fazê-lo nosso colega na Academia Brasileira de Letras, ele afirma preferir um comentário crítico sobre seu livro á imortalidade. Taí no que não posso atendê-lo. Não sei, simplesmente, não consigo escrever sobre livros. Uma vez, Souto Paulino produziu bom documento sobre a seca, vista por ângulo inédito. Como não soube fazer resenha do livro, falei bem do autor e da mulher Lêda Maria, meus afilhados de casamento. Doutra feita, Josué de Castro se queixou de que, ao invés de discorrer sobre seu novo livro, elogiei a boa educação que Branca e ele souberam dar aos filhos. Quando Soares Feitosa me enviou sua poesia, senti estar diante de um autor fantástico, dum artista inovador. Ele se chateou porque não consegui

traduzir isto em palavras, em artigo. Depois, perdoou minha incompetência.

Não estão com nada

Estes ladrões brasilienses não estão com nada. Não possuem nenhum nível. Pois não é que tentaram roubar, de novo, meu Gol de dois anos atrás. Nem deram bolas para o reluzente Mercedes do vizinho. Já tentaram abrir, doutra feita, meu modesto veículo para roubar o equipamento de som. Deixei de andar com o som. Agora fui radical. Mandei retirar o nicho em que ele podia ser colocado com escândalo, deixando fios aparecendo para parecer violência. E dizer a eles que já fui assaltado. Não precisam repetir o esforço porque não há mais o que tirar.

Não gostam do assunto

Há leitores que não gostam quando falo na morte. Achrom que me “agouro”. Ou “agourando” a eles. Não é nada disso. É que cada dia deve ser de preparação para a partida definitiva, sem que isto tolde, ensombre a alegria de viver o presente. Claro, a gente supõe estar preparado, mas se trata apenas de ilusão, forjada por nossa autoconfiança. Porque na hora agá, não há valentes. Não dá para mostrar coragem.

Não acredito em morte bonita nem em desquite amigável. Morte é morte, é a perda total, o fim de tudo. Como pode ser bonita? Também na separação, sempre alguém sai machucado, porque frustrado na escolha feita, achando que podia ter casado

melhor, porque rejeitado pelo outro, porque é forçado a mudar de vida. Claro, há tentativas de encerrar as coisas, de apartar os troços civilizadamente. Foi o que aconteceu a um conhecido meu. Chamou a mulher para, no jantar, anunciar o fim da relação. Afinal, há muito descobrira os encantos doutra pessoa e queria juntar as escovas com as escovas dela. A mulher ouviu tudo, com tranqüilidade, aceitou o prejuízo e pediu licença para fazer revelação que, há muito, devia ao cônjuge demissionário. É que, infelizmente, nem sempre pudera ser fiel a ele como seria de desejar. Ele ouviu, desgostoso, a confissão. Ficou tão furioso, porém, quando ela se deu à pachorra de declinar a relação dos que haviam desfrutado de seus favores e se recusou a levá-la de volta à casa. A moça voltou de táxi.

Não quer mais

Meu advogado, o Jadir, José Jadir dos Santos, não está mais aceitando causas por conta da morosidade da Justiça. Enquanto esperava que uma das filhas lhe seguisse o oficial, ainda topava. As demandas ficariam para ela, constituiriam o ganhão dos netos. Quando se convenceu de que não teria sucessora, deixou de aceitar causas que serão julgadas daqui a dez, vinte, trinta anos.

Negócios

Nunca fui capaz de fazer um bom negócio, uma transação em que me saísse bem. Por falta de competência até para iniciar a conversa. Nos meus ver-

des anos, cheguei a cogitar de adquirir lote de terreno na Nova Aldeota. Falando ao advogado e cunhado do incorporador ouvi dele promessa confortadora:

“Consigo que ele te venda um lote”.

Não é preciso dizer que se tratava de lançamento, feito com toda a gala, em jornais, estações de Rádio e na incipiente Televisão. Apesar disto, o amigo me faria o imenso favor de me chegar até ao vendedor, com o dinheiro e as promissórias na mão.

Também acho que minha imbecilidade fica patente na colocação da pergunta. Houve um tempo em que quis comprar máquina ledora de jornais microfilmados para mais estudar a história de Sobral. Quando soube que o Banco Central ia vender tais máquinas usadas, telefonei, não sei porque, para cearense que integrava sua diretoria. E ele, juro, me prometeu:

“Vou conseguir que entres na concorrência para comprar o equipamento”.

Não é favor inestimável. Quando há pouco, conheci o prefeito de Aurora, terra de Lúcio Brasileiro, não sei porque ele falou da inauguração do cemitério da cidade. Aí me lembrei que o fundador do crematório de Fortaleza e de Brasília é um filho de Aurora, descendente de amigo do Brasileiro que conheci no cassino do Ideal. O alcaide, mito prestimoso, se prontificou a falar com ele para a compra de título do crematório. Que me daria o direito de converter-me em grelhados e assados quando chegar a hora. Inteligente, o edil sentiu pisar em terreno perigoso e retirou o ofere-

cimento: “Não é deste jeito que quero entrar em sua biografia”.

Deixou-me a mim o encargo.

Ninguém vai

Há quem diga que a população não vai a comícios. Vai tanto a comícios quanto a pregações do bispo Edir Macedo. Ainda hoje lembro o comício do general Euler Bentes Monteiro, candidato do MDB à presidência da República contra João Figueiredo em Fortaleza que fui “cobrir” para “O Estado de S. Paulo”, em Fortaleza. Era gente que não acabava. Os comícios realizados pela volta das eleições diretas, em suma, da democracia, reuniram um milhão de brasileiros em São Paulo. Quando a causa interessa, reúne grandes aglomerados humanos. O problema de hoje é que reina grande desprestígio da classe política, em todo o mundo. Se a sociedade não tem apreço por seus vereadores, deputados e senadores, porque a maior parte das críticas se dirige aos parlamentares, por que iria ouvir sua pregação?

No tempo em que as vacas iam a Paris

Antigamente, famílias ricas da Argentina, quando viajavam à Europa, em férias, levavam vacas. Sim. Dizem que os Gainza Paz, donos do “La Prensa”, em Buenos Aires e os Breno Caldas, proprietários do Correio do Povo, em Porto Alegre, adotavam tais hábitos. Nos navios, iam suas vacas leiteiras para alimentar os proprietários. Onde elas se

alojavam em Paris, durante a temporada, não sei. Ou iam para os açougues, viravam bifés, matando a fome dos nativos? Tudo indica que elas voltavam nos mesmos barcos de seus donos que desejavam os mesmos confortos da ida. Alguém já indagou sobre o destino de tais bovinos e eu, aqui, repito a indagação. Acontece que a vida era simples. Não é Hemingway quem conta que, nos seus primeiros tempos de Rue Moufettard passava, todas as manhãs, um leiteiro com a vaca pelo cabresto oferecendo leite mungido?

Novidades

A gente ia a Fortaleza e voltava a Sobral, cheio de novidades. No mínimo, trazia exemplar da revista “O Cruzeiro” que ainda não chegara à cidade. Com a facilidade das comunicações telefônicas, quando chego à casa de dona Dolores, não tenho novidades a lhe contar. Afinal, falamos, todos os dias de manhã, quer chova, quer faça sol. As revistas são distribuídas no mesmo dia, em todo o País. Na bagagem já não cabem mais notícias frescas.

O

O Barão

A amizade do Guilherme Neto é bem precioso que conservo, há muito tempo. Pena não poder estar, terça-feira, no Country para abraçá-lo. E ouvi-lo cantar. Cada vez melhor para quem bebe, fuma e já passou dos setenta. Neste caso, apenas neste caso, ele fica quanto mais velho, melhor. Éramos, aliás, muito mais jovens quando nos conhecemos. O Barão vai apressadamente no rumo dos oitenta. Eu, dos setenta. Como foi possível isto nos acontecer? Às vezes, penso que se trata de engano, que isto não ocorre comigo. Mas ocorre. Comigo e com o Barão.

Obrigado, Senhor

Em verdade, em verdade vos digo: sou um felizardo. Em cada esquina, apraz-me encontrar um catequista. Um Cristóvão que, em seus lombos generosos, quer me conduzir ao outro lado do rio, justo onde se encontra a salvação.

Um terceiro me quer na leiteria consumindo coalhada, iogurte, ao invés do bom *scotch*.

Terminarei, sim por aprender o caminho do bem, a senda do Senhor porque, a cada instante,

em todos os sítios, encontro almas bem-intencionadas, corações generosos que me querem na beatitude dos céus não nas esfregações e ralações do Inferno que aquilo deve ser mais devasso que os quintos dos infernos da televisão. É certo que nem todas as influências são positivas, cristãs, piedosas. Uma delas é de velho e calejado ateu que até aprecia o clima do Céu. O que teme em tão bem-aventurado abrigo é a monotonia. Já o Inferno torra, mas lhe parece cheio de animação, de gente divertida, que viveu o melhor da vida. Oportunidades, tenho, tive. Por tudo, isto devo dizer que o Senhor pontilhou meu caminho de oportunidades de salvação. Se não as aproveitei, se estiver destinado às caldeiras de Pedro Botelho, isto se deve unicamente a mim.

O fã mais fiel

Menino velho sem amigos quando vim morar em Fortaleza, não tinha muito o que fazer. Nas tardes dos fins de semana, lembro-me de andar solitário pelas ruas do Centro até o Passeio Público para ver dali de cima um jogo de futebol. Tomar o ônibus de Jacarecanga a fim de passear na Praça do Liceu e ali consumir uma coalhada. Aos sábados à noite, ia ao programa de auditório do Armando Vasconcelos “Fim de semana na taba” em que cantava a estreadante Aíla Maria. Lá o chefe de seu fã-clubes era Célio Curi que continua fiel à devoção antiga e que é presença semanal ainda hoje no programa de auditório do Will Nogueira, na TV Diário. Isto tem quase cinquenta anos.

O fazedor de manchetes

No meu teimoso micro, ouço o cd de apaixonadas falas do Padre José Palhano de Saboya no final da década de 70 contra o Bispo de Sobral e seus colegas de clero. Foi o José Luis Mello quem me mandou. Dá-me saudades. Saudades de mim mesmo. Daquela brilhante e galante personagem de minha infância. Menino, via-o percorrer as ruas da cidade, em sua possante motocicleta. Depois no jipe do bispo. No carrão da Diocese. Nos céus pilotar um dos dois aviões do Aeroclube que foi fundador. Lá em casa, com seu sorriso, sua irresistível simpatia, pois era muito amigo de “seu” Costa. Recordo o padre voador que gerou manchetes até no noticiário radiofônico da BBC de Londres desde quando aconteceu o que ele, numa operação de marketing, chamou “a prisão da santa” (a imagem de Nossa Senhora de Fátima) em Crateús, à “queda” de seu avião por “sabotagem”, o esmero teatral na exploração política, no caprichado enterro da criança atropelada pelo carro do adversário, sobre cujo féretro mandou despejar flores de seu avião, até sua excomunhão por haver processado seus superiores hierárquicos e outros padres. Era um grande ator. E melhor diretor de teatro.

O ideal

O ideal seria o crematório. Você, pó, ao pó reverter. Um punhado de cinzas jogado ali mesmo na Praia de Iracema, que está próxima, talvez no rio Acaraú se tiver recebido boa água da chuva e estiver

correndo. Porque os novos cemitérios, além de superlotados, – os mortos pesteando a atmosfera dos vivos, – estão cada vez mais distantes. O defunto chega lá exausto. Tendo pelo menos um consolo: não tem que retornar como os sobreviventes. Outra homenagem a que não aspiro: a chatice de viúva, filhos e amigos terem de ir visitar o Campo-Santo no Dia de Finados quando podiam estar aproveitando o sol no clube, na praia, em mis folguedos. Disto estão os meus dispensados. Digo e assino em baixo.

O medo dos pais

Uma das preocupações de minha geração é com o futuro dos filhos. Muito mais intensa que a de nossos pais, naturalmente. Quando me submeti ao vestibular para a Faculdade de Direito do Ceará, não tinha dúvidas de que ia passar e conquistaria diploma de bacharel que me permitiria ser procurador da Previdência Social. Foi o que aconteceu, graças a Deus. A coisa piorou muito. Já não há esperanças tão fundadas, nem certezas tão antecipadas. Não temos garantia de que os herdeiros vão conseguir emprego. Nem de que a ocupação que venham a desenvolver lhes garanta remuneração que permita manter o padrão de vida que lhes damos. Tentei preparar os filhos mais novos para o mercado de trabalho. Aprenderam inglês e francês no exterior. Usam o computador. Lêem jornais e revistas. Cur-sam Faculdade.

Não é fácil, porém, conseguir melhoria financeira para as duas filhas que trabalharam três anos

na Embaixada dos EUA uma. A outra, na Embaixada do Myanmar, antiga Birmânia. Carlos Eduardo, aproveitou o período de greve da UnB, para se submeter a concurso para o Banco do Brasil. Passou. Irá ganhar setecentos reais nestes tempos tucanos. O emprego público, que se conseguia à base de prestígio e amizade, é coisa do passado. Os concursos para seu provimento são ginkana de obstáculos, iguais aos vestibulares das universidades federais, disputados por centenas de milhares.

De que viverão os herdeiros? Creio que, no futuro, o mercado deve criar empregos ou então distribuir tíquetes para que nasçam consumidores. Não apenas para casas, automóveis, como para adquirir alimentos, liquidificadores, televisões, micros. Como têm que vender, precisam vender, vão inventar, de certo, os compradores.

O meu medicamento

Pesquisa, realizada nos Estados Unidos entre 38 mil varões, chegou à conclusão de que beber álcool com frequência protege o coração. É o que digo à dona Dolores, que vigilante, pede ao filho de 64 anos que manere na devoção a Baco. Meu caráter é tão fraco que, diante do doce carão-materno, primeiro aleguei, covardemente, ter sido induzido ao consumo industrial do divino licor pelo José Telles e pelo Pedro Henrique. Só depois, me lembrei da pesquisa e lhe informei que bebia uísque ou vinho como remédio. Para proteger o coração.

Os pobres de Paris

Tenho um conhecido, muito pão-duro, que não dá esmolas sob o pretexto de não atrasar a Revolução. Não estou nessa. Mais modesto, prefiro resolver, quando posso, o problema imediato do mendigo que esperar tão laborioso parto da História.

Há, ainda, os que, para dissimular a sovinice, dizem que muitos (muitas) pedintes usam crianças, como se fossem filhos, a fim de inspirar a piedade alheia. E que outros são apenas preguiçosos. A mim isto pouco interessa. O cara, que é obrigado a estender a mão à caridade pública, está ruim, está péssimo de vida. Tão ruim a ponto de merecer nossa comiseração e o dinheirinho da esmola, dinheiro que não nos faz falta.

Há, porém, a registrar a nova postura do miserável que não é mais conformista, quieto, passivo como noutra tempo. Não está ainda recorrendo ao assalto à mão armada para garantir o pão de cada dia, mas já expressa sua indignação ante os que fecham os olhos à sua tragédia ou se negam a ajudá-lo. Lembro, a propósito, uma das despreziosas crônicas do Guilherme Neto. Contava o “Barão” que trafegava, descuidosamente, por uma das ruas da Aldeota, em seu carango rumo ao trabalho, quando foi abordado por um flanelinha. Desses garotos que, nas esquinas, sem que o peçamos, começam a “limpar” o pára-brisa de nossos carros, à espera de recompensa financeira. Guilherme não queria, não precisava dos serviços. Além do mais, estava desprovido de dinheiro trocado para o pagamento daquele

trabalho que não contratara. Quando disse isto ao menino, que não tinha como o remunerar, ouviu palavras de revolta e de ódio. E registrou, no jornal, o assombro e o espanto em que ficou ante reação tão violenta.

Pois bem. A gente pensa que na França, país de Primeiro Mundo, não existe miséria, não encontramos mendigos. Infelizmente, eles aparecem. E nos abordam, nos carros do metrô de Paris, quando, com voz colocada, expõem suas chagas, sua indignação e pedem nosso auxílio. Não é, evidentemente, só ali que somos solicitados por gente necessitada. Já contei, aqui, a propósito do hábito francês de ler, o caso do pedinte da feirinha da Rue de la Convention, aqui pertinho de casa. Ele se senta no pórtico dum edifício, coloca um pires ao lado, com dizeres sobre suas necessidades financeiras e enquanto ali não pingam as *petites pièces*, vai devorando seu romance, fazendo sua cultura. Infelizmente, devo dizer, já há muita miséria trafegando por bulevares e ruas parisienses.

Confesso, porém, que me surpreendi, um dia desses, quando fui pras bandas da Place de Italie comprar pitomba, macaxeira e batata-doce. De repente, no sinal, à esquina um motorista, que ia à nossa frente, abordado por um menino que queria passar uma escova no pára-brisa de seu carro, recusou-lhe os serviços. O garoto insistiu. Ele continuou na negativa o que levou o outro a reagir, exasperado, com uma cusparada. Em cima dele. A miséria também habita por aqui e tem suas maneiras de exprimir descontentamento e revolta.

Opção fraterna

Conversava eu, no fundo do plenário da Câmara, com Lúcio Alcântara, então deputado constituinte, quando se acercou de nós uma moça, que nos sabendo cearense, sem que lhe perguntássemos, soltou a revelação:

“Sou irmã do Paulo Lustosa”.

“É, é? Que bom!”, comentei. Quando ela saiu, Lúcio me interpelou:

“Não protestaste? Não fizeste nada?”

Expliquei-lhe que o Paulo nascera meu irmão, porque filho do mesmo pai e da mesma mãe. Uma decisão da Providência Divina. Já aquela senhorita, filha de outro pai e de outra mãe, optara por ser sua irmã. Decidira por isso. Não podia impugnar-lhe este ato de vontade. Deixei-a sair com o parentesco.

O ponto de vista da filha

Domingo, estimulado por vasta propaganda decidi conhecer o restaurante da sede náutica da ASCADE – Associação dos Funcionários da Câmara dos Deputados. Quando lá cheguei, impressionou-me a vastidão do salão. As mesas desnudas davam a idéia de um desses sítios de beira de praia onde se belisca alguma coisa, não onde se faz refeição. Acreditei, porém, na publicidade vista e ouvida. Decidimos encarar tudo numa *nice*. Depois de uma hora de espera, resolvemos ir embora. Não havia garçons. Os que atendiam eram rapazes da lim-

peza. O gerente não era gerente. Em suma, fazia-se o que os governos fazem: inauguram obras que não estão prontas. Não se encontram ainda em condições de funcionar. O certo é que terminamos, famintos, na Mouraria, restaurante luso. Achei estranho não haver musica, nem um som porque me aprazia ouvir um fado. Os descontos nos preços me pareceram mau augúrio. Achei que o restaurante estava ruim das pernas, prestes a fechar. Creio que não. Porque, ao final, vi que os garçons continuavam solícitos e o cozinheiro, mestre em sua arte. Saímos de lá tarde, com a lição de Sara:

“Foi bom, pai, porque se tudo tivesse dado certo na ASCADE já estaríamos em casa, há muito tempo. Nem teríamos curtido tanto a convivência”.

Razão assistiu à filhota. Lembrei da estória do aniversário. O pessimista, pensando que está encurtando o prazo, registra: “Menos um ano”. O otimista, recordando os bons momentos vividos, comemora: “Mais um ano”. É tudo como registra um leitor constante, Cláudio Nogueira, citando o dito popular: “Os tristes acham que o vento geme, os alegres, acham que ele canta.”

O que é um bom papo

O bom papo é um cara alegre. Não daquela alegria no ar 24 horas por dia, feito o Sílvio Santos. Para vender baú da felicidade. Antes a do Tarcísio Tavares, dono de sonoras e oportunas risadas que chamávamos antigamente de gaitadas. Precisa ter senso de humor. Ser capaz de rir até de si mesmo.

O bom papo não se leva muito a sério porque teme o ridículo. Lê tudo para ficar dentro de tudo. Não é, porém, aquele chato que acaba de encarar o capítulo do Almanaque Abril sobre os etruscos e quer impingi-lo a nós, inocentes, de cabo a rabo. Não deve ser assim obsessivo. O bom papo não pode ser sectário. Ou melhor, não pode, não deve nunca querer converter-nos na marra. Por mais edificantes sejam as virtudes de que seja detentor.

Exemplo clássico do bom papo foi o Milton Dias. Um *causeur*, tão requisitado pelas festas gráficas quanto pelos encontros de intelectuais como ele. Taí um excelente conversador.

Do naipé do Otacílio Colares. Mais doce e ameno que este.

Taí o exemplo de quem não era (não é) bom conversador: O ex-prefeito Acrísio Moreira da Rocha. Até não era chato, não. O problema é que falava (no tempo em que freqüentava o cassino do Ideal) principalmente de si. Além disso, da gabolice, não deixava o paciente, digo, o interlocutor falar. Quando fazia uma pausa para acender o seu cigarro Hollywood (ou era Continental?) colocava a mão na boca do outro para continuar com a palavra.

Há quem me ache bom papo. Outros vêem, em mim, certa semelhança com o antigo alcaide.

Certa vez, voltei de Lisboa onde tive muitas horas de convivência com o Tarciso Azevedo, dono do extinto “Dunas”. Quando disse a Lúcio Brasileiro que o achara excelente papo, o colunista esclareceu:

“Ele é excelente ouvinte”.

O rato que malha

Com a morte de Parsifal recrudesceram, aos meus ouvidos, as vozes dos que querem me salvar a alma ou o fígado e há os que pretendem preservar os dois, a esbelteza, a vida, o estilo literário. Querem-me, aos 64 anos, outro, transfigurado, um novo homem. Melhor pai, melhor marido, melhor amigo, melhor cronista, menos barrigudo. Bem que faço a minha parte. No passado, Lúcio Brasileiro contratou um criado para fazer ginástica por ele. Em seu lugar. Não tenho criados a quem impor tal tarefa. Mas o neto Arthur Henrique foi à praia e me encarregou de cuidar de seu *hamster*. Pois bem. Como o bichinho malha. Está sempre na barra ou seguindo a curso da roda-gigante de sua gaiola. É infatigável o ratinho. E eu, de perto, assistindo a sua luta. O danado vai perder peso. É satisfazer os que me querem mais elegante.

Os males da alopatia

Todo remédio faz mal. Disfarça ou cura doença que temos e nos acarreta outra de que nunca padecíamos até então. São os resultados da alopatia. Bem diferente é a homeopatia. Basta dizer que o Cavaleiro da Esperança adotou a homeopatia para curar bronquite. Contraída ainda nas caminhadas da Coluna Prestes, a partir de 1922. Morreu quase centenário. É quase curado.

Os meios

Os desejos não envelhecem. O que envelhece é a capacidade de satisfazê-los.

Os mercados

Quando não tenho o que fazer, nas manhãs de sábado ou domingo, vou à feira do Guará. Não espero que ali os preços sejam mais em conta que o dos supermercados. Não nutro tal ilusão. O que amo são feiras, o ambiente do mercado. Quando, um dia desses em Sobral, me indagaram se conheço o de Barcelona, respondi:

“Claro, que conheço.”

Por que o “claro”, quis saber o interlocutor. Porque vou ao mercado público de toda a cidade que visito. Inclusive na última visita a Sobral fui rever o da terrinha que o fotógrafo Orlando Brito acha tão interessante. É ótimo percorrer os balcões de carne, peixes, frutas, verduras, gêneros. Lá apareci para adquirir cajus e rapaduras encendadas.

O pouco amor à palavra empenhada

Uma das boas coisas da redemocratização foi que me vi livre de assinar abaixo-assinados contra o governo. Sabem por que? Porque nem sempre as boas intenções andam de mãos dadas com a melhor gramática. Por amor à liberdade, quanta vez não subscrevi alguns solecismos que por aí circulam! A causa era tão nobre que dispensava o bom português. Agora não, só subscrevo os meus próprios erros.

É engraçado como as pessoas pedem nosso apoio:

“Não custa nada. É só uma assinaturazinha”.

Não é só isso, não. Ora, a assinatura sou eu e minha circunstância. Minhas idéias, meu passado, meu presente, minha atitude diante da vida, minha coerência possível e não um mero rabisco. No Congresso, a gente ouve falar das assinaturas de mero apoio a propostas de emenda constitucional. Isto quer dizer que elas nada valem. Servem apenas para fazer a proposta circular o que constitui também absurdo.

Jânio, candidato a Presidente, promete, por escrito, a Cid Sampaio, o Ministério da Fazenda. Quando lhe indagam sobre a responsabilidade do compromisso, responde com *nonchalance*:

“Se eu não for eleito, que vale tal papel? Se for, quem terá a coragem de fazer a cobrança?”

No Brasil, nem a assinatura do Presidente da República vale nada. Todos lembram os “autorizo” que o JK e o Jango apunham em todo papel que alguém lhes apresentava, pleiteando nomeações e empréstimos na Caixa Econômica que, apesar do augusto nome a aprová-los, tinham a percorrer longa caminhada nem sempre bem-sucedida. Nós vimos, depois, um Presidente da República confiscar a poupança da população, garantida pelo governo. Não foi o único pecado do ladravaz que bateu a carteira da Nação. Um outro firmou, com a presença de ministro de Estado, reajuste de salários de petroleiros, promessa que não cumpriu. O atual prometeu velar pela Petrobras e pelo Banco do Brasil e prossegue, solerte e tenaz, em seu desmonte. Divulgou propaganda mentirosa sobre o Plano Real, durante vários dias, com a maior desfaçatez do mun-

do. Se assim se comporta o poder público, não surpreende que, na área privada, contratos sejam desrespeitados ou mudados no curso de uma transação. Que você pague um carro no consórcio e não o receba. Que a mídia veicule publicidade enganosa. Que a Imprensa trate o “direito adquirido” como um crime, um delito.

Em suma, a palavra entre nós nada vale. Nem mais o decantado fio de barba porque, afinal, todos ou quase todos somos glabros.

O que mata

Trabalho e morte. Ninguém morre de trabalhar. Porque trabalho não mata ninguém. O que abrevia a existência é vida ruim. Má qualidade de vida. Casamento que não se consegue desfazer. Emprego de que não se gosta. Briga com vizinho. Tudo isto inferniza o seu dia a dia e encurta a vida. A gente só morre de vida ruim.

O som dos sinos

Certos sons desapareceram do nosso universo auditivo. Os sinos, por quem os sinos dobram atualmente? Ou não dobram mais? O certo é que com a poluição sonora vigente, nem sei se os sinos das igrejas ainda marcam as horas, anunciam festas e falecimentos. Os sinos dobravam tristemente no silêncio cavo da cidade – onde quase não havia automóveis, muito menos carros de som, quando morria alguém. Alegrementemente, con-

vocando-nos para alguma festa religiosa. E badalavam infatigavelmente anunciando as horas. Nunca mais ouvi sinos nem sei se eles ainda bimbam. Foi preciso ir a Sobral, um desses, para acordar com o cantar de um galo que instava pela alvorada. Outro som que não mais se ouve nestes tempos de edifícios de apartamentos é o dos pregoeiros de comida, anunciando “figo gordo”, espalhando as vantagens de seu cuscuz.

Ouçã-se a guarnição do Acre

Velho general me conta que em seus tempos de verde-oliva quando aparecia processo encrocado, desses que não interessava a ninguém resolver, havia uma saída. Escrevia-se o despacho: “Ouça-se a guarnição do Acre”.

Naqueles tempos, uma carta rolava meses para chegar a tão remoto território. Ganhava-se um tempão.

O vício do computador

Cheguei, cedo, ao *cybercafé* do Rossio, em o Abacadraba, em Lisboa. Já encontrei outros fregueses dos micros. Foi quando ouvi duma mulher que ali tomava seu suco a acusação:

“São os dependentes do computador”.

Olhei para mim mesmo, para os outros e terminei por reconhecer que ela não se encontrava longe da verdade. Um dia desses, meu micro queimou. Fiquei solitário, quase uma semana sem ele.

E olhe que ainda podia usar o do Comitê de Imprensa da Câmara ou do jornal. Não é, porém, a mesma coisa. Boa companhia é a que o meu me faz, a toda hora, no escritório que chamo pomposamente de biblioteca.

P

Pabe

Sou tão velho que, ao jantar no PABE, lembrei que bebi ali uísque com o saudoso Irineu Garcia em 1976, no auge da excitação esquerdista, quando o bar-restaurant era administrado pelos empregados, o dono exilado em Londres. Valeu a pena rever tal sítio. Beber o frei João Bairradas de 1982, vinho da preferência de Manoel Dias Branco, encarar o vazio de novilha de vitela que dava para alimentar familiar piauiense durante semanas, um divino patê de fígado.

Pálace

Nunca fui a nenhuma festa no Pálace Clube de Sobral. Nem ali entrei. Meu pai não era sócio. E eu não sabia dançar. Não tinha sentido frequentar o requintado ambiente. Preciso fazê-lo. Agora que se converteu em sede de escola de idiomas.

Páreo duríssimo

Estimulado pelo Francisco José inscrevi-me no Concurso de Crônicas Milton Dias, do Ideal. Estava todo animado quando soube que Juarez Lei-

tão fez o mesmo com obra muito melhor, não só porque pesquisada, trabalhada, como por sua alta qualidade literária, aquela “Estação de viver” que tomou nossos encontros de sábado como pretexto e que terminou sendo magnífico retrato de Fortaleza e de sua gente. Se penso isto, o que faço diante de concorrente tão poderoso?

Passando fome

Levo os casais Elenir Sales e Edson Liberato, Suely e Leorne Belém a conhecer o “Pavilhão Chinês”, famoso bar de Lisboa. Acho-o bonito embora muito atulhado de coleções. Há muitas coleções em seus armários. Saímos às 23 horas e cadê de encontrar restaurante que nos abra as portas, nos matasse a fome? Percorremos o Bairro Alto e nenhuma birosca quis nos receber. Famintos, fomos dar A Brasileira do Chiado e consumir um sanduíche de queijo cru, servido por uma pernambucana.

Passeios lusitanos

É claro que você tem de ver os Jerônimos, o Museu dos Coches, o Castelo de S. Jorge, o novo Centro Cultural de Belém. Mas o encanto de Portugal é sua comida. Eça dizia, em tom de chacota, que a glória de seu país residia em haver inventado o pastel. Não sei se estava certo. O que não ignoro é que Portugal é uma cadeia de restaurantes, cada qual melhor do que o outro.

Estou combinando com os casais Régis Jucá e Leorne Menescal Belém uma ida a Cascais. De trem. Para mergulhar no mundo português, ouvir os seus falares, os seus dizeres. É para aproveitar a vista do Tejo que nos acompanha, por todo o trajeto. Da última vez que fui lá almoçar com a Elsie Lessa e o marido Ivan Pedro Martins, fui de táxi o que me valeu um pito da parte deles. Até o “Batel”, em Cascais. Ali à sombra de um plátano centenário, que se ergue à porta da casa de pasto, pode-se encarar um arroz de mariscos que devia ser comido de joelhos, tal sua qualidade. Podemos também ir conhecer o lombinho de lebre ou o linguado salteado com molho de amêndoas e chanterelles, em na Confraria, restaurante do York House Hotel, à rua das janelas verdes. Como sempre digo, com a idade, vão subindo os apetites. No Bairro Alto, podemos ir ao PapÁçorda. Podemos ir ao Farta-Brutos, tão do agrado do saudoso Jorge Amado, de José Saramago, José Sarney. Aliás, conheci Saramago, em 1986, almoçando no Varina da Madragoa, creio que à Rua das Madres, perto da Assembléia Nacional Portuguesa. Em Portugal, há oportunidade excepcional de faltar o bandulho. Pela qualidade das companhias, imaginem os leitores como deverá ser prazeroso o tempo que passarei em Lisboa. Há outros amigos, intencionados de me prestigiar dia 29, no lançamento da edição portuguesa de meu romance “Vida, paixão e morte de Etelvino Soares” que, todavia, ainda não confirmaram a ida. Para aumentar minha ansiedade, minha angústia. Termina indo uma pá de gente boa.

Passeios no Seminário

Meus tristes onze anos passei-os no Seminário. Era a Escola Apostólica S. José, localizada na Serra Grande. A gente ia rápido, quando ia ao dentista, a Tianguá. Era uma aventura. Tão depressa que não me lembro mais de como era a cidade em 1949 ou 1950. Recordo, porém, os passeios dos seminaristas a propriedades vizinhas, principalmente as que detinham rústicos engenhos de moer cana para fabricação de rapadura. A gente ia principalmente atrás de sorver o caldo de cana, de encarar a “puxa-puxa”, o alfenim, a “batida”. Numa fazenda próxima havia açude e nele um seminarista se afogou no banho e morreu. Não me lembro de haver presenciado a cena. Será que a vi ou estou inventando, me contaram, ela aconteceu antes ou depois de minha presença?

Pena de morte

Entre nós, a pena de morte é privada. Todo preso está condenado a ela, no Brasil. Caprichamos em negar-lhe condições de sobrevivência. Nem falei de recuperação porque ela não entra em cogitações. O preso é lixo, como tal deve ser tratado. Quanto mais rápido dele nos livrarmos, melhor. O resto constitui mera hipocrisia.

Pensando alto

Não há nada mais sincero que o auto-elogio.

Pioneirismo

A propósito lembro o maquiador Jota Pires, trazido a Fortaleza pela Casa Parente e pelo Tarcisio Magazine, que se apresentava, na tevê, com toda sua languidez. Nesse tempo, aprendíamos a produzir programas de televisão com Péricles Leal. Sua mulher, soprano respeitada, aparecia na telinha da TV Ceará, com seus trinados. Dos quais, um dia desses, me lembrei em conversa com o sobralense Renato Aragão que começou seus 40 anos de êxito como palhaço, na telinha da TV Ceará, dos “Associados”.

Para quê manicure?

Um conhecido invejoso dos hábitos alheios me interpela: para quê manicure? Estive prestes a concordar com ele que se trata de profissão desnecessária. Por mim, roeria, com tranqüilidade, as unhas das mãos. O que ficaria mais complicado, em dispensando tal profissional, residiria em fazer o mesmo às unhas dos pés. Talvez ele me pudesse valer neste transe.

Pouca produção

Nesses tranSES, a gente é levado, inevitavelmente, a um balanço. Chego à conclusão de que fiz tão pouco em tanto tempo. Ainda agora hesito em mandar, para a gráfica, novo livro. A respeito de Sobral, claro. Ia escrever sobre o que mais? Mais

precisamente quero falar de seus padres que têm parte (e muita) na construção da cidade. Alguns deles se queixam do tom bem-humorado com que abordo a vida, os tiques, os hábitos de seus colegas. Tento, não sei se consigo, não ser chato. Nessa pesquisa a respeito das sotainas sobralenses, levo frustração. Não consegui levantar grande coisa, em minhas pesquisas, a respeito da passagem do padre Palhano pela Prefeitura da cidade. Queria, ainda, ilustrar o livro, com fotos do polêmico sacerdote no seu radioamador, pilotando sua possante motocicleta, o carrão do bispo ou se aprestando para grimpar aos céus, nas asas de seu avião, para ver o céu de perto. Até agora, temo este buraco que vai ficar no livro. O título pode ser “Sobral cidade das cenas fortes”, dado pelo engenheiro José Lourenço Montalverne aquele que respondeu sobre Beethoven na antiga TV Ceará, ao voltar de S. Paulo onde trabalhou no final da década de quarenta e ouvir, de um cunhado, que pegara fogo a fábrica de gelo do Oriano Mendes, uma vaca subira o telhado do armazém do João Linhares, vereadores, numa briga, teriam descido do primeiro andar do prédio da Câmara, pendurados em cordas. Ele comentou: Cidade de cenas fortes! E tanto usaram seu bordão que ele ficou popular.

Precedência

Quando reclamo da espera no Banco, uma moinha gentil me aponta a fila dos idosos. A que termino, acorrendo. São os privilégios da idade. Que me permite concorrer ao concurso “Talento da Maturidade” do Banco Real. Passar à frente dos mais

jovens. Em muita coisa. Inclusive no caminho do cemitério ou do crematório.

Praia de Iracema

A Praia de Iracema hoje é uma festa diária. Mesmo nas segundas-feiras. Não há o pânico do dia seguinte. Sempre a freqüentei. Andei mais no trecho hoje decadente, o do antigo Iracema Plaza Hotel porque ali morava Lúcio brasileiro de cujo caldeirão farto comi muito tempo e cuja amizade constituiu um privilégio.

Às vezes, paro o carro em frente ao hotel extinto e fico me procurando ali e não me encontro. A própria praia – de que tanto me lembro – não mais existe. Ninguém toma banho ali.

Recordo ainda o vizinho do hotel, o Tony's, do Figueiredão, bonachão, geralmente sentado, observando a alegria dos jovens ali presentes, a barrigona aparecendo debaixo da camisa solta. De frente, dando, direto pro mar, as ondas batendo nas paredes de frente, ficava o Lido, de Marta e Charles d'Eva, onde aprendi a comer ostras com vinho. Cenário de jantar que Lúcio ofereceu ao pintor Antônio Bandeira de que participei. Deu lugar a um prédio de apartamentos. Mais tarde no próprio hotel, foi instalado o restaurante Panela, da Sandra Gentil aonde íamos quase toda a noite.

Só não sei exatamente onde ficava o Restaurante dos Aviadores, numa daquelas ruas de nome de tribos. Lembro-me de uma noite de euforia do jornalista Jairo Martins Bastos que havia ganho,

na Justiça, dinheiro retido pelo governo Parsifal Barroso de cargo suntuoso criado para ele no “inventário” feito pelo governo anterior. Para comemorar me convidou a consumir a melhor lagosta, o uísque mais caro. E depois, me convocou para a saideira, tomar conhaque ou licor no restaurante do Náutico Atlético Cearense. O Jairo gastava, naquela noite, com a largueza dum sheik árabe.

Prazo de viver

É sensação, no mínimo, inédita pra brasileiro graças a Deus, essa de saber que o *Boulevard Saint Michel* em que você tanto gosta de passear, foi cenário de atentado terrorista. De volta pra casa, em meio ao engarrafamento do trânsito, você vem com o coração na mão, preocupado com os filhos em que ali estudam por perto onde o cara fez explodir a bomba. Felizmente, o trem é da *banlieue* que eles não têm razão de tomar. O horário já não é mais escolar.

Apesar disso, você vive um alívio muito grande, ao encontrá-los em casa e em paz, longe dos artefatos assassinos.

(Fiz tal registro antes de outra ação terrorista, esta última na *Étoile* onde um desalmado deixou bomba no interior de lata de lixo).

Saio, porém, à procura de assuntos menos sangrentos. De comida, por exemplo. Não me amarro em feijoada. Nem saio pelaí, feito doido, atrás da

maminha do Francisco ou do caranguejo do Itapariká. Sou, em França, porém, assaltado por outras nostalgias gustativas. Por exemplo, nada mais saboroso, o dia ainda claro embora seja noite, que encarar um cuscuz de milho com leite de vaca, aqui em Paris na Rue de Vouillé. Pra inveja desses parisienses que não sabem o que estão perdendo. Também me apraz uma rapadurinha de Cascavel, depois do almoço. Pra prover minha ucharia, no último fim de semana, fiz expedição gastronômica. Comprei rapadura chinesa (pude comprovar que a nossa é muito melhor, mais saborosa), batata-doce, macaxeira e pitomba. Bem como um doce de sapota da Tailândia que eles chamam *saboutier*.

Neste passo, fui, em vão, depois, até a Rue de Mouffetard, não pra seguir os rastros de Ernest Hemingway jovem jornalista e marido estreante. Minha motivação era mais chá. Procurei, na rua onde morou o romancista americano, farinha de mandioca. (Terminei encontrando o produto num supermercado que instalaram aqui perto de casa). Pois bem. No curso de tão inútil pesquisa, parei numa loja portuguesa. A cachopa, ao final da consulta, me confidenciou fraternalmente:

“Segunda-feira, estou voltando.”

Não entendi. Voltando, pra onde? quero saber.

Aí ela me explicou que era o seu último dia de trabalho.

Entrará de férias e irá gozá-las na santa terrinha, mais precisamente no Porto. Percebo que se trata, como eu, dum ser mordido por fundas nostalgias.

Fala em volta quando se refere a um mero descanso do trabalho.

Dia seguinte, à entrada do Jardins das Tulherias, o vendedor de souvenirs é um negro simpático, falante, cheio de charme, de andar elástico. Não me surpreenderia que ele, ali mesmo, no calçamento parisiense, ensaiasse alguns passos de capoeira. Enquanto escolho cartões-postais, ele não chega a tanto, toma, porém, a iniciativa de falar do futebol brasileiro e mostrar que é seu fã ardoroso.

Em meu parco francês, para alimentar a conversa, lembro-lhe de que, infelizmente, no último jogo, perdemos pra Argentina. Ele me corrige. A derrota foi para o Uruguai e não pra Argentina. Fico justamente envergonhado, reconheço que me enganei. Digo-lhe que, à moda da grã-fina de Néelson Rodrigues, em matéria de futebol, só sei que a bola é redonda. Não vão, além disso, meus conhecimentos do chamado esporte bretão. Pra mais me desmoralizar, o interlocutor declama, então, com boa pronúncia, os nomes de todos os integrantes da seleção brasileira.

Vou à revisão na cardiologista. Ela considera a operação impecável. Acha-me ótimo:

“Você pode viver até cem anos”.

É muito. Sinceramente não quero tanto. Com tanta idade nas costas que companhia você pode ter? Vai conversar com quem?

No hospital, o cirurgião examina, orgulhoso, sua curetagem e chama um colega pra que olhe a obra. Enquanto eles se demoram em tais observações, sinto-me devassado. Coisificado. Uma página de manual de cirurgia cardiovascular.

Tem mais. O grande médico não me quer apenas sadio. Isto não lhe basta. Sonha-me virtuoso. Quer, pra mim, o Céu dos sóbrios, dos abstêmios. Estou, há quase três meses, da cirurgia. É justo, humanamente justo que queira fazer-lhe um brinde. Tomar um ou mais copos de Mouton Cadet ou dum Bordeaux branco, seco, como pede, reclama minha sede sobralense. Consulto-o expressamente. Ele faz que não ouve e recomenda:

“Beba água. Beba muita água!”

Digam-me, leitores e leitoras, isto é coisa que um cidadão maior de cinqüenta anos, tenha obrigação de ouvir, e pior, de acatar? Os vinhos estão diante de mim, amontoados no armário da sala, desafiando-me, conclamando-me a que os consuma, a que os beba, para isto foram produzidos e eu? Pobre de mim. Vou a um restaurante e ouço o cara solicitar um *rouge*. Acompanho, invejoso, a trajetória do garçom transportando a garrafa, retirando a rolha, servindo a primeira dose. Vejo a beleza daquele líquido rubro, dum vermelho cardinalício escorrer no copo, o prazer sensual do outro curtir o *buquê*, sorver aquele divino licor, elaborado nos céus para matar a sede dos deuses, enquanto eu, pobre mortal, com jeito (e tudo o mais) de besta, bebo água. Muita água. É demais pro meu pobre coração recauchutado.

Presente acima de minhas possibilidades

O juiz federal Augustinho Chaves, filho de Luiz Gonzaga Mendes Chaves, meu amigo e meu colega de Seminário tão cedo desaparecido, me presenteou com “Nenhuma paixão desperdiçada”, de George Steiner. Presente de muito bom gosto, mas acima de minhas possibilidades de consumo. Sabem por que? Já lhes explico. Há certos autores dos quais você não usufrui tudo o que oferecem pelas alusões a clássicos que você não leu nem lerá. Steiner é pior, sob certos aspectos. Dá-se ao desprate de falar de toda a obra de Shakespeare, de Racine, de Peguy cuja íntegra, claro também desconheço. A cultura dele deixa a gente humilhada e, às vezes, longe de seus livros.

Presente e ajuda

Presente é o mimo que se dá à pessoa querida para agradá-la. Não para satisfazer a alguma necessidade básica que isto é ajuda ou esmola. Presente não precisa ser útil, como uma saca de feijão, uma cesta básica, uma dúzia de ovos. Tem de ser prazeroso. Nunca pude esquecer a ignorância de conhecido a me dizer após o aniversário da mulher:

“Dei a ela uma geladeira nova”.

E se achava cheio de razão o animal.

Presente grego

Quem vibrou quando recebeu, da empresa em que trabalha, o telefone celular, não teve muito

tempo para comemorar a vitória. Ela seria indicação de seu prestígio no local de trabalho, sobre constituir economia. Ficou, porém, sem espaço para almoçar, jantar, descansar, amar, todo ele pertencente, agora, ao empregador. Passou a ficar, vinte quatro horas, por dia, ligado ao emprego porque sabe que por onde for, segue a coleira eletrônica, mutilando seu descanso, seu lazer, seu prazer. Acabaram-se os limites.

Pressa dos jovens

Ouçõ e vejo como alguns jovens reclamam da demora do computador. Da demora para que possam navegar na Internet. É um problema deles que nasceram neste século de velocidade. Porque constitui uma maravilha saber que meu e-mail, em instantes, estará em Paris com o Frota Neto que o recebe e pode respondê-lo imediatamente. Saber que posso ler os jornais do mundo e do País, ao mesmo tempo que leitores nativos, é outra fascinante conquista que me empolga.

Primeiro ano

Arthur Henrique chegou ao primeiro ano. Quando entro com ele no restaurante e as pessoas me fitam, com olhar entusiasmado, trato logo de lhes baixar o faixo:

“É da Sara. É meu neto”.

Para que não me julguem capaz de tais cometimentos. O menino é cheio de vontades e, às vezes,

enfático nas birras quando não lhe fazemos as vontades. Quando, porém, corremos o risco de nos impacientar, ele vem, ao nosso encontro, o rosto aberto num sorriso, com toda a simpatia que lhe transmitiu a mãe, e aí desmancha qualquer má vontade. O rapazinho começou a andar e o faz tão rápido que Carlos Eduardo adverte:

“Devagar, senão vais multado!”.

Problema edipiano

Cláudio Castelo, o psicanalista, costuma falar de minha relação com Sobral como problema edipiano não resolvido. Foi o que me ocorreu, em Lisboa, quando descia a Avenida da Liberdade, rumo ao Hotel Tivoli, na companhia de José Saramago e de Germano Almeida. Só queria que os sobralenses me vissem.

Soubessem dos amigos que conquistei. Foi justo o que pensei. Aí fiquei pensando no diagnóstico. Será por que era lá menino velho encabulado, tímido a mais não poder, sem namorada nem prestígio e queria que os conterrâneos vissem que melhorei, pelo menos no tocante, às relações que fiz? Vou consultar o especialista.

Nunca vi tanta velocidade dos carros como em Lisboa. Os seus motoristas, mesmos os septuagenários, me deixam estressado, pela pressa de passar à frente, de chegar.

Protesto

Num dos jornais sobralenses, o agravo. Leio notícia sobre um ancião de sessenta anos. É insul-

to inadmissível. Afinal, já ultrapassei este marco e não admito ser chamado de ancião. Principalmente por não ser verdadeira a acusação. Fica aqui o meu protesto. Haja ficado previdente, depois do sessenta. Que nada! Há, porém, que ter o mínimo de realismo. Faz tempo que saí da garantia. Principalmente pelo consumo industrial de *bons rouges*, *scotchs* de linha e alguns queijos de matar de desgosto o nutricionista mais exigente. Além do mais, o médico me disse o que, a princípio, supus fosse elogio:

“Você tem um grande coração”.

Que elogio, que nada!

Provinciano vocacional

Sou provinciano. Um cara menor que adora pequenas cidades, como Sobral, Fortaleza, Teresina, Lisboa e Paris. Que poucas vezes foi a S. Paulo apesar de haver trabalhado catorze anos em seu principal órgão de Imprensa. Que em estando ali lembra-se de William Faulkner, acordando, de madrugada, no hotel paulista, de ressaca, ou meio de porre, gritando querer ir embora porque estava em Chicago. Não conheço os Estados Unidos. Jamais tive vontade de ir a Nova Iorque muitos anos antes que seus aviões invadissem torres monumentais. Agora, conto os dias para ir a Sobral para o aniversário da cidade, o jantar do Rotary Club e a inauguração do prédio da Faculdade de Medicina.

Psicanalista

Para que serve o psicanalista? Para ouvir queixas que os filhos têm dos pais.

Q

Quando o crime compensa

Quando “Última Hora” foi fundada, sob proteção de Getúlio Vargas, publicava coluna, intitulada “O Dia do Presidente” em que relatava as atividades do primeiro magistrado da Nação. A mídia brasileira poderia instituir “O dia de Fernandinho Beira-Mar” para nos informar do que faz, no cotidiano, seu maior ídolo. A televisão, todo o santo dia, leva mais um tijolo a seu altar. Entroniza Fernando Beira-Mar. Pinta-o como poderoso, quase eu disse onipotente, um super-homem controlando negócios, a reforma da casa, a execução de inimigos de dentro de sua cela na prisão. É o herói do vídeo. Este é o trabalho da tevê, colocar os bandidos nas manchetes, glorificando-os. Quem, dentre os criminosos, não quer ser Fernando Beira-Mar, o maior deles com presença de todos os dias, no vídeo? Lembra-me “O meu guri”, já crescido, da canção de Chico Buarque de Holanda.

40 anos

Quarenta anos. Andam inventando tanta coisa de minha biografia que já não agüento mais. Dizem, agora, que estou completando quarenta anos de formado pela Faculdade de Direito da Universi-

dade Federal do Ceará. Será mesmo? Acontece comigo? Daqui a pouco estarei aparecendo na coluna de cinquenta anos atrás de O Povo. O pior é que os colegas de jornal falam de turma do Lustosa o que constitui verdadeira injustiça para os que se tornaram grandes advogados, promotores, desembargadores, naquele ano. A mim faltaram méritos para tanto. Optei por Ciências Jurídicas Sociais porque era a única carreira que abria as portas para emprego de procurador. Fui eu mesmo?

Por isso, me indago, crivado de dúvidas:

Será que fui eu mesmo quem, acompanhado do “seu” Costa, numa tarde calorenta de dezembro de 1962, no anexo da Faculdade, recebeu das mãos do reitor Martins Filho pergaminho atestando conhecimentos jurídicos que estava longe de possuir? Lembro-me de ver assomar a uma porta, muito pálido, mortalmente enfermo, Carlos Jereissati, já eleito senador que me foi prestigiar. E do luxuoso anel de doutor que dona Dolores comprou, no crediário, para homenagear o primeiro filho doutor e que nunca usei por achá-lo muito rico em contraste com a pobreza de meu saber. Era ainda tempo das grandes certezas. Sabia eu quando saía da secretaria do clube alviverde Náutico Atlético Cearense, no Edifício Triunfo, onde trabalhava, para a Faculdade, que passaria no vestibular. Não nutria a menor dúvida de que, formado, seria procurador autárquico como era meu sonho. O que terminou ocorrendo. Vivi época menos atormentada que a vivida pela turma jovem, pelos rapazes e moças de hoje.

Queixas e reclamações

Tenho pavor de conversa de velho, achando que tudo antigamente era melhor. “No meu tempo...”. Havia muito desconforto. Primeiro, não existia água encanada. Nem descarga nos sanitários. Nem *modess*. Nem pílula anticoncepcional. Muito menos motel. Nem ar-condicionado. Claro que hoje os tempos são mais confortáveis. As inquietações são de outro tipo. Teme-se a Aids e não a gonorréia. Isto quanto aos costumes, ao conforto. É a insegurança?

No meu tempo de meu pai, detinha ele emprego público seguro pagando-lhe salário que lhe permitiu educar a família com dignidade e a certeza de que, na velhice, receberia aposentadoria igualmente condigna. Hoje não há mais emprego seguro. Nem no governo nem na iniciativa privada. Em envelhecendo, você não sabe se ainda receberá proventos de aposentadoria, capaz de sustentá-lo até o fim de seus dias. E os filhos. Porque hoje, no campo e na cidade, os aposentados sustentam filhos desempregados. A vida transformou-se em caminhar numa corda bamba sobre o abismo. De certo e seguro só a morte. Bom, o certo seria a gente se exilar. Pedir asilo em embaixada estrangeira, como admite o José Augusto Lopes.

O que salva é que o fígado ainda encara um *rouge* e um *scotch* com certa dignidade e isso o governo (ou mercado) ainda não proibiu. Não sei se era Bogart quem dizia que é preciso viver sempre três uísques acima do chão. Os tempos de hoje es-

tão com cara de macaco. Feios. Feios de dar dó. Seguramente, nos tempos atuais, aqui precisamos de mais doses.

Quero beber o Sena

Talvez por ser cego, Jorge Luís Borges não alimentava queixas dos espelhos por registrarem os estragos que a Vida ia fazendo em sua carcaça. Seus problemas eram de outra natureza.

Os meus são mais chãos. Que nem os de Gilberto Amado.

O grande sergipano conta, numa página de memórias, a descoberta de sua terrível feiúra que ele somente fez, em sua totalidade, na cidade do Recife. Até então só dispusera de pequenos espelhos para se barbear, se pentear. Diante, porém, dos amplos espelhos do Grande Hotel, viu-se por inteiro. E não gostou. Aí, então pôde saber o quanto era feio.

É como diz a velha canção: “é no espelho do meu quarto e no olhar das mulheres que sinto a minha idade.” Eu, também.

Um dia desses, fui às compras com a mulher e a crianças (que crianças, se Raquel está mais alta do que eu?) no Park Shopping. Pude me ver, com calma, sem indulgência, nos seus grandes espelhos. Me achei muito acabadinho. Olhei e não gostei daquele velhote que cresceu pros lados e, por isso mesmo, dá a impressão de que ficou menor, cheio de cabelos brancos como se o bandido do fígaro, o

Murilo só aparasse, de propósito, os fios negros, o ar desconsolado, por fora. Por dentro, um mundo de dúvidas e perplexidades. Quase chorei com peninha, com saudades de mim mesmo. Lembrei que já fui bem mais moço. Até um dia desses era um garoto. Claro que circunspecto, de ar vagamente melancólico, encadernado em roupas sombrias, o ar clerical, a marca funda do Seminário. Por dentro, jovem, cheio de sonhos.

Tem mais. Se ganhar aqueles cem mil dólares do sorteio mensal do Bradesco (também cai naquele conto!) me mando pra Paris. Já não agüento mais ser pobre em cruzeiros reais.

Tenho mil razões para voltar à França. Primeiro, porque meu Paco Rabanne está acabando. Depois, porque quero voltar a flunar por suas ruas e *boulevards*, consumindo seu *beaujolais*, encarando aquelas ostras suculentas, apetitosas, sensuais – que nos dão gota – vendo a multidão de estrangeiros, até de franceses, passar.

Quero ser um turista banal. (É talvez nem precise me esforçar para sê-lo.)

Preciso conferir o que resta dos roteiros que Ernest Hemingway percorria. O apartamento da Rue Fleurus onde morava Gertrude Stein, alvo, ela como Fitzgerald, do mau caráter do autor de “Paris é uma festa”. Jantar no “Closerie de Lilas” que ele frequentava. No Michaud onde Joyce comia com a fa-

mília. Quero ver o Hotel Bedfort onde morreu Pedro II. O Vernet onde Washington Luís passou os anos de exílio.

Adorarei de ir, de novo, almoçar no Le Train Bleu da Gare de Lyon que Luís Buñuel considerava um dos mais belos locais do mundo. E é mesmo.

Será que ainda existe o Café Durand onde José Fernandes, de “A Cidade e as Serras”, jantou com aquela piranha, Madame Colombe? O Ernest, da Place Gaillon, de que falava o Grão-Duque? Ou casa mais recente, o Le Mahieu no Boulevard Saint Michel onde Lenin tomava seu aperitivo?

Vou ver o Hotel Bertha, perto do Boulevard des Batignolles onde Simenon se hospedou, vez primeira, quanto trocou Liège por Paris.

Quero sorver calvados num bar da Rue Voissierie, como Ravic de “Arco de Triunfo”, de Erich Maria Remarque.

Almoçar na Enotec ou jantar no “Au pont Marie” como Zélia e Jorge Amado gostam de fazer.

É como disse se vou ser pobre em real, prefiro sê-lo em francos.

Paris é meu sonho, minha miragem, minha meta remota. Sonho vadiar em seus cafés, curtir suas ruas e avenidas, grávidas de História, de grandezas e vilanias, curtir a impaciência dos nativos, consumir seu beaujolais. Ah! Eu quero beber o Sena!

Questão de medo

Eça de Queirós achava que não cometemos o maior dos crimes por temor do Código Penal ou de bengaladas. É que no seu tempo a bengala não servia apenas de apoio, de mostra de elegância, mas também de instrumento de defesa (ou ataque) pessoal quando necessário. Cito o meu caso. Ando com vida de monge, de asceta. Não me vanglorio disso. Este surto de virtudes não me ocorreu por acaso. E, sim, pelo medo de morrer. E antes disso, padecer fim inglório, sofrido, humilhante. Por isso, despedi-me de Baco, dos mariscos, dos bons queijos. E, contrariando, o que antes dizia, passei a caminhar todas as tardes, sem rumo e sem destino, por ordem dos esculápios.

Quando fui ao cardiologista prestar-lhe conta de tal novidade, ele me interpelou:

“Não está se sentindo muito melhor?” Não, não estava. Ele insistiu:

“Não estou se sentindo outro?” Não estava, era o mesmo de sempre. Era tal, porém, sua persistência que concordei para satisfazer-lhe a vontade, para fazê-lo feliz. Pelo visto, não basta seguir o método Cooper, sair pela aí caminhando sem lenço nem documento. Além disso, requer-se fé. Se soubesse disto, ao invés de bater à porta do médico, tinha feito promessa a S. Francisco de Canindé, meu xará, meu padrinho, em quem boto fé e de que me tenho valido. Porque preciso não apenas andar e sim crer nas virtudes miraculosas do exercício, à vista, a curto

prazo. Vou precisar acreditar que tais andanças me tornam outro filho de Deus, lotado de vida e de disposição. É obrigação crer, além de marchar.

Questão de sexo e atraso

Antigamente falava-se das moças do Norte e Nordeste como poupadas dos assédios do mundo. O subdesenvolvido as protegia das seduções. Lembro do cearense, nostálgico da terrinha, muito bem de vida no Rio, que, na época de casar, voltou aos pagos para eleger uma moça de bons costumes, como as havia, aos montes, na terrinha. Ele só acreditava na seriedade da mulher nordestina, cearense. Não sei se se deu bem ou se quebrou a cara. Não ignoro, porém, que a televisão, a facilidade dos transportes, o acesso fácil às comunicações, a vulgarização do sexo na tevê, nas revistas, no cinema, disseminaram comportamentos que não mais distinguem gente do Interior de gente das grandes cidades. Aliás, não há mais distância em matéria de postura ente o pessoal da Capital e do sertão. A este chegaram todos os benefícios (?) do progresso. O cara pode residir em Bitupitá, na Palestina, no Salitre, em Barroquinha ou Pereiro e ter ali a televisão a cabo e saber das novidades do mundo inteiro. E assistir, se lhe aprouver, a filmes pornográficos. Se quiser, pode alugar dvds e ver películas de boa qualidade. Se possuir um micro, tem condições de se comunicar, pela Internet, com o mundo inteiro e do mundo inteiro receber novidades. Sem falar no telefone celular. Em suma não está mais isolado. Encontra-se no meio do mundo. O Interior não é mais aquele. Nem nos preços. Nem nos costumes.

R

Receio

Quando se trata de uma pessoa muito importante como Saramago, não gosto de me gabar de ser seu amigo. Espero que o outro o proclame. Até para evitar possíveis frustrações. Porque a vanglória da intimidade com o olimpiano pode gerar decepções. O que evito, pretendo delas escapar.

Retorno

Volta-se a falar nos romances de José Geraldo Vieira, autor que ficou muito tempo esquecido e de que tanto gostava. Dizia-se, à época, que ele copiava cardápios de restaurantes europeus por citá-los com tanta freqüência. Era apenas uma tentativa de desvalorizá-lo, em função de seu pretense esnobismo. Li e reli muitas vezes “O Albatroz”, chegando a copiar alguns de seus trechos, para meu deleite. Também apreciei “A ladeira da memória”, “A mulher que fugiu de Sodoma”, “A quadragésima porta” e muitos outros de seus romances.

Retratos, o senhor “Le Monde” e a visão alheia

Às vezes, a gente dá a impressão de conferir maior valor ao retrato que ao retratado. No entan-

to, sabemos que o importante é a experiência vivida, não seu registro. Quando a fotografamos, apenas perseguimos a ilusão de certa perenidade. Queremos perpetuá-la. Pelo menos, por algum tempo. E, também, transmiti-la aos outros. Para que eles a vejam. Gostar tanto de fotografias equivale, assim, a buscar esta sensação do definitivo e comunicá-la a terceiros. É um pouco como ver com olhos alheios.

Mandei revelar, na banca do jornal, fotos do almoço que Jorge Amado me pagou no *Quartier Latin*. Quando fui buscá-las, não haviam chegado. Dia seguinte, a mesma coisa. Depois de várias idas lá (ou aqui porque está situada defronte ao meu terraço), a jornaleira ficou de telefonar para a central de revelação, supondo tivesse havido engano na entrega. Temendo que elas houvessem tomado outro destino. Noutra ida lá, porém, encontrei a auxiliar a quem havia confiado os negativos. Esta, então, esclareceu tudo. No dia em que fora lá, como estivesse apressado, não tivera tempo de me perguntar o nome e assim escrevera, no envelope, não sei porque “Monsieur Le Monde”. Como se fosse eu o único leitor do vespertino. Ouvi a revelação e nem perguntei por que ela me batizou assim. Estava mais interessado em recolher meus preciosos documentos iconográficos e me picar.

Em casa, mulher e filhos reclamam do cheiro forte que impregna o recinto quando abrem a porta da geladeira. Raciocinam:

“Há algo estragado aí dentro.” Só depois de exame minucioso, descobrem que não há nada podre. E, sim, os queijos franceses de odor forte, penetrante, carregado, que gosto de consumir com o vinho nacional. (São exatamente os que os médicos condenam porque engordam, fazem subir o colesterol, entopem as coronárias. Tudo o que é bom é assim: faz mal ou é pecado).

Há quinze anos, o Ex-Reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto cumpria seus estudos de pós-graduação, aqui. Vim visitar Paris, o que sempre foi grato a meu coração e, mais ainda, em sua companhia. Uma noite, quando o visitava, mais uma vez, seu apartamento no Boulevard Murat, com habitual falta de modos, indaguei de Zuleide:

“Comadre, que cheiro tão esquisito é este?”

Ela, com a finesse de costume, disfarçou a irritação:

“Foram seus queijos, compadre. Os queijos que você deixou aqui.”

É que lhe pedira o favor de guardar, na geladeira, uns bons queijos nativos pra degustar, à noite, com o Paulo, irrigados por honrado *rouge*.

Após o almoço no restô da École des Hautes Études en Sciences Sociales, demoro um pouco no “fumoir”, batendo papo com colegas. Ali arco com os ônus de fumante passivo sem extrair qualquer

prazer do vício. Um dia desses, o local estava cheio. Conversava em pé. Daqui a pouco, um estudante oriental se retira, me cedendo sua poltrona e me apontando:

“Monsieur le President.”

É o que me diz. Olho pra trás. Não há ninguém. É comigo. Aí percebo que se trata de cumprimento brincalhão e cortês do colega asiático.

De Presidente, só tenho a pose. Nem síndico de edifício consegui ser até hoje. Agora, a aparência de ser “alguém” não me falta. Quando trabalhava na sucursal de “O Estado de S. Paulo”, os políticos, que estreavam em Brasília, ao me serem apresentados, perguntavam se era o diretor da sucursal.

“Que nada. O chefe é o Carlos Chagas. Sou apenas um dos trinta repórteres, sob seu comando” era o que, freqüentemente, tinha de esclarecer.

Quando era menino, nas férias, minha avó, Vitalina, me levava em seus passeios na Capital. Lembro-me de andar com ela nos bondes da Light – eles iam até a Bezerra de Menezes. Penso ter ido, com ela, a um convento (ou colégio de freiras ali situado. (o bonde ia até ali, Guilherme Neto?), séculos atrás e de morrer de encabulado de sua companhia, porque ela era doida pra conversar com desconhecido. Tinha a maior desenvoltura pra abordá-los e manter o mais acalorado papo.

Pois bem, sou seu digno herdeiro. Fred, o caçula do Beco, fica no mesmo constrangimento, quan-

do me acompanha (às vezes, me guia) nas caminhadas parisienses. Um dia desses, felizmente, pra sorte dele, nem estava presente quando começo a conversar com um cara que me pareceu familiar. À certa altura, pergunto-lhe:

“Não vá me dizer que é de Brasília”.

Era.

“E que também é de Sobral?” Era. Ou melhor. Quando menino, morara na terrinha, na casa do Agripino de Souza, ali na Praça do S. Francisco quando o pai, Miguel Arruda Furtado, era gerente do Banco do Brasil, compadre de seu “Costa” e seu colega de Congregação Mariana.

Domingo, batendo perna, na Praça do Mercado, Grosse Market, La Grand Place de Bruxelas, não é que dou de cara com uma pá de sobralenses, desde o Antonino Melo, filho do Tabajara Melo, de quem meu pai, junto com o amigo José Anastácio Dias, adquiriu a Fábrica de Bebidas Santa Catarina, até o ex-deputado Carlos Alberto Arruda, o Edmundo Monte Coelho filho, o Francisco Machado e o Expedito Ponte? Todos saídos do Beco do Cotovelo pra flunar pelas Oropas, França e Bahia.

Resistir, quem há-de?

Confesso que, aos tempos de Médici, a gente resistia à Copa do Mundo que sabia seria instrumento de manipulação política da feroz ditadura. No começo, torcia pelo adversário, sim. Depois,

quando ouvia a ovação das ruas a estes ex-favelados, a estes mestiços, a estes negros que se cobriam, de gloria, no mundo, se entregava à emoção. Foi o que nos aconteceu, há pouco, diante do receio de que a vitória brasileira sirva ao projeto político neoliberal. Quando, porém, aquele negrinho gaúcho colocou no canto da trave inglesa a bola, conquistando o gol da vitória, quem pôde resistir? Era o que o Brasil possuía de mais típico, de mais verdadeiro, de mais sofrido, oferecendo a todos nós a consagração universal. Não deu para segurar.

S

Sabem desagradar

Há certas pessoas que têm sempre, na boca, na memória, algo desagradável a nos dizer, a nos lembrar. Alguma coisa que nos cause mal-estar, que nos deixe desconfortáveis. Andam sempre com a algibeira cheia de projetos de nos estragar o dia. Tenho uma amiga que se tornou rica enquanto muitas de suas colegas de internato, de melhor condição econômico-financeira que ela na época, ficaram para trás. Cada vez que ela encontra antiga colega daquele tempo, ouve a voz da inveja:

“Não te posso esquecer, no colégio, comendo a rapadura da merenda e o mel escorrendo dos lábios para o queixo”.

Ela, de tanto ouvir a chacota, um dia se impacientou e indagou da outra: “Foi a coisa mais importante que presenciaste naquele tempo a ponto de sempre falar disso?”

Saramago na rota do Nobel

Li, sem conseguir parar de um fôlego, as 445 páginas de “O Evangelho segundo Jesus Cristo”. É livro intrigante, instigante, fascinante. Mexe com a

cabeça da gente. José Saramago, o maior romancista da atualidade, com mão de mestre, consegue dar especial interesse a uma velha estória conhecida há quase dois mil anos. Conta a aventura de Cristo homem sobre a terra, sem os compromissos de revelação e de fé católicas. Não dá pra largar. Quem o comprar, não vai se arrepender.

Acho que era Charles Morgan quem dizia que ninguém pode ter pose diante de seu criado de quarto. Jorge Luís Borges conta que, quando era bibliotecário num subúrbio de Buenos Aires, seus colegas de trabalho encontraram seu nome num dicionário de literatura. Chamaram sua atenção para o que lhes pareceu homonímia. Pois é, pro garçom, o maior ficcionista é apenas um freguês a mais.

Dizia Voltaire que quando você não é nada na vida é, ao menos, contemporâneo. Registro que sou amigo de José Saramago, vanglorio-me de ter comido, a seu lado, a açorda de mariscos que me regala o peito, bebido o Bucellas, Velho que me mata a sede. Andava fascinado com “Memorial do Convento”, “O Ano da Morte de Ricardo Reis”, “A Jangada de Pedra” e lhe disse. Modesto como quase todos que têm a segurança da própria grandeza, ele parece encabulado de meu entusiasmo, de meus elogios. As minhas instâncias, promete passar lá em casa quando vier ao Brasil. Ano seguinte, é o que faz, para meu deslumbramento.

Taí acontecimento que me deixou siderado. Não nego: sou macaco de auditório desses que não se contêm, não controlam seu entusiasmo. Ele chegou afável, gentil, discreto como sempre, os dedos

cansados de tanto assinar dedicatórias e ainda aqui-esceu em assinar outras para Raquel, Sara e Carlos Eduardo. Ando torcendo para que receba o Prêmio Nobel de Literatura. E não é só por ele, não. Por mim, também, para poder dizer que o agraciado já honrou, com sua presença, minha casa, já comeu de meus pirões. “O Evangelho segundo Jesus Cristo” é mais uma pedra em seu monumento, verdadeira obra-prima.

Saudades

Clélia Lustosa acha que gosto de visitar Portugal porque é viajar sem sair de casa. Estou de novo com saudades da terra-mãe. Amanheci me lembrando, muito, de Vila Nova de Cerveira, um vilarejo do norte de Portugal, onde parei um tempinho, vindo de Santiago de Compostela, atacado de gota. Houve um dia em que nem pude sair do apartamento da Pousada D. Diniz, prédio encantador, tão forte foi a crise da “doença dos reis”. Queria, de novo, comer em seu restaurante envidraçado sobre o Minho, dando para a Espanha. Passamos três dias no vilarejo, tão pequeno que minha mulher já estava comprando fiado na farmácia. Era a mulher do “brasileiro”.

Saúde

Recebo o carão dos amigos, mas lembro Leonardo Mota para quem o dissipador deve gastar tudo, até a saúde. Ouço o diálogo, atribuído ao casal Pedro Henrique Saraiva Leão que Mana tenta fazer o ma-

rido reduzir o consumo de cigarro, em benefício da saúde: “Queres então que eu morra bonzinho, com a saúde intocada?”. Não sei se os leitores lembram de blague a propósito de um pito que levei de dona Dolores – um cabra velho de 65 anos, quase setentão que ainda dá preocupações à mãe, por conta da vinhaça consumida em quantidades industriais. Sem caráter, só respondia que haviam sido Pedro Henrique e José Telles os responsáveis pelo pileque. O Emmanuel Nogueira Vasconcelos, da roda dos sábados, ao pretender conhecer a raiz de meus últimos pecados públicos indagou:

“Quer dizer que, dessa vez, o Pedro Henrique e o Teles estão inocentes?” Sim, sim, os dois poetas e esculápios, agora, não têm olhos nem sede para bebidas espirituosas, somente preocupados com a festa dos 240 anos de literatura de Alcides Pinto, Eduardo Campos e Artur Eduardo Benevides.

Sem amor-próprio?

Estávamos eu e a mulher, no aeroporto, esperando José Saramago. Quando me apresentaram ao editor Luiz Schwarcz, também no aguardo, disse-lhe com toda espontaneidade: “Ah. Foi você aquele que não quis publicar meu livro?” Estava com um conhecido que, brandamente, me recriminou.

“Não mostraste amor-próprio. Acho que te humilhaste demais, dizendo isso”. Pode até ser. A verdade é que desejava ser editado pela Companhia das Letras. Não neguei na hora não nego agora. A verdade também é que meu livro saíra pela Maltese, obti-

vera elogios que jamais podia esperar, vindos de Claude Levi-Strauss, Alice Raillard, Ascendino Leite, um bocado de gente do ofício. Iria sair em edição portuguesa. E o degas estava ali, ao lado do famoso editor, para receber o Prêmio Nobel de Literatura que me trataria, – ele pode ver, – com carinhos de amigo. Por que deixar de dizer o que estava sentindo? Botar uma banca que não tinha sentido? Deus me tem poupado de reais humilhações e Lhe sou grato por isso.

Sem CTI

Antes que isto ocorra, digo e repito não quero amargar as últimas horas assistido pela frieza profissional de médicos e enfermeiros na solidão da CTI. Quero acabar em casa, ouvindo o riso do Arthur Henrique. Mesmo sua birra. Tampouco desejo me prolonguem artificialmente só para aumentar a conta do cartão de saúde.

Por outro lado, quero ser cremado. É que joguem as cinzas no rio Acaraú, se for época de chuvas, de cheia. Senão no Atlântico mesmo. Pouco me importa onde. Quem quiser me homenagear, me homenageie agora. Quando for saudades, como na velha canção, quero preces nada mais.

Sem mágoa

Tenho a impressão de que a maioria de nós não recebeu, da natureza, reservatório, mochila para guardar mágoas, armazenar ressentimentos. Um dia desses, estava em Fortaleza quando vi Isabel Lustosa

decepcionar um jovem historiador que a ouviu, que veio interpelá-la para tese sobre a violência e repressão do colégio de freiras, o das Dorotéias em que ela estudou. Assim seria eu se fosse perguntado sobre o dos frades. Não teria queixas a expor. Um ou outro episódio menos agradável, às vezes, conto, porque ilustra a biografia, jamais com o intuito da denúncia, da execração. Não tenho contas a ajustar com o passado. A vida me tratou bem demais.

Sempre de bem com a vida

Foi embora Helena Gentil e já foi tarde. Devia ter partido, como no bárbaro ritual indiano, – junto com Chicão Jereissati, o grande amor de sua vida, depois de cuja ausência nunca mais foi a mesma. Em pouco se prostrou em agonia triste e prolongada que nada tinha a ver com a alegria de viver que sempre foi o tempero de sua personalidade. Viveu, principalmente na década de quarenta, o zênite do prestígio da família riquíssima (dona do maior Banco e do bairro Gentilândia) poderosa, porque esteio do partido do governo, o PSD, e hedonista porque quase toda determinada a extrair da vida todos os prazeres que ela podia proporcionar. Davam a muitos a impressão de ser personagens de livros de Fitzgerald ou mesmo de viver como o autor e sua Zelda. Não era apenas papo cintilante, a dizer que D. Pedro II fora assim uma espécie de fundador da UDN, por seu bacharelismo, sua má literatura e seu desprezo pelo industrialismo do Barão de Mauá.

Amou e foi muito amada essa mulher de coragem, de fibra e vontade forte. Casada com o comandante Marcílio Gibson Jacques e mãe de Mônica, apaixonou-se por Chicão Jereissati com quem passou a viver, o que constituiu escândalo àquele tempo. Quando vieram para Fortaleza, exigiu que toda a família comparecesse ao aeroporto para receber o novo casal, apesar dos padres e freiras que a integravam, naquela época preconceituosa.

Contava, com muito espírito, que ela e Chicão, um príncipe de elegância moral, receberam, muitos anos depois para jantar, o ex-marido e dos ciúmes que os dois passaram a ter de lá, na conversa do que se prolongou muito além de um litro de bom uísque.

Era daquelas mulheres que funcionam como motor de popa do marido. São estímulo do guerreiro ou transformam-no, sem traumatismos, em guerreiro. Lembro-me de Carlos Jereissati registrar a mudança positiva do irmão, depois do casamento: “O Chicão era meio parado, virou um azougue, um gato depois de Helena”.

Era uma divertida inteligente e agradável companhia, que foi fazer bonito nos céus. Devia ter partido, há mais tempo, sem o sofrimento dos últimos anos que, absolutamente, não merecia.

Deus me permitiu só a encontrar nos momentos ridentes de sua existência, a última das quais num divertido almoço no restaurante do Ideal que se prolongou pelo vazio de uma tarde de sábado ou domingo e isto Lhe agradeço. A Ele sou grato por

haver privado com essa mulher de raça, senso de humor e conversa, pontuada de charme e inteligência. O que ela foi até a partida de Chicão, quando abandonou o “Paraíso” onde foram tão felizes e gostavam de receber os amigos e partiu para a enfermidade, a velhice, a solidão que não merecia. E que foram epílogo de uma vida ensolarada, cheia de alegria, plena de amor.

Sem queixas

Quando você, já passado dos cinqüenta, decide morar no exterior, com absoluto desconhecimento da língua do país anfitrião, enfrenta dificuldades. Claro. Passei por elas. Nunca as superdimensionei. Afinal fui morar em Paris, como sempre sonhara. Por que, então, reclamar que o parisiense é grosso? Que o porteiro do prédio é imprestável? Que a burocracia francesa é pior que a nossa? Que a toda hora os policiais estão pedindo os *papiers*. isso e aquilo? Não. Quando me perguntavam sobre isso respondia:

“Vim aqui para gostar. Não para ver defeitos”. E me dei muito bem com isso. Só me lembro das muitas coisas boas que me ocorreram na temporada. E elas terminaram se multiplicando, convertendo-se em maioria.

No dia em que os filhos chegaram a Paris, levei-os a cumprir aquele roteiro. Descemos no Jardim de Luxemburgo, olhamos para o Panteon e caminhamos pelo lado direito do *Boulevard Saint Michel*, em direção ao Sena e a Notre Dame, pas-

sando pela Sorbonne, pelo Le Grand Hotel de Suez, em que sempre me hospedei, pela Livraria Lusófona da Rue du Sommerard. Quis que eles entrassem pelas ruas de Saint Severin, de la Harpe; Xavier Privas vissem a movimentação daquele emaranhado de ruas estreitas e antigas e fossem até as igrejas de Saint Severjn e de Saint Julien le pauvre. Não sei que impressão tiveram. Quis começassem a curtir Paris daquele sítio.

Sem rádio nem som

Descubro que tentaram arrubar meu carro. Deixaram vestígios na porta. Deve de ter sido em frente ao edifício onde resido ou naquele em que funciona o Diário. Isto à luz do dia. Tudo para roubar o som. Não vou ficar tirando o tal aparelho a cada vez que descer do veículo e andar com aquele trambolho para cima e para baixo. Não aceito ser escravo de tal objeto. A solução encontrada consiste em não mais usá-lo. Não vou mais ouvir rádio nem musica no automóvel. Enquanto me permitirem ter automóvel.

Senado, hábito de família

Duas senadoras nordestinas vão ter assento na Câmara Alta, por hábito de família. Uma delas, Patrícia Saboya, neta do senador Plínio Pompeu, vem de linhagem que remonta aos tempos de Pedro I. Um de seus ascendentes diretos foi o senador Francisco de Paula Pessoa, o senador dos bois, aquele que, ainda tangerino, comandando tropa de jumen-

tos e burros conduzindo mercadorias para venda na estrada de Granja a Sobral, fez pedido à sua madrinha, Nossa Senhora. Queria ser senador do Império, viver 80 anos e ferrar dois mil bezerros por ano.

Rezam as lendas que, ao completar a data redonda, voltou à presença da santa para lhe propor aditivo:

“Nossa Senhora, obrigado por tudo quanto a senhora me deu. Sou senador do Império, ferro mais de dois mil bezerros por ano, mas oitenta anos é tão pouquinho”.

A santa sorriu de cima do altar e lhe deu mais quatro anos de lambuja. Paula Pessoa fundou uma dinastia política que tem em Patrícia Saboya a representante mais eminente. Ele foi pai do senador Vicente Alves de Paula Pessoa e avô do senador Tomaz de Paula Rodrigues. Seu filho e homônimo, chamado Dr. Paulinha, foi deputado federal. Sua neta, filha deste, Maria da Soledade, “Sinhá”, casou com José Saboya de Albuquerque, juiz e chefe político de Sobral, que fez do genro, Plínio, senador. Seu filho, Ernesto, foi deputado federal. Para Patrícia, a senatoria é assim um hábito de família. Vamos ter, no Senado, pai e filha o que só ocorreu no Império. É o caso de José Sarney, senador desde 1970 e de Roseana Sarney que agora conquista tal título. Como no passado, aconteceu com o Visconde de Congonhas do Campo e o desembargador Antonio Augusto Monteiro de Barros. Por pouco. Pois o Visconde de Congonhas teve a infelicidade de ver desaparecer, o filho e colega a quem sobreviveu por dez anos. O outro caso bem mais digno de atenção foi a presença de Francisco de Lima e Silva e de

Luis Alves de Lima e Silva, este o Duque de Caxias, simultaneamente como senadores. Conta-se que, às vezes, o pai faltava ao Senado, alegando:

“Não fui para não votar contra o Luis”.

Sirene

No Brasil, quando a gente ouve tocar, desesperada, a sirene de ambulância, nunca se sabe se ela transporta doente em estado grave ou se é apenas o motorista querendo chegar mais cedo à casa da namorada.

Showmícios

Showmícios são shows, dados por artistas conhecidos aos quais o povo acorre no qual abrem espaço para seus patrocinadores, os candidatos a postos eletivos. A campanha eleitoral de hoje se realiza, muito mais na televisão. Os postulantes a altos postos necessitam criar fatos diários que despertem o interesse dos veículos de comunicação que assim os transmitem a seus telespectadores, ouvintes e leitores.

Solidão

Fazia frio. Detestável era o cobertor ordinário cor cinza com listra azul e vermelha nas extremidades com que me protegia do frio porque, neste tempo, na serra, baixava muito a temperatura. Lembrome de mim mesmo, roído de saudades, agasalhado, no que me parecia enorme dormitório, choramin-

gando baixinho para que ninguém ouvisse, de olho na telha de vidro do teto. Quando, homem feito, voltei àquele dormitório que parecia tão grande aos olhos alumbrados do guri que fui, achei-o pequeno, acanhado. É assim o altímetro da infância.

Sonoplastia

Ambientei, em Sobral, conto sobre a transferência do internato de moças dum lado para outro do enorme edifício em que se abrigava por conta da sonoplastia das cenas de amor de um casal, tão ardentes, tão calorosas, tão enfáticas. Há quem diga que esta elevada temperatura se registrava, em Fortaleza, perto do Colégio da Imaculada, em tempos mais que pretéritos. Seria?

Sou múltiplo

Não gosto de atender a convites para almoço, aos sábados, quando me encontro em Fortaleza por uma simples razão. Neste horário, sou múltiplo. Tenho encontro prazeroso com o grupo que se reúne no late e que vem dos tempos de idêntica reunião, na TV Verdes Mares, aos tempos de Edson Queiroz e Astrolábio Queiroz. Desfruto da convivência de tanta gente boa num dia só que este sábado é de enriquecimento.

Sou um blefe

Amigo que não via há década ao me rever barbigudo, sedentário, andando com dificuldade por con-

ta da gota, me dirige proposta obscena. Quer, por fina força, que vá com ele passar uma semana num spa silencioso, em meio a uma floresta de araucárias, só me alimentando de verde. Folhas, flores e frutos, feito lagarto. Ele também questiona meus textos, não está satisfeito com eles nos quais identifica um pessimismo à la Augusto dos Anjos. Tenho a impressão de que, para ele, ao longo desse tempo todo, fui um blefe que só agora percebeu. Que estou longe, longe muito longe daquele amigo longilíneo, sóbrio, perfeito com que sonhou. Estou desolado porque não me propusera a decepcioná-lo tão profundamente.

T

Telefones difíceis

Lembro que, quando ainda não havia telefones interestaduais ou internacionais e a gente ficava gritando ao aparelho quando tinha indicações de que, do outro lado, havia interlocutor distante. Falávamos tão alto, como se quiséssemos que nossos gritos chegassem ao destinatário, sem intermediação técnica. Os antigos ainda elevamos a voz quando falamos para outros Estados ou para o exterior, ao telefone.

Temor

Nem devia dizer do prazer que me proporcionava a publicação de minha coluna no Diário do Nordeste.

Afinal, fica o Pádua Lopes com direito a cobrar por isto e não mais me remunerar devidamente, como faz, todo o fim de mês.

Tempos de emancipação

As mulheres andam emancipadas. Nem todas, porém. Uma colega de jornal tinha namorado casado e que ela, inocente, não sabia capaz de

andanças avulsas. Pois bem. Certa tarde, vinha ela de faxinar o novo ninho que haviam montado e ainda se achava em trajes de trabalho quando a porta se abriu. Sabem os leitores quem era o visitante? Justo o namorado dela que trazia uma terceira para o que todos vocês imaginam. Pois não é que a Amélia empatou aquela tarde de amor, mas não rompeu relações. Continuou com o travesso coroa.

Tentar, tentamos

Agora, em verdade, em verdade vos digo: combatemos o bom combate. Consumir o uísque disponível na praça. Batalhamos em vão porque quando mais ampolas esvaziávamos, outras iam surgindo à mesa. Novos desafios apareciam à mesa. Bebe-se com rijo apetite em Fortaleza. E há quem seja consumidor do Johnny Walker, este uísque que rola com tanta abundância no Ceará que fico em dúvida sobre se a Escócia fabrica tanto licor desta marca.

Toalhas molhadas

Lá em casa, éramos treze. Sustentados pelos salários de dois funcionários públicos. Uma das recordações incômodas dessa época eram as toalhas molhadas. Lembro meus princípios no jornalismo. Acordava um pouco mais tarde que a meninada que ia cedo para o colégio e encontrava as toalhas usadas por todos eles. Jamais hei de esquecer o des-

conforto que era enxugar-me com as toalhas úmidas por haverem servido aos outros doze irmãos. Prometi a dona Dolores se ganhasse na Sena, lhe enviar um caminhão de toalhas. Como outras promessas que lhe fiz, não cumpri essa. Nem ganhei na loteria.

Todos iguais

Lembrei não sei porque amiga do “senador” Vieira Filho. Ao visitá-la, ouviu dela estar muito feliz. E explicou. O filho mais velho fora reprovado. Ficara com medo de que os outros três levassem o primogênito na troça, gozassem seu insucesso, posassem de superiores sobre ele. A sorte, segundo ela, foi que todos os outros foram por igual reprovados. Levaram pau. Não passaram de ano: Assim estavam todos iguais. Nenhum ia menosprezar o outro.

Trâmite

Morrer não é tão grave. Desagradável é o trâmite, o caminho para o outro lado. Continuo a achar que a alternativa para não envelhecer é letal. Agora que a gente podia eleger uma forma de ficar velho, sem humilhações, padecimentos, restrições, pesquisas e curiosidades de proctologistas. Não devia acordar, como se queixava bem-humorado Milton Dias: “A gente, quando desperta, não quer saber mais onde dói. Agora quer saber é onde não dói”.

Trocou-me pelo George Steiner

Em Lisboa, queixei-me a José Saramago de não haver ido ao lançamento da edição portuguesa de meu romance porque assumira, anteriormente, compromisso de estar presente, em Sevilha, à outorga do título de doutor *honoris causa* a George Steiner, pela Universidade de Salamanca.

“Você me trocou por ele porque ele leu Homero, aos oito anos de idade”.

Saramago respondeu:

“Ele é uma criatura simplíssima, apesar de sua erudição”.

Tudo proibido

Ele se gaba de não beber, não fumar, não namorar, andar, religiosamente, dez quilômetros por dia, dormir cedo. Espera viver assim mais trinta anos? Trinta anos? Será que isso é vida? Será que vale a pena?

Por que será que sou o alvo de quantos querem me melhorar? Dos que desejam me impor regime alimentar franciscano, estilo de vida espartano?

U

Uma lâmpada

Um amigo dos mais novos, nem por isto menor, José Telles, deu-me lanterna quando cheguei aos sessenta. Ainda hoje reflito sobre a natureza e a finalidade do mimo, sem lograr adivinhar as razões que ditaram sua escolha. Acharia ele que precisava alumiar meu caminho? Temia mergulhase na treva, da escuridão, depois de feito sexagenário? A luz serviria para que achasse o caminho certo? Até hoje não sei o que moveu este homem fatal de Bitupitá a eleger tal presente para me prodigalizar na entrada dos sessenta.

Um arroz-doce

Encaro um arroz-doce e sinto-me devolvido aos sabores da infância.

Diz Paulo Elpídio, neste caso não tão contido, que este é o prato diante de que não se contém, quando em Portugal.

Uma velha botica

Quando fui com Isabel Lustosa numa viagem relâmpago a Sobral, levei-a, manhã cedo, a tomar

cafezinho no Beco do Cotovelo, e logo depois à Farmácia Santa Rita para cumprimentar o Edvard Dias, conforme a tradição.

Ela ficou deslumbrada com os móveis antigos da botica. E se impressionou também com a nobreza de Edvard. Disse-lhe que não se pode falar em aristocracia de sangue de quem veio ali do Boqueirão, entre a Serra do Rosário e da Meruoca, e, sim, da fidalguia de espírito que depende de cada um. Que se adquire com a vida. É o caso dele. Por mim, só não gostei de ver o diploma de primeiro lugar que conquistou na Faculdade, que está amarelecendo e daqui a pouco vai ficar irreconhecível.

Um defunto sem futuro

Não é que haja ficado previdente, depois do sessenta. Há muito, pois, saí da garantia. Principalmente pelo consumo industrial de bons *rouges*, *scotchs* de boa linha e alguns queijos de matar de desgosto o nutricionista mais exigente. Tenho de ter, pelo menos, algum, não muito, juízo. Fui, então, ao Campo da Esperança comprar um lugarzinho para me abrigar depois da festa. Afinal, Brasília não tinha até então crematório. A moça me atendeu e disse que as vendas estão suspensas. Perguntei-lhe se morrendo, agora, terei onde me hospedar. Ela responde que sim:

“Neste caso, dá-se um jeito”.

Só vende a mercadoria para uso imediato. Não de dizer que estou muito mórbido. Que nada! É realismo mesmo. Um dia desses, o cardiologista de-

clarou que tenho um grande coração. Pensei que podia me vangloriar disso. Que nada. Coração grande, pesado é meio caminho andado para o cemitério. Eis porque fui atrás de adquirir túmulo e dei com a cara na parede. É que não gosto de dar trabalho a ninguém. Principalmente trabalho póstumo. Além da maçada do enterro, os preparativos para guardar o presunto. Um presunto que nada promete. Nem pode prometer. Porque serei defunto sem o menor futuro. Morrendo, não melhora em nada a vida dos herdeiros.

Nem a alegria de embolsar gordo seguro de vida lhes proporciono porque estou impedido de fazê-lo depois que botei meia sola no coração em Paris. Então, para poupar os sobreviventes de aborrecimentos, tentei, em vão, aliviá-los de resolver o da última moradia e não consegui.

Um gordo pra lá de bom

Pelo telefone, José Rosa Filho me dá conta da tragédia: Tancredo Carvalho partiu. Teve muita pressa de ir embora aquele colega e amigo. Primeiro, admirei o colega. Depois, aprendi a respeitar sua correção quando em altos cargos do Estado e da União. Nos últimos tempos, tive o privilégio de sua amizade, passei a apreciar seu bom senso, a usufruir de sua boa companhia. Se estivesse em Fortaleza, iria hoje ao Iate para erguer um brinde ao amigo querido que foi embora. Deixou saudades e patrimônio moral. Era um gordo pra lá de bom cuja companhia merecíamos por muito mais tempo.

Um micro ciclótico

Micro é bicho caprichoso. No trópico, sofre de lundu. Fica emburrado. Empaca. Ao meu acontecem tais crises. Depois pára, fica bonzinho como se não lhe tivesse acontecido nada. É ciclótico. Por conta de um raio. Parei porque fiquei quase um mês sem ele, sem meus endereços. Quando voltou, de disco rígido novo, ainda precisou incorporar o acervo antigo. Coisa de que Raquel se encarrega aos poucos. Como a menina, além do trabalho, ainda cumpre Curso de Economia para jornalistas, a coisa está indo devagar. Um dia, volto à toda.

Um sessentão de bem com a vida

Taí uma homenagem equivocada: a prestada ao aniversariante. Quem, de fato, a merece são os autores, os pais, “seu” Costa, que já partiu, e dona Dolores que está, como em todos os momentos, aqui a meu lado.

Urgências sexuais

Há tanto motel espalhado pela cidade e ainda tem gente, flagrado em casa, na cama, com parceiro do mesmo sexo. Que urgência será essa que não pode esperar? Que tem de ser ali mesmo atendida, às vezes, para surpresa da cômpute ou dos filhos? Por que os apressadinhos não têm o trabalho, sequer, de fechar as portas dos aposentos em que se vão recrear?

V

Vaidade muita

Dá para notar a quem me lê, uma só vez, a incomensurável vaidade que me acompanha. Assim quanto me disseram que o Alberto Galeno decidira, ano passado, entronizar minha fotografia na galeria da Casa de Juvenal Galeno, aquiesci pressuroso. Logo vi que incidira em erro. Em precipitação. O vaidoso adora homenagens. O modesto, não. Este só aceita a homenagem depois de a recusar e recusar, publicamente, pelo menos duas vezes, para que muitos saibam de sua modéstia e de sua humildade e para que renovem a proposta, a oferta. Enfim, todos gostam de homenagens, de festas, fotos apositas em galeria de honra, hermas ou estátua em praça pública. O modesto as quer enfeitadas, duplicadas, bisadas. Eis a diferença.

Valorização do bandido

Considero das letras mais tocantes a da música “Meu guri”, de Chico Buarque de Holanda em que uma mãe de favelado vibra com a presença do filho assaltante, morto em ação, na primeira página do jornal. É do que me lembro, a toda a hora, quando vejo e ouço a televisão tratando os bandidos como

estadistas, em todos os noticiários. Com carinho de mãe. Assim o crime compensa. Rende, no mínimo, a notoriedade.

Vestibular para chato

Inexoravelmente tornar-me-ei um chato de galochas. Como me contarei diante das fartas ucharias e das adegas requintadas? É verdade e isto pode pesar a meu favor, no futuro, também vejo estas beldades que se oferecem na tevê, estas Carolinas Ferraz, Ana Paula Arósio, Maria Fernanda Cândido e não me sinto na obrigação de agarrá-las, apalpalas, sequer lê-las pelo método Braille. Por que faria isto diante dos bons rouges e dos irresistíveis queijos? Paro um pouco e reflito: será que serei mesmo um chato de galocha? por que galochas se ninguém usa mais tais pisantes?

Porque, como já disse, mantereí a lucidez enquanto os outros navegarão docemente para a morte interina, causada pelo álcool. E provavelmente, convertei-me-ei em apóstolo da BACОВI (a Barreira Contra o Vício), do Baltazar Barreira. Passarei a apontar, como crimes, a glutoneria e a embriaguez dos amigos. Como aquele rato da anedota que descobriu uma maneira de roubar o mel de um cidadão, ensopando o rabo e chupando-o depois. O certo é que o cidadão colocou uma ratoeira na proximidade da garrafa e quando o roedor se aprestava a roubar o precioso líquido teve o rabo amputado pelo golpe traiçoeiro da máquina. Cotó, ele passou a repreender os outros ratos a quem ensinara a fórmula de

subtrair mel: “pessoal, olhem o mel do homem. Não roubem o mel do homem”. Porque a virtude é monótona, porque, com frequência, filha legítima da impotência.

Viajar e fazer turismo

Tenho um amigo que fez mais de cinquenta viagens à Europa. Nem, por isso, o considero turista. Explico já porque. É o cara que, numa cidade estrangeira, menos anda a pé. Não tem paciência pra sair pelaí, de mão no bolso, olhando pra cima feito basbaque, capaz de se entusiasmar, de vibrar com uma descoberta. Se sai, toma o táxi. Não convive com o nativo no ônibus, no metrô, na rua. Tem o ar blasé de quem já conhece tudo. Então, pra que veio? Mal chega ao hotel em Paris, mete-se num pijama debaixo de confortáveis cobertas e se dana a telefonar pro Brasil. Não sai dali prum show, prum museu, prum bom jantar, por dinheiro nenhum. Quando o vejo me pergunto: por que não seguiu o conselho de nossas avós para as quais “boa peregrinação faz quem, em sua casa, permanece em paz?”

Tem outro tipo de não-turista. É o assolado pelo medo de gastar.

Alguns dos viajantes se deixam ensandecer pela sensação de insegurança. O medo de ficar pobre. Em dólar. Já vi um casal amigo de trinta anos, colegas todos de trabalho, voltar rompido da Europa por conta de divergências em torno de despesas. É, vejam bem os leitores, não são sovinas vernáculos. Não têm fama de pães-duros em real, não. Aliás, isto nada tem a ver. É tão engraçado a gente ver

barão brasileiro, com o esbanjamento de vida de barão, se esconder em pulgueiros parisienses, ficar em hotéis totalmente incômodos, como se tivessem vindo com todo o sacrifício, prum tratamento de doença, pra enfrentar grave problema, com pouco dinheiro. O pior, porém, não é optar por tais hospedarias, não. É gabar-se delas. É se vangloriar de que, à noite em Paris, não sai pra jantar, não. Compra pão, presunto, Coca ou vinho numa dessas Félix Potin e se tranca no quarto do hotel para economizar. Deus me livre de ser obrigado a um programa de índio desses. Ora, se o bom, em Paris, entre outras coisas, consiste em encher o bandulho em seus restaurantes, quebrar todo o regime, encarando soberbos vinhos, consumindo formidáveis outras, aquelas lagostas divinas, os queijos cheios de gordura, que nos fazem mal ao ácido úrico, ao colesterol e que são a festa de nossas panças! Pra fazer regime, a gente fica em casa.

Tem outro erro muito freqüente do viajante de meia-idade. É o de querer conhecer, duma vez só, uma dúzia de países. Como se fosse aquela a última viagem. Não tivesse outra oportunidade na vida. Ora, depois de certa fase da existência, o que se requer é concentração. Ficar num país ou dois. Numa cidade. Você tem tanta coisa a conhecer em Atenas, Lisboa, Praga, Budapeste, Viena, Paris. Pra que sair, pelaí, esbaforido, de língua de fora, tentando ver o que não dá pra ver? Termina não conhecendo nada. Ficando com torcicolo. Dor de cabeça.

Corre o risco de não ver nada. De não se acrescentar muita coisa. Como aquele casal que vinha duma dessas expedições. O marido, na sala, falava aos amigos, das velhinhas que viu fazendo o *trottoir* ou *streap-tease* em Pigalle. Lá dentro, a mulher mostrava, às amigas, o botim. As roupas e calçados que adquiria. À certa altura, porém, se deixou assaltar por dúvida cruel e indagou do respectivo:

“Beeiinnn, qual foi aquela cidade em que quebrei a virola do sapato?”

Depois de alguma hesitação, o “beeiinnn” esclareceu:

“Acho que foi Roma, bem.”

A tanto ficara reduzida a impressão da Cidade Eterna.

Vivendo despreocupadamente

Quando fazia o “Anuário do Ceará” com Dorian Sampaio, a cada edição terminada, pegava o “apurado” e ia gastar na Europa. Um médico, amigo de Parsifal, sempre lhe indagava como podia eu levar tal padrão de vida. Mandei-lhe dizer que, diferente dele, não entesourava dinheiro, não comprava terrenos e apartamentos. Investia em mim. Mais tarde já aqui em Brasília um colega de jornal, conhecido por sua avareza, me disse:

“Com o que gastaste em tuas viagens ao exterior dava para ter um bocado de terrenos no Lago”. Não tenho, não. Nem há mais tempo de pensar em tal acumulação.

Em compensação em 1994 consegui concretizar sonho de toda uma existência: morar em Paris. Levar a família ao contato com a cultura do Velho Mundo. Fazer a prole estudar no Liceu Montaigne bem defronte ao Jardim de Luxemburgo e Curso de Civilização Francesa na Sorbonne. Bater perna de mochila às costas por treze países europeus. É claro que saiu caro. Caríssimo. Para viajar tive de torrar um imóvel e a frota de carros. Ao voltar passamos a nos locomover no meu intrépido Uno Mille da Fiat.

Trouxe, porém, na bagagem patrimônio espiritual que ninguém me pode seqüestrar, arrebatá-lo. Filho meu não espera, por isso, herdar apartamentos ou ter uma dessas festas de casamento em que se arruína a classe média. Já receberam adiantamento da legítima, vivendo na França e nos Estados Unidos. Táí herança que nunca acaba.

Vôo de dia

Raro dormir em avião, tamanhas minhas responsabilidades de co-piloto. E co-piloto assustado que treme, sua as mãos, se agarra, nervosamente, à poltrona a qualquer oscilação do aparelho. Canso mais em viagem aérea durante o dia, a gente espianando as nuvens e nada vendo de novo. Ou então o olhar fixo no visor que fornece os dados de distância, altura, temperatura, a cada instante e assim agravam minha ansiedade. De noite, quando há treva e silêncio todo o mundo silencioso, nada para tentar ver, da janela do pássaro de aço, embora esteja

acordado, minha neurose se aplaca, disfarça. Para matar o tempo na viagem de volta de Lisboa, Régis Jucá me passou revistas semanais. Ao folheá-las como que ouvi o tilintar das registradoras das empresas editoras.

Vou morrer do tratamento

Por conta do excesso de zelo, dona Dolores me impôs interdição ao álcool e aos últimos prazeres da carne que me restam: os caranguejos, as ostras, os camarões, até a carne de carneiro que não sabia reimosa, tão venenosa. Carlos Éfrem e Clélia, por sua vez, querem me submeter a uma tal bateria de exames que me darei por feliz, muito feliz se depois de tão fotografado em minhas intimidades, sangrado, pinicado, ainda restar com vida.

X

Xuxa

O filho de Fátima, consultora da Câmara, César, de cinco anos, assim reagiu quando a mãe, alegou falta de dinheiro para não lhe comprar algo:

“Por que, quando nasci, você não me deu pra Xuxa criar?”



Composto em **Tiffany Lt BT** e impresso nas Oficinas Gráficas da **ABC Editora**, no mês de outubro de 2003, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará — Brasil.

Fonc: (085) 264-3540.**

